



UNEAERO BRASIL

12 ANOS DE LUTA



UNEAFRO

12 ANOS DE LUTA

São Paulo, 2021



Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva de UNEafro e não representa necessariamente a posição da FRL.



UNEafro 12 anos de luta - Copyright©. Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença CreativeCommons de 'Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas' (BY-NC-ND)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

UNEafro : 12 anos de luta / organização Tomaz Amorim, Vanessa Nascimento ; ilustração Daisy Serena. -- 1. ed. -- São Paulo : Oralituras : UNEafro, 2020.

ISBN 978-65-990318-5-4

1. Educação 2. Movimento negro popular 3. UNEafro Brasil- História I. Amorim, Tomaz. II. Nascimento, Vanessa. III. Serena, Daisy.

20-50366

CDD-378.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : UNEafro : História 378.0981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

UNEAFRO 12 ANOS DE LUTA

ORGANIZAÇÃO Tomaz Amorim e Vanessa Nascimento

PREPARAÇÃO DE TEXTO Tomaz Amorim

PRODUÇÃO EXECUTIVA Dalva Santos e Bianca Santana

FOTOS Acervo UNEafro, Raos Irie e Thiago Fernandes

TEXTOS ADICIONAIS Frei David Santos, Maria José Menezes e Tomaz Amorim

EDUCADORES POPULARES Adriano Sousa, Camila Paula de Souza, Cleyton Borges, Débora Dias, Dêmily Nóbrega, Douglas Belchior, Elaine Correia de Oliveira, Flavio Moreira de Paula, Franciana Lacerda, Jaime Amparo Alves, José Henrique, Kaio Gabriel Gameleira da Silva, Levi Castro, Lilian Damasceno, Maria Morita, Nilza Ferreira, Renato Abramowicz Santos, Rosângela Martins, Thiago Rubens da Silva, Vanessa Nascimento, Wagner Nascimento, Wlisses Daniel Silva Cabral

UNEafro

uneafrobrasil.org

Facebook/[@uneafrobrasil](https://www.facebook.com/uneafrobrasil)

Twitter/[@uneafrobrasil](https://twitter.com/uneafrobrasil)

Instagram/[@uneafrobrasil](https://www.instagram.com/uneafrobrasil)

comunicacao@uneafrobrasil.org

Fundação Rosa Luxemburgo

DIRETOR Torge Loeding

COORDENAÇÃO DE PROJETOS Christiane Gomes

rosalux.org.br

Oralituras

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maitê Freitas

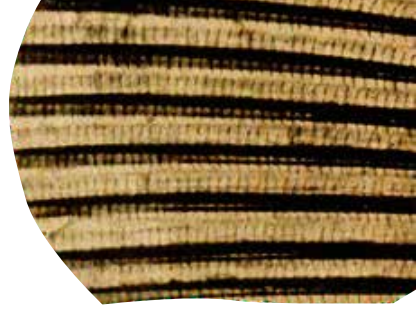
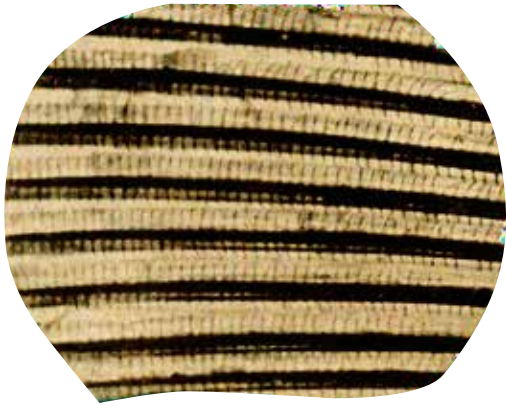
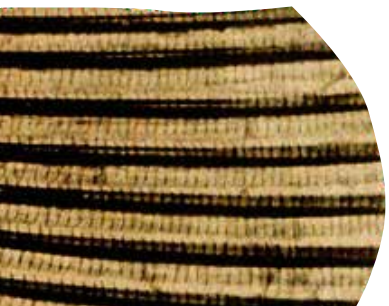
REVISÃO Fernanda Sousa

PROJETO GRÁFICO Nina Vieira

ILUSTRAÇÕES E CAPA Daisy Serena

oralituras.com.br

oralituras@gmail.com



S U M Á R I O



007	<i>Prefácio</i>
011	<i>Nota introdutória sobre o livro</i>
015	<i>Frei David Santos</i>
023	<i>Cleyton Borges</i>
033	<i>Jaime Amparo Alves</i>
037	<i>José Henrique</i>
045	<i>Rosângela Martins</i>
051	<i>Nilza Ferreira</i>
055	<i>Flavio Moreira de Paula</i>
059	<i>Linha do tempo UNEafro</i>
065	<i>Camila Paula de Souza</i>
069	<i>Thiago Rubens da Silva</i>
075	<i>Franciana Lacerda</i>
081	<i>Wlisses Daniel Silva Cabral</i>
085	<i>Dêmily Nóbrega</i>
091	<i>Levi Castro</i>
095	<i>Wagner Nascimento</i>
099	<i>Maria Morita</i>
107	<i>Adriano Sousa</i>
111	<i>Lilian Damasceno</i>
115	<i>Débora Dias</i>
119	<i>Elaine Correia de Oliveira</i>
123	<i>Kaio Gabriel Gameleira da Silva</i>
129	<i>Renato Abramowicz Santos</i>
133	<i>Vanessa Nascimento</i>
137	<i>Douglas Belchior</i>



PREFÁCIO

por Maria José Menezes

A União de Núcleos de Educação Popular para Negros e Classe Trabalhadora, UNEafro Brasil, comemora os seus dez anos de fundação. A entidade nasce da articulação e protagonismo da juventude negra e antirracista que ousou desafiar o lugar que esta sociedade, moldada pelo racismo estrutural, lhe impunha e criou uma entidade de luta nas fileiras do Movimento Negro de São Paulo. A UNEafro é nova e inspiradora, pois não é possível falar do Movimento Negro em São Paulo na última década sem citar ações e mobilizações de que ela participou e tantas vezes protagonizou. A entidade, por sinal, nasceu sob o signo da reivindicação quando, nos primeiros dias do mês de março de 2009, um grupo de ativistas fizeram o lançamento da entidade com a realização de protesto na Faculdade de Medicina da USP cobrando a adoção de políticas públicas que garantissem o acesso da população negra nas universidades estaduais paulistas, a exemplo do que já estava em prática nas universidades públicas do resto do país.

A UNEafro desempenhou papel importante na formação da Frente Pró-cotas Raciais de SP, coletivo que reuniu mais de sessenta entidades e ativistas independentes com o objetivo de, mais uma vez, elaborar uma política de reserva de vagas nas universidades estaduais paulistas. Para isso foram organizados debates, aulas públicas e audiências na Assembleia Legislativa de São Paulo, a ALESP, para os quais foram convidados dirigentes das universidades, especialistas e ativistas. Estas ações foram essenciais para obter o apoio da sociedade e, ao mesmo tempo, provocar as universidades estaduais paulistas a saírem do atraso em relação ao perfil étnico de seu corpo discente.

Infelizmente, a Universidade de São Paulo só daria os primeiros passos pela democratização do acesso aos seus cursos de graduação no vestibular de 2018, quase uma década após esta ação e a UNICAMP, em 2019. A UNESP foi a pioneira das estaduais paulistas, iniciou o processo em 2014. Porém, no resto do país a adoção das cotas raciais nas universidades já havia começado em 2003. Por isso, a célebre frase proferida há dez anos por Douglas Belchior, um dos fundadores da entidade, na fundação da UNEafro ainda soa atual: *“Escolhemos a USP porque ela é um espelho concreto da exclusão e a Faculdade de Medicina ainda mais, porque representa o berço do elitismo paulistano”*.

Dirigidos por voluntários e voltados principalmente para a área da educação, os Núcleos da UNEafro têm forte atuação na defesa da cidadania de grupos historicamente excluídos e silenciados como a juventude negra, cujo cotidiano é repleto de violações por parte do Estado, quando nega ou precariza o acesso dos equipamentos de saúde, lazer, educação, segurança, mobilidade urbana e, tragicamente, pelas mãos de seus agentes de segurança, que atuam no genocídio e o encarceramento destes jovens. O histórico de reivindicações do Movimento Negro por políticas de estado voltadas para a nossa população vem de longa data, porém, somente na segunda metade da década de 1980, período de redemocratização do país, surge a oportunidade real de construirmos tais políticas, através de delegados da Assembleia Nacional Constituinte de 1987 que discutiram e aprovaram a Constituição de 1988. E é somente a partir desta data, há pouco mais de trinta anos, portanto, que o Estado brasileiro universalizaria o acesso ao ensino médio nas escolas públicas. Os indicadores sociais mostram qual parcela da população pagou a conta por esta cruel política de exclusão. Em 1988, completariam também os cem anos do fim da escravidão negra no Brasil, um momento de muita reflexão no seio do Movimento Negro.

Estes dois acontecimentos marcaram este período e foi nesta conjuntura, repleta de esperanças mudanças estruturais, que no ano de 1987 o Núcleo de Consciência Negra na USP iniciou suas atividades. Uma das primeiras ações foi a “Abolição Interrogada”, seguida da campanha por REPARAÇÕES JÁ!, movimento de entidades negras de todo o país que exigiam a retrata-

ção do Estado brasileiro pelo crime da escravização de milhões de africanos e seus descendentes por mais de trezentos anos e, no período pós abolição, pela adoção de políticas públicas de exclusão, perseguição e morte desta população. Já que as consequências da escravidão persistiam nas vidas dos negros e negras, o Estado brasileiro, a exemplo de outros países que cometeram crimes contra a humanidade, deveria pagar uma indenização monetária para cada descendente de africanos escravizados, além de implementar políticas públicas específicas para diminuir as desigualdades. Sabíamos, no entanto, que a adoção das políticas de ações afirmativas levaria longos anos até ser implementada e numa articulação de ativistas negros surgiu o projeto dos cursinhos populares pré-vestibulares voltados para a população negra. O projeto foi considerado polêmico até por setores aliados do MN, que insistiam na crença do mito da democracia racial na sociedade brasileira. O problema, diziam, era apenas social. Mesmo assim, em 1992 o Cursinho Steve Biko inicia as suas atividades em Salvador e dois anos depois o Cursinho Experimental para Negros do Núcleo de Consciência Negra abre a sua primeira turma. Ambos seguem ativos. É a partir destas duas experiências pioneiras que a proposta dos cursinhos populares toma fôlego.

O impacto dos cursinhos populares é inegável. Foram entidades como a UNEafro que possibilitaram à juventude negra, historicamente excluída das universidades, adentrarem a estes espaços com senso crítico, postura política de vanguarda, compromisso com seu grupo social. É esta juventude negra que, mesmo diante de uma conjuntura extremamente conservadora, segue comprometida com a construção de uma sociedade dentro dos marcos civilizatórios. A deputada Marielle Franco é a síntese desta juventude. Marielle utilizou da experiência acadêmica como ferramenta de luta contra o racismo estrutural, por justiça, foi uma defensora incondicional dos direitos humanos. Seu legado, construído por anos de ativismo político, custou-lhe a vida, mas a fez um dos maiores ícones de luta negra, feminista e socialista. Os alicerces são profundos e duradouros e a UNEafro faz parte desta construção.

Vida longa à UNEafro!

Nota introdutória sobre o livro

Tomaz Amorim Izabel
Núcleo Virtual

Conheci a UNEafro Brasil em Poá, minha cidade natal. Amigos militantes, professores e pessoas ligadas à transformação social na cidade davam aula e colaboravam com o núcleo de cursinho popular. Em 2012 fui convidado para dar uma aula de literatura, área de minha formação, para uma turma, num sábado de manhã. Nunca mais saí. Minha carreira acadêmica foi positivamente influenciada pelas questões da militância negra e pelos modos de organização do movimento popular. O acúmulo acadêmico, por sua vez, pôde ser compartilhado no movimento, assim como as práticas de pesquisa. Colaborei com textos, manuais, o *Jornal Identidade* e, por isso, tive a honra de ser convidado para organizar este livro de dez anos da UNEafro.

Desde o começo, a ideia foi que o livro se organizasse como o movimento: através da diversidade dos núcleos e das pessoas que os constróem. Assim, entrevistamos coordenadores do núcleo e militantes para que pudessem contar suas experiências pessoais e comunitárias, a partir do chão do trabalho de base nos núcleos. Apesar do tratamento textual, esperamos que algo da língua falada de cada um destes relatos tenha permanecido. O movimento é construído sobretudo através da voz: das rodas nos núcleos, dos áudios gigantesco do Whatsapp, das plenárias, das reuniões de organização, das festas de começo e fim de ano, dos cantos. Essa voz tem entonações diversas, dura, na luta contra a opressão sistêmica, doce, receptiva no trato com os jovens periféricos cheios de sonho. Essa voz grita e sussurra, canta e silencia, de acordo com seu interlocutor e com sua estratégia de luta. Esperamos que algo disso seja perceptível através dos textos.

O leitor perceberá também, para além das anedotas e da trajetória pessoal de cada militante (o que por si só já faria deste

livro um documento importante da história da luta antirracista e pró-educação popular da última década no Brasil), a diversidade dos núcleos da UNEafro, seja na localização geográfica dos núcleos, seja em suas práticas diversas, sua organização em pagodes, em cursinhos populares, em rodas de capoeira, em centros culturais, em centros de referência de família e de saúde. Mas o leitor também perceberá a repetição de certos temas, a dureza da vida da juventude negra e da classe trabalhadora nas periferias (espremidos entre a violência do estado e do crime organizado). O sentimento meio amargo dos professores e coordenadores, que se alegram pelas vitórias dos seus alunos e, ao mesmo tempo, se entristecem pela repetição dura da violência e do jogo de cartas marcadas que é a busca por sucesso profissional de jovens negros e periféricos em um país racista.

Melhor do que me estender nessa introdução é deixar que os próprios militantes falem e que assim a UNEafro Brasil conte sua própria história, através de suas próprias vozes, gírias e sotaques. Para tentar organizar estes últimos doze anos de maneira mais cronológica, optamos por organizar os capítulos seguindo os anos de fundação de cada núcleo sobre o qual seu militante fundador fala. Começamos antes da fundação, com um texto do Frei David Santos, fundador da Educafro, organização de luta ligada à Igreja Católica, de onde surgiu posteriormente a UNEafro Brasil. Frei David descreve a conjuntura de lutas antirracistas que levou ao surgimento dos diversos movimentos sociais também que passaram a se organizar em torno de cursinhos populares. Em seguida, falando já a partir da fundação da UNEafro Brasil em 2009, Cleyton Borges, Jaime Amparo e José Henrique contam sobre suas próprias trajetórias, os primeiros anos de ações do movimento e sua organização. Daí em diante cada capítulo traz um militante contando sua história no movimento, a fundação do seu núcleo e as vitórias e dificuldades do trabalho com a juventude negra e periférica. Alguns núcleos não existem mais, outros continuam firmes e fortes. Os capítulos finais trazem um balanço do presente, já em 2020. Vanessa Nascimento faz um balanço das lutas do ano, em contexto de pandemia. (É neste contexto que também surge o Núcleo Virtual da UNEafro, do qual faço parte e que surgiu para atender virtualmente nossos alunos durante a pandemia). Para terminar em tom afrofuturista,

de luta, Douglas Belchior reflete sobre o que passou e sobre o que ainda está por vir para nosso movimento.

Este livro já nasce como um documento histórico de uma das organizações mais importantes na luta negra e na luta por educação popular no Brasil. No contexto bolsonarista, de ataques sistemáticos à educação e de recrudescimento da violência estatal, este livro serve como testemunho das lutas passadas e de nosso compromisso intransigente com as lutas futuras.

Desejo ao leitor muito axé na leitura!





Frei David Santos

DIRETOR EXECUTIVO DA EDUCAFRO

“Nossa mãe limpa banheiro em uma universidade particular e ela descobriu que os funcionários têm direito a bolsas de estudo para seus filhos e agora ela está forçando a gente a estudar lá”. Tal resposta foi tão chocante que decidi que a partir daquele momento ia lutar por cotas para negros ingressarem em universidades públicas e privadas.

A EDUCAFRO surgiu em forma de energia em 1976, quando ingressei no seminário franciscano para ser padre e lá, acabei por sofrer um forte racismo. Naquele momento nasceu este movimento que hoje chamamos de EDUCAFRO. Decidi investir na luta para que o negro assuma a sua negritude e comece a mudar sua realidade. A negritude é a energia propulsora.

A segunda fase, ainda em forma de energia, surgiu por volta dos anos 1980, quando coordenei um encontro de formação para aproximadamente 100 jovens pobres, maioria absoluta de negros e de baixa renda para discutir o empoderamento deste público na realidade social da baixada fluminense, onde atuava como sacerdote franciscano. Ao perguntar aos jovens se alguém cursava uma universidade, ninguém se manifestou e ao perguntar se alguém gostaria de cursar, apenas dois jovens levantaram a mão, sendo que estes dois eram irmãos. Foi perguntado se essa universidade era pública, eles responderam que não. Era privada. Assim veio à mente: Como dois jovens negros de baixa renda vão conseguir pagar uma universidade privada? Mas, buscando esclarecimento para a situação inusitada, perguntei e a resposta foi a seguinte: “Nossa mãe limpa banheiro em uma universidade particular e ela descobriu que os funcionários têm direito a bolsas de estudo para seus filhos e agora ela está forçando a gente a estudar lá”. Tal resposta foi tão chocante naquele momento que decidi que a partir daquele momento ia lutar por cotas para negros ingressarem em universidades públicas e privadas.

A terceira fase, também em forma de energia, foi quando conseguimos, junto com o saudoso Padre Batista, que trabalhava na Catedral de São Paulo e também atendia as demandas da população negra, convencer o Cardeal Dom Paulo Evaristo, Reitor de honra da PUC-SP, a aceitar a nossa sugestão e fazer a PUC-SP abrir seu coração e estudar a criação de um plano de inclusão de negros. O Reitor em exercício que recebeu a demanda, na ocasião, não quis levar adiante a ousada proposta. Não desanimamos e voltando para o Rio, lutamos e conseguimos que a PUC-Rio acolhesse um plano de inclusão de pobres.

Isto fez surgir a quarta fase, também em forma de energia em movimento, gerando uma articulação de Pré-Vestibulares para Negros - PVC. A conquista de bolsas para pobres na PUC-Rio foi só uma estratégia para colocarmos negros “aos montes” na PUC. E deu certo! Até a nossa mártir dos dias atuais, Marielle Franco, assassinada por políticos ligados às milícias, foi fruto desta energia que escancarou as portas da PUC-Rio para os negros e outros pobres. O trabalho forte na PUC Rio passou a ser a primeira política pública de inclusão de negros em universidades do Brasil. Nela, pessoas do governo federal também se inspiraram para criar o ProUni, que é uma das maiores políticas públicas de inclusão universitária do mundo!

A quinta fase foi delicada, pois foi um conflito interno no Pré-vestibular para Negros: alguns negros e alguns brancos eram contra o nome negro e queriam uma mudança para Pré-vestibular social. Levamos o processo com muita estratégia e se adotou uma mudança que contemplou os dois lados: Pré-vestibular para Negros e Carentes – PVNC.

A sexta fase foi um outro conflito, cujo foco estava na pergunta se devíamos ou não abrir uma Ação Civil Pública contra as universidades que não concediam o direito dos pobres a terem isenção da taxa do vestibular. Fui derrotado na votação e comuniquei que enquanto PVNC não poderia mais abrir a ação, mas tinha direito e iria abrir como cidadão e abri! Vencemos! Todos os que foram contra passaram a se beneficiar largamente desta vitória!

A sétima fase foi a expansão dos trabalhos para São Paulo, onde a Universidade São Francisco nos disse nas negociações que só aceitaria nos conceder bolsas se fôssemos uma entidade legalizada. Assim, no conflito entre intuição e instituição, nasceu a EDUCAFRO, que é mantida pela Francisco de Assis: Educação,

Cidadania, Inclusão e Direitos Humanos (FAecidh), associação civil sem fins lucrativos, tendo como missão ajudar os desfavorecidos a cursar o ensino superior.

Contada a história da Educafro, vou falar das suas razões sociais, dos motivos da sua existência e de outros cursinhos populares. É fundamental debater e mudar o foco da Educação destinada ao povo negro. E isso não apenas falar da realidade de uma parte significativa da população: é discutir o Brasil. A escravidão marca tudo que nosso país produziu, seja sua riqueza ou sua pobreza. Mais ainda, a falta de escola básica pública de qualidade e os obstáculos ao acesso do negro ao ensino universitário perpetuaram a desigualdade socioeconômica entre brancos e negros no nosso país. E a conquista das cotas, já não resolveu? Não! Mais de 30% dos cotistas negros estão abandonando suas faculdades por falta de bolsa moradia e alimentação. Só por este item já se define o quanto é necessário o serviço prestado pela EDUCAFRO.

Nossa missão é focar fortemente nas oportunidades educacionais para negros. Há uma diferença étnico-racial contra a criança negra logo na pré-escola, em que as crianças de 4 e 5 anos já devem, por lei, frequentar a sala de aula. Em 2014, segundo dados do IBGE e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), 12,7% das crianças negras ainda estavam fora da escola. Infelizmente, hoje, em 2019, este índice cresce ainda mais e de forma violenta ampliando a exclusão.

A dificuldade de acesso se soma à crise de aprendizagem presente no Ensino Fundamental. Um dos fatores que proporcionam isso é a alta rotatividade de professores em escolas em bairros de periferia, onde estão as crianças negras. Os professores precisam dividir suas atenções em mais turmas por lecionarem em mais de uma instituição. A consequência é que o aluno negro tem menor aprendizado justamente por receber professores desgastados e desmotivados, com quem não tem tempo de construir boa relação. A desvalorização histórica dos professores afeta diretamente o futuro do negro no Brasil.


Os próprios professores (em grande parte negros) não são remunerados como deveriam. De acordo com o Pnad 2015, os salários dos professores com curso superior correspondiam a 52,5% da média do rendimento de outras carreiras com mesmo grau de instrução. O trabalho do professor se torna precário e o aprendizado dos estudantes fica comprometido devido

à ausência de valorização do salário docente e da inexistência de incentivos por parte dos gestores públicos, ao trabalho em áreas periféricas onde se desenvolve a educação popular. Isso é comprovado pelos dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA). Em 2014, entre os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública com nível socioeconômico muito baixo (com renda familiar mensal de até um salário mínimo - maioria negros), apenas 14,3% tinham aprendizado suficiente na alfabetização de matemática. Por outro lado, entre os estudantes da rede pública com nível socioeconômico muito alto (renda familiar mensal com mais de sete salários mínimos), o índice foi de 85,9%. O processo de exclusão social colocou o povo negro na faixa socioeconômica mais baixa. Essa crise de aprendizado persiste tanto que, segundo a Pnad, somente 66,4% dos negros terminaram o Fundamental até os 16 anos e 33,6% nem terminaram: ficam pelo caminho... A exclusão na educação incide fortemente na desigualdade racial no Brasil.

Todo processo culmina no Ensino Médio, em que os adolescentes negros, sem aprendizado suficiente, não têm condições de acompanhar o conteúdo e muito menos competir com estudantes brancos ricos por vagas nas universidades públicas brasileiras. Essa etapa é uma estratégia maldosa que prejudica os mais pobres e contribui com o status quo, em que a população negra que ocupa os empregos em que o nível de exigência intelectual é pequeno, reproduzindo uma sociedade injusta, entre os que nasceram para “mandar” e os que vivem para “obedecer”. Se junto com as cotas fosse implantada uma forte política pública que garantisse a inclusão, o futuro poderia ser diferente.

Esse é o contexto de muitos dos alunos negros que vem à EDUCAFRO. Recebemos pessoas privadas de seus direitos, que foram maltratadas pelo ensino público. Assim, nossas ações por cotas ainda serão necessárias enquanto não houver sérios investimentos, planejamento e preocupação real em trazer equidade para ensino básico público voltado para os negros e mais pobres.

As cotas são a mais extraordinária política pública de inclusão em universidades em todo o mundo! Entidades fizeram vários movimentos, em diferentes lugares do Brasil, para conquistar as cotas para negros no Brasil. Os movimentos que a EDUCAFRO realizou, de 1999 em diante, junto aos poderes do estado do Rio



de Janeiro foram determinantes para a vitória: a primeira universidade brasileira – UERJ – adotou as cotas, o que contagiou todo Brasil. Assumiu como Governadora interina a nossa irmã negra Benedita da Silva e a EDUCAFRO aproveitou essa brecha para radicalizar na luta por cotas para negros. Não avançou e fomos para o Ministério Público estadual. Ali a nossa representação caiu nas mãos de uma procuradora responsável que, a pedido da EDUCAFRO, intimou o Governador e o Reitor da UERJ para se explicarem porque a diferença de negros na sociedade e na medicina eram tão gritante? O grande professor da mais importante Universidade do Mundo, Harvard nos EUA, Dr. Michael Sandel, em seu livro “Justice”, evidencia que o bem comum está acima do bem pessoal. Compensar injustiças históricas e erros do passado é a missão número um das Universidades eticamente responsáveis. O que é compensar senão adotar as COTAS? Ele atesta com autoridade que a escravidão foi uma injustiça do passado e que precisa ser corrigida hoje com inclusão. Realizem essa tarefa com consciência, responsabilidade e competência. A UNESP e muitas outras adotaram COTAS para negros e estão atingindo a meta. A USP, classificada como a melhor da América Latina, foi a última a atender às nossas demandas.

Todas as universidades precisam seguir o exemplo de Harvard e incluir nos seus Projetos Políticos Pedagógicos o compromisso da inclusão, da diversidade étnica e de classe social. Assim, a educação universitária no Brasil estará em sintonia com o século XXI, século da busca sincera pela igualdade de direitos. O Supremo Tribunal Federal, por meio da ADPF 186, mostra a todas as universidades de que é este o caminho mais justo e constitucional para dar oportunidade para todos: adotar as cotas. A EDUCAFRO se sente com a missão do dever cumprido ao ver que após a implementação e apresentação das falhas, a sociedade está assumindo o combate às fraudes. Estamos preocupados porque a lei foi assinada para 10 anos e as entidades da comunidade negra ainda não estão se mobilizando para garantir uma revisão qualificada da lei e sem retrocessos.

Para voltar a falar sobre os cursinhos: eles foram e são fundamentais para mudar toda a realidade educacional no Brasil. Cada um do seu jeito e com suas convicções. O investimento do Estado deve refletir a prioridade da Educação como política de Esta-

do. Há um divórcio entre os interesses políticos dos governantes e a necessária garantia dos direitos do povo negro. Eles se corrompem pelo dinheiro sem se preocupar em gerar equidade socioeconômica através da Educação. O agravante da situação está no fato que nós cidadãos ainda não somos vigilantes o suficiente em relação ao uso de recursos públicos. O grande momento da Educação brasileira chegará quando a sociedade passar a cobrar por melhorias na escola e por maior controle do dinheiro público e principalmente que essa educação seja emancipadora de fato, como disse Paulo Freire: “educação como prática de liberdade”.

Outro fator importante é o cumprimento da lei que determina o ensino da história da África, dos africanos, dos indígenas e a luta do negro no Brasil a cultura negra e o negro na formação da sociedade nacional. O marco legal de 2003 determina que o assunto integre o currículo de escolas públicas e privadas. No entanto, a legislação não é respeitada na maioria das escolas brasileiras mesmo após 16 anos da aprovação do texto. Com a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental incluindo essa temática, urge implementá-la totalmente, mas como? Acionado em todos os estados e municípios do Brasil, é o Ministério Público que tem sido omissos com esta demanda. Criança nenhuma pode passar a Educação básica sem compreender o papel da cultura do nosso povo na construção da identidade nacional. Além da importância cultural, essa parte da matéria tem a função de afirmar desde a tenra idade, um orgulho de suas raízes e de seu passado. Passado que jamais se resumirá apenas à história da escravidão, apesar de reconhecermos, claro, a importância de seu entendimento para compreender nosso presente. Nenhum estudante pode deixar de entender a grande injustiça que foi a escravidão. O ensino desse tema é fundamental para formação de cidadãos mais conscientes, que combatam o racismo presente na nossa sociedade. É evidente que sem Educação não se promove justiça racial e socioeconômica no Brasil. Para gerar equidade para negros e mais pobres é indispensável eleger candidatos que priorizem a Educação. São necessários mais recursos para Educação, porque sua qualidade é indissociável de maior investimento. Mas isso deve ser acompanhado de mais vigilância da sociedade quanto à aplicação do dinheiro público. Não se trata só de votar com consciência. É cobrar go-

vernantes por mais investimentos. É exigir da máquina pública a boa gestão dos recursos.

Os cursinhos UNEafro, EMANCIPA e outros fazem parte da nova boa safra de cursinhos comunitários e que trazem dentro do seu bojo a missão de inovar no servir aos negros e aos pobres. Sabemos que entre os pobres, os mais pobres são os negros. Analisando as fotos no site do EMANCIPA e da UNEafro, podemos deduzir que a UNEafro está mais próxima dos pobres pois tem muito mais negros recebendo oportunidades. Acreditamos que o Cursinho empodera e sabe que este é um desafio a vencer e vai vencer. Como? Terá o compromisso de incluir negros, entre os selecionados, na mesma proporção que há de negros na sociedade, conforme indicação do IBGE. Há várias maneiras de se trabalhar a inclusão do negro nas universidades e a UNEafro, UNEafro a experiência acumulada, está sabendo avançar. Na realidade brasileira, há espaço e caberia ainda algumas centenas de cursinhos novos fazendo este trabalho e ainda ficaria gente de fora. Precisamos acelerar a inclusão do povo negro nos espaços das universidades.





Cleyton Borges

“UNEafro Brasil é pertencimento e mutirão”.

Meu nome é Cleyton Borges, sou natural da cidade de Passos, sul de Minas Gerais onde vivi até o ano de 2000, quando migrei para São Paulo, morando na zona leste desde então. Formado em direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais, atualmente sou supervisor de um serviço que atende pessoas com deficiência vítimas de violência em São Paulo. Também sou educador popular.

Conheci a proposta de cursinhos comunitários e populares através de uma reportagem numa das primeiras edições da revista Caros Amigos no ano de 1998, que li na biblioteca de minha faculdade. Rasquei e guardei a página da revista e fiquei encantado com a idéia. A reportagem passava orientações de como se criar um cursinho comunitário no seu bairro. Um dos entrevistados era o Frei David Raimundo dos Santos co-fundador do PVNC - Pré-Vestibular para Negros e Carentes, do Rio de Janeiro, e também da Educafro, que se instalou em São Paulo em 1997. Ainda na universidade, no terceiro ano do curso de Direito, conheci amigos que militavam no movimento negro de Minas Gerais e organizaram em Passos os agentes de pastoral negros - APNs, ligados à Igreja Católica, com fundamento na Teologia da Libertação, que realizava missas-afro, com elementos da cultura afro-brasileira e religiões de matrizes africanas. Passei a participar desse grupo e também das CEB's - Comunidades Eclesiais de Base na região, dando aulas em catequese e grupos de fé e política. Ambos os grupos tinham na sua maioria pessoas negras e contavam com solidários brancos, gente como eu, ligada aos movimentos estudantil e também aos sindicatos de professores.

Levei ao meu coletivo a proposta do cursinho comunitário e vários toparam a idéia. Divulgamos em panfletos nas comunidades, jornal e rádio da cidade: o desafio era organizar o primeiro cursinho comunitário preparatório para vestibular da região, que atenderia jovens das escolas públicas de Passos e também de algumas cidades próximas. Após alguns meses de preparação e reuniões entramos em contato com a Educafro de São Pau-

lo e foi criado no ano de 1999 o núcleo de Passos da Educafro, com turmas de segunda à sexta e de sábado e domingo. A nossa coordenação reuniu mais de 30 professores voluntários. Hoje, 21 anos depois, o núcleo segue funcionando. Quando concluí a faculdade e ingressei como advogado na Ordem dos Advogados do Brasil-OAB, conciliei o trabalho de professor voluntário e coordenador do cursinho, sendo que me dispus a ser advogado gratuitamente dos estudantes que pretendiam prestar o vestibular de 2001 para USP, Unesp e Unicamp. Naquele ano, a taxa de inscrição para o vestibular público era um terço do salário mínimo, algo impossível de ser pago por parte dos alunos. Fizemos uma vaquinha para pagar minha passagem e eu vim para São Paulo para dar entrada em 21 ações judiciais que pudessem garantir ir a isenção da taxa do vestibular para o pessoal do cursinho. Ligamos (de orelhão!) para a Educafro, que me acolheu por uns dias no convento franciscano. Daí organizamos ações de mandado de segurança também para estudantes de São Paulo. O que desencadeou um mutirão de advogados voluntários que propôs, naquele ano, mais de 150 ações coletivas e individuais, abarrotando o Judiciário de São Paulo contra as três universidades públicas do Estado. Ganhamos as ações e voltei pra Passos. Duas semanas, depois aceitei um convite para compor a coordenação da Sede da Educafro, juntamente com outros parceiros e parceiras que também tinham anos de experiência em cursinhos. Era a primeira equipe montada na Sede, remunerada por projeto da Província Franciscana, a partir da arrecadação coletiva dos cursinhos de São Paulo.

Os cinco primeiros anos de trabalho na Sede da Educafro, de 2000 a 2005, envolveram o grupo que viria a fundar a UNEafro. Nesta época crescemos muito em amizade e vontade de expandir a atuação. Corro o risco de citar nomes e deixar alguns de fora. Por isso vou apenas deixar a eterna gratidão a todas e todos! As três principais demandas foram:

- A organização da rede de cursinhos comunitários, que chegou a 4 estados do Brasil e a 120 núcleos em São Paulo, e a busca por alternativas de acesso a universidades públicas e privadas com bolsas.
- O fortalecimento da formação política através de uma disciplina denominada na época de “Cultura e Cidadania”, com debates sobre direitos humanos, racismo, educação popular e

história da África. Esse conteúdo, bem como outras bases de atuação com fundamento teórico, é a marca levada para os cursinhos da UNEafro, a partir de Paulo Freire, e o que diferencia nossos cursinhos dos demais;

- A democratização do acesso aos vestibulares, fim das taxas, debate sobre a presença de negros e pobres na USP, que culminou na luta por cotas raciais, intensificada posteriormente nos primeiros anos da UNEafro.

O próximo período, entre 2006 e 2009 (já como UNEafro), foi marcado pela intensificação da presença de cursinhos populares nas mobilizações das ruas, protestos e articulações políticas como a Frente Pró-Cotas Raciais, o Comitê contra o Genocídio da Juventude Negra (com mais de 100 entidades), as denúncias da violência policial e a ampliação do debate nacional sobre as dimensões da luta antirracista, juntamente com a luta por igualdade de gênero, diversidade sexual, protagonismo da juventude, ampliação de orçamento para a educação e um forte caráter de classe nesta atuação.

As mobilizações de rua, feitas por cursinhos comunitários e outros movimentos, amadureceu o contexto de dissidência de parte da coordenação da Educafro, acompanhada de parte de seus cursinhos, centenas de militantes e apoiadores desta nova organização que era proposta. O nosso grupo fundador da UNEafro Brasil surgia, tendo como grande diferencial a idéia de valorizar radicalmente o trabalho de base originário de seus núcleos localizados nas periferias, com característica descentralizada de atuação, assim como sua identificação com o campo progressista do espectro político popular e da esquerda latino-americana, e, acima de tudo, se reconhecendo como agente propulsor do movimento negro em São Paulo, estando aqui a sua centralidade de atuação. Após meses de fortalecimento e intensas reuniões do grupo, surge a UNEafro Brasil. É importante, para compreender esse momento, ler a Carta de Saída da Educafro, assinada pelo grupo fundador da UNEafro Brasil e seu manifesto de fundação.

Não há como negar o quanto os 11 anos que antecederam a criação da UNEafro Brasil contribuíram para sua solidificação, especialmente na raiz de sua atuação de base e fundamento de sua ação transformadora. Nossos cursinhos da UNEafro surgiam em 2009 já com conhecimento de causa e nosso movimento

surgia como a novidade em termos de mobilização negra, porém com passos largos já dados em longa trajetória de seus fundadores e respeito aos que nos antecederam. A UNEafro é ao mesmo tempo herança ancestral, continuação de lutas históricas e nova forma de lutar. Junto e misturado. A gente sentiu que a coisa era pra valer quando houve grande adesão à fundação em 2009 por parte de gente que antes atuava em movimentos estudantil, sindical, feminista, acadêmico, camponês, cultural-artístico, autônomo ou partidário, e deixou de atuar nesses espaços para somar na nossa construção inicial e fazer da UNEafro seu local de militância. Hoje, 10 anos depois, isso continua e muitas pessoas pegam esse bastão, vindo dar continuidade, pois se encanta e decide se jogar na UNEafro. Talvez aqui esteja uma senha importante: mais do que falar das desigualdades e urgências políticas de nossa atuação (acabar com o racismo e destruir o capitalismo!) é um trabalho de tesão, dedicação e entrega.

Mas o que alimenta o trabalho do dia-a-dia nos núcleos da UNEafro Brasil e faz companheiros e companheiras dediquem 5, 10, 20 anos a esta luta? A mesma pergunta que ouvimos nas primeiras reuniões na década de 90: como vocês fazem para reunir tanta gente? Como reunir tantos profissionais, professores, educadores e outros colaboradores, com tanta qualidade no ensino, tanto envolvimento, a custo zero? Qual é a mística, a simbologia e os princípios que estão reunidos na proposta do cursinho comunitário e popular?

Responder sobre o envolvimento da juventude, remete a pensar sobre um questionamento mais profundo, por que não dizer, utópico, que é justamente a vontade, o desejo, o direito de sonhar. A juventude pode sonhar? Que sonho é permitido na periferia? E, como os nossos primeiros núcleos funcionavam na sua maioria em escolas públicas ou igrejas, o que rolava era uma verdadeira ocupação e ressignificação do espaço coletivo por moradores do bairro, dando uma nova cara a ambientes sem acesso. Enfim, o cursinho é o lugar comum onde todo mundo se junta por ter sonhos parecidos, mesmo sem a consciência desta coletividade, e ainda sem perceber quanta gente sonhava igual. Tanta gente pensava igual, se parecia com você, ria igual a você, chorava igual a você, poderia voar longe, uma vez permitida essa utopia coletiva a cada fim de semana, entende? É a nova versão do quilombo, do movimento de alfabetização, da

liga camponesa, da comunidade eclesial de base, gente igual, tal como pólvera acendendo a conquista coletiva que está por vir. Quer melhor exemplo do que enviar bolsistas para cursar medicina em Cuba, como fizemos nos primeiros anos? Ou ver estudantes nossos se espalhando por várias universidades federais e sendo agentes deflagrador de outros movimentos, como moradia, saúde, LGBTQIA+, comunicação e até mesmo no parlamento? A galera que passava pelo cursinho logo estourava em outras lutas! Decepção com isso? Estavam abandonando o seu núcleo de origem? Não, a gente forma lutadores e lutadoras pro mundo. E isso é uma alegria danada de se ver!!

Como reunir tanta gente nos cursinhos? É só a luta por sobrevivência, formação, renda, emprego? Não. Nunca é. É bem mais. A consciência de raça, classe e gênero, aliadas à vontade de transformar a realidade do seu bairro, sua cidade, país ou continente, também gerava forte identificação. Disciplinadamente, doando horas da semana para uma luta mais ampla do que a sua luta pessoal por sobrevivência. A luta do outro, também é minha! Todos os núcleos da UNEafro que contribuem na idéia, na construção, nas aulas, na reunião de professores, na estruturação e divulgação me mostraram o quanto pessoas que fazem o que gostam e amam podem encontrar resultados em pequenas ações cotidianas. E não o fazem por dinheiro, mas sim pela grata satisfação de se ver no outro e ser espelho para tanta gente! Revolução quase invisível. Enquanto a esquerda institucional se debatia em mandatos e carreiras políticas, e, enquanto sindicatos e partidos se afundavam em pautas corporativas, nós estávamos ali, diuturnamente, sem espaço de mídia ou holofotes, preparando centenas, milhares de novos militantes e profissionais para as novas gerações de luta. Dali saíram os porta vozes do novo protagonismo negro e popular em TODOS os espaços de luta, cultura e trabalho desse país. O trabalho dos cursinhos fez brotar inúmeros lutadores e lutadoras nas décadas seguintes. E estamos falando apenas da UNEafro. Eu poderia citar aqui dezenas de outros cursinhos, alguns inclusive sem sequer um nome ou página na internet.

Quem entrou numa sala de aula do cursinho popular e comunitário nos anos 90 viu ali a escola pública refletida no ideário dos que que sonham com a sala de aula da escola cheia, com educação crítica e de qualidade pulsando, com diversidades

em cada turma, pluralidade de ideias e o mais completo fervilhar cultural. O que a periferia pode produzir? Antes de teóricos e acadêmicos falarem a respeito, os cursinhos comunitários da UNEafro (e outros) repetiam, com sua prática, revoltas populares de séculos passados, com o PRINCIPAL fator a se destacar: com liderança de mulheres negras e homens negros. O papel, a fala e o lugar de pessoas pretas na UNEafro sempre foi de liderar e protagonizar as ações. E, nesse mesmo espaço, há o apoio de pessoas solidárias, brancos, trabalhadores, jovens e adultos, unidos na luta. Sei, com experiência de 20 anos de caminhada, qual o lugar e qual a tarefa dada a mim e a cada pessoa que um dia somou esforços nessa construção.

Agora gostaria de falar um pouco mais sobre os núcleos de que participei: Núcleo Dércio Andrade, de Passos/MG, a partir do qual apoiamos a abertura de outros cursinhos em Guaxupé, Poços de Caldas e Campo Belo. Em São Paulo, após o nascimento da UNEafro Brasil, vou citar a minha participação na articulação de cinco núcleos muito importantes para o movimento, como o Núcleo Luiza Mahin, preparatório para concursos jurídicos, em que reunimos advogados recém-formados com conteúdo de direitos humanos durante dois anos. Também o Núcleo Tereza de Bengala – José Bonifácio que funcionou em Itaquera e Guaianases, no CEU Jambeiro, sede da AMPARAR, com parceria local e depois na Paróquia Matriz Nossa Senhora do Carmo de Itaquera – local de resistência da teologia da libertação. O Núcleo Luz, que surgiu de uma articulação com o Projeto Transcidadania e a Pastoral do Povo de Rua, acolhendo mais de 30 pessoas trans no seu primeiro ano. O Núcleo de Sapopemba Angela Davis com Cedeca – Centro de Defesa da Criança e Adolescente de Sapopemba e o CDHS – Centro de Direitos Humanos de Sapopemba, que foi fundamental para envolver a juventude local, devido ao histórico de violência no bairro.

O trabalho de base exige paciência histórica, consciência da sua importância, entrega e pertencimento. A paciência histórica nos obriga a perceber que o trabalho feito hoje pode ter resultados somente daqui a uma, duas ou até três gerações. A UNEafro Brasil é assim: você ajuda a plantar uma árvore e não sabe se vai usufruir de sua sombra. É quilombo. É foco de resistência, é trabalho simples como cuidado do pão, do chá, do café, do xerox, do simulado, correr atrás da doação, trazer giz da

escola, ligar durante a semana para o aluno que faltou, acolher a aluna que abandonou o núcleo porque começou a trabalhar, ouvir o parceiro que perdeu o pai no sistema carcerário ou pro tráfico, falar uma palavra amiga para a colega que vai ter bebê, montar a grade de aulas com antecedência, ligar para professores, substituir uma aula por outra, planejar e improvisar ao mesmo tempo. A UNEafro é sentir e ser em pertencimento: ali na sala do cursinho, somos iguais. Quem fez mestrado o doutorado é igualzinho aqui a quem fez a sétima série, desde que colabore na correria, no almoço, na hora de lavar o banheiro, de negociar o uso de uma sala abandonada de associação de bairro, igreja ou conversar com o diretor da Escola para liberar o espaço fechado em fim de semana!

Ao mesmo tempo, é pensar a pauta pra mídia, o tema do panfleto, a entrevista, o assunto pra rede social. É elaborar Carta pro Governador, pra Comissão de Deputados de Orçamento pra Educação, ensino da África, conteúdo do ENEM, apostila! Todos podem e devem apoiar cada ação. Estar no cursinho é poder denunciar racismo, cobrar política de cotas, isenção, vaga em mestrado. É propor protesto, reunião, abaixo assinado. Todo mundo pensa a política e faz acontecer. Pensar a revolução, as ações, a política, não é e não pode ser, no movimento que construímos e propomos nesses 10 anos, apenas direito ou tarefa de poucos iluminados ou iluminadas. A vanguarda precisa ser coletiva e horizontal.

O nome que escolhemos para nosso movimento – **União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora** – deve ser lido e relido a todo momento. É tema constante passar aos que chegam, um pouco de nossa origem e cada sentido que esse nome traduz. Por que União? Por que Núcleos? Por que Educação Popular? Por que Negros e Negras separados de Classe Trabalhadora? Falar e ouvir com os mais novos. Falar e ouvir com os mais velhos. O cursinho vive e faz viver. Ele é mais que ocupação do tempo ocioso. É luz na vida de estudantes de todas as idades, é cultura, é música, rima, slam, namoro, boteco, morte e vida, gente que sofre, gente que goza, faz festa, passeio no sítio, eleição, protesto, bandeira, megafone, panfleto, tudo ao mesmo tempo!

Somos tudo isso. Resumindo:

UNEafro Brasil é pertencimento e mutirão.

Segundo a pesquisa, o risco de ser assassinado para adolescentes de sexo masculino é 11,9 vezes maior do que para mulheres na faixa de 12 a 18 anos. Ainda de acordo com o Estudo 33.504 adolescentes brasileiros serão assassinados em um período de sete anos, que vai de 2006 a 2013.

Alckmin diz que toda abordagem da PM segue mesmo padrão

Comandante da Rota disse que ação da tropa deve ser diferente nos Jardins e na periferia

LEIS ADORNO
de UOL

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), afirmou na tarde desta sexta (25) que a PM utiliza o mesmo padrão e a mesma conduta em todas as abordagens.

Foi a resposta do tucano quando questionado sobre frase do comandante da Rota, Ricardo de Mello Araújo, que, em entrevista exclusiva ao UOL, divulgada na quinta (24), afirmou que a linguagem do policial muda dependendo do bairro.

"Ele já explicou o que ele tentava dizer", disse o governador. "O procedimento é o mesmo. Primeiro, respeito às pessoas e seguir os padrões técnicos e operacionais, que são muito rígidos", afirmou o governador.

Na entrevista, Mello Araújo afirmou que o policial deve se adaptar ao território em que está. "É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma dele abordar tem que ser diferente. Se ele [policial] for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins [região nobre de São Paulo], ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado", disse.

"Da mesma forma, se eu coloco um [policial] da periferia para lidar, falar com a mesma forma, com a mesma linguagem que uma pessoa da periferia fala aqui no Jardins, ele pode estar sendo grosseiro com uma pessoa do Jardins que está ali, andando", completou Mello Araújo, que está no comando da

tropa de elite da PM de SP desde o dia 4 de agosto.

Ao telefone, a assessoria de imprensa da PM informou à reportagem, na quinta, que o comandante tinha sido "Infeliz nas palavras". Naquela noite, a comunicação social da PM divulgou uma entrevista com o comandante, feita por um policial, em que Mello Araújo se justifica sobre suas afirmações.

"A abordagem, não só da Rota, mas da Polícia Militar, ela é padronizada. Nós temos procedimentos operacionais padrão. Em qualquer local, ela é feita da mesma forma."

Em nota divulgada nesta sexta, a corporação diz respeitar as opiniões pessoais de seus integrantes e que as ponderações do comandante "não interferem na doutrina institucional, nem tampouco em seus procedimentos operacionais padrão".

PEDIDOS

O ouvidor da Polícia de São Paulo, Julio Cesar Neves, enviou, nesta sexta, um ofício à Secretaria da Segurança Pública cobrando "providências" a respeito da afirmação do comandante da Rota, e outro à Corregedoria da PM, questionando se o argumento utilizado por Mello Araújo infringe algum item do Código de Conduta da PM.

Entre as "providências", o ouvidor cita "o repasse da informação à tropa de que todos os cidadãos são e devem ser tratados iguais e, caso sintam a necessidade, uma eventual troca no comando".

Até a conclusão desta edição, a secretaria da Segurança não se manifestou sobre os ofícios enviados pelo ouvidor.

Uma petição, assinada por 55 movimentos sociais e coletivos, foi entregue à secretaria, Ministério Público, Casa Civil e gabinete do governador também nesta sexta (25), pedindo a demissão de Mello Araújo.

Os movimentos e coletivos representam a chamada "Frente Alternativa Preta".

"Pedimos a saída dele, mas formulando em tom de pergunta, através da Lei de Acesso à Informação. Assim, os órgãos são obrigados a nos responder", afirmou Douglas Belchior, da Unesteó.



Operação da Rota, tropa de elite da Polícia Militar paulista, na última quarta-feira (23)

JUSTIÇA MILITAR

Promotoria vai recorrer de resolução sobre cena de crime

DO "AGORA" - O Ministério Público afirmou que vai entrar com uma ação de inconstitucionalidade contra a resolução do Tribunal de Justiça Militar do último dia 18, que determina que PMs apreendam instrumentos e objetos (armas, cassetetes e documentos) que tenham relação com crimes cometidos por policiais militares contra civis.

Para a Promotoria, a resolução contraria a competência da Polícia Civil.

Em nota, o Tribunal de Justiça Militar afirmou que tem compromisso "com a Constituição, nossas leis e a Justiça". Segundo o órgão, é atribuição da Polícia Judiciária Militar investigar delitos militares.

A Secretaria Estadual da Segurança Pública, do governo Geraldo Alckmin (PSDB), disse que "a norma determina que os policiais que primeiro atenderem a ocorrência devem preservar o local até a chegada das autoridades policiais, corregedorias das polícias Civil e Militar, se necessário, e das equipes de perícia".

“O procedimento é o mesmo. Primeiro, respeito às pessoas e seguir os padrões técnicos e operacionais, que são muito rígidos. É o mesmo padrão operacional e a mesma conduta

GERALDO ALCKMIN (PSDB)
governador de SP

A dívida é grande, e as iniciativas nas quais apostam nossos governantes provam-se incapazes.



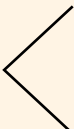
Jaime Amparo Alves

“O que se mostrava evidente era a criatividade dos pobres em reinventar a favela como uma geografia da resistência, em contraposição à geografia do terror policial”.

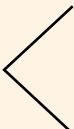
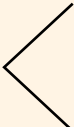
Eu comecei a trabalhar na Educafro em 2002, quando ainda fazia faculdade de jornalismo, em uma universidade particular na Baixada Santista. Eu vivia no bairro de Morrinhos II, uma favela corroída pela violência policial e o abandono estatal. O Morrinhos era uma área aterrada com lixo e entulhos para servir de terreno em cima do mangue. O núcleo da Educafro Morrinhos funcionava no bairro ao lado e ali eu comecei, primeiro como professor voluntário de História do Brasil e, depois, como um dos coordenadores. Os professores eram, em sua maioria, pessoas negras, empobrecidas e militantes de movimentos sociais. Os alunos e alunas eram na maioria filhos e filhas de nordestinos que migraram para São Paulo nas décadas anteriores e que compunham uma massa de “condenados da terra” que ocupa áreas de risco em paraísos ecológicos como Guarujá.

Em 2003, depois que terminei a faculdade, subi para a capital para trabalhar na Educafro. Passei um tempo trabalhando como voluntário e mais tarde me integrei à equipe coordenadora do Setor de Políticas Públicas. Na Educafro, assessoramos conselhos universitários de instituições federais no “lobby” pelas ações afirmativas, alimentamos a mídia com material estratégico para construir uma narrativa favorável às cotas raciais, e desenhamos projetos, alguns dos quais foram incorporados como políticas públicas do governo Lula.

Em São Paulo, trabalhei também no núcleo Valo Velho, Estrada de Itapecerica da Serra, como professor de redação. Os desafios em todas estas áreas eram enormes. Estávamos trabalhando com uma população vitimada em vários aspectos. Por exemplo, lembro-me que na temporada de chuvas, muitos estudantes não vinham ou porque seus barracos estavam ameaçados de desmoronar ou porque não conseguiam chegar a tempo do trabalho



pelos alagamentos que transformavam suas vidas em um inferno. E lógico, havia a violência policial. Imagine aí, um curso pré-vestibular de 7 às 10 da noite, na Estrada de Itapeperica. Eu mesmo voltava para casa com medo. Uma pessoa negra às 10 da noite em um ponto de ônibus na Estrada de Itapeperica é uma aposta cara por demais nessas geografias do terror policial.



Embora eu sempre tivesse expressado minhas discordâncias políticas com a direção da Educafro, somente depois eu me juntei a UNEafro Brasil. Na ocasião do rompimento, eu já estava fora do país fazendo um mestrado/doutorado e voltava frequentemente para uma “pesquisa ativista” com os núcleos de base do Jardim Ângela (Jardim Souza) e Valo Velho (Estrada de Itapeperica). Com estes grupos desenvolvi minha “pesquisa” como professor de núcleo e acompanhando casos sobre violações de direitos humanos pela polícia, participava do Fórum em Defesa da Vida, no Jardim Ângela, e das reuniões mensais dos Conselhos de Segurança do fundão da Zona Sul. Em todos estes casos, o que se mostrava evidente era a criatividade dos pobres em reinventar a favela como uma geografia da resistência, em contraposição à geografia do terror policial. Mas também nestes espaços fui me dando conta de como uma agenda “domesticada” de alguns movimentos sociais representavam um “freio” à rebeldia da juventude negra. A juventude negra da periferia tem uma “identidade explosiva” e não cabe a nós militantes delimitar seus contornos ideológicos e limites práticos. Nesse sentido, para mim, a UNEafro Brasil representou uma aposta radical nessa rebeldia negra, uma rebeldia que não poderia ser contida em reuniões de gabinetes, em liturgias católicas, em reformas da instituição policial ou em plataformas de campanhas políticas. A UNEafro Brasil surgiu como uma utopia negra no terreno distópico e macabro que é a periferia paulistana onde milhares são sequestrados como prisioneiros de guerra, outros assassinados, e outros desaparecidos.

Ao mesmo tempo, eu gostaria de terminar deixando algumas perguntas para a reflexão nessa dobra da segunda década da UNEafro Brasil. Será que a educação universitária é a aposta mais relevante para o momento? O que fazemos com os jovens que não querem estudar, não compram o discurso da educação compulsória e não se conformam com às regras cruéis da so-

cidade capitalista/neoliberal segundo as quais é preciso estudar para “ser alguém”? Qual o programa radical/insurgente da UNEafro Brasil para uma periferia onde as pedagogias de paz, inclusão e justiça espacial colapsam frente ao corpo negro matável? E finalmente, é a aposta eleitoral uma via alternativa ou um amortecedor ideológico para o impulso insurgente da juventude negra urbana? Pode a esquerda branca, intelectual, responder aos desafios urgentes de uma educação popular para a guerra?





José Henrique

NÚCLEO IX DE JULHO – MTSC, BELA VISTA, SÃO PAULO/SP

“O cursinho popular não entra como um remendo, para consertar a escola. Não. O cursinho popular entra como uma alternativa de luta para melhorar a escola pública”.

Meu nome é José Henrique, sou militante político desde 1978 aproximadamente. Minha atividade política é sindical, sou professor da rede pública estadual e trabalhador da saúde pública estadual e municipal. Na minha intervenção sindical, sempre coloquei a questão racial, a questão do preconceito, do racismo. Até mesmo pelo perfil das categorias em que eu estou inserido como professor e trabalhador da saúde. Há pouco profissionais negros, professores, médicos, biólogos de nível universitário. A população negra dessas duas categorias está nos serviços mais precarizados, nas funções que não exigem universidade e, às vezes, nem mesmo ensino médio. Então, a minha luta sempre foi alinhar a luta sindical com a questão racial, sempre fiz parte das oposições sindicais porque a direção majoritária dessas entidades, a meu ver, burocratizada, de uma certa forma secundarizava as lutas específicas, particularmente a luta anti-racista. Eles colocavam uma ou outra proposta, organizavam a secretaria de negros, de mulheres, mas sempre de forma vinculadas às decisões da corrente majoritária.

Eu tive contato com os cursinhos populares no ano 2000. Fui professor voluntário da Educafro no bairro periférico da Zona Norte de Jova Rural, onde fui professor por dois ou três anos. Quem me levou para lá foi a mãe dos filhos do Milton Barbosa, a Fátima. Depois eu me afastei por um problema na garganta e quando eu retornei em 2006-2007 participei da fundação do PSOL. Em um dos debates que a Educafro organizou, lá na Rua Riachuelo, eu participei como um dos candidatos a deputado federal e lá conheci rapidamente o Douglas. Ele era uma das pessoas que estava organizando o evento. Nesse período, entre 2006 e 2009, eu tive uma militância mais intensa dentro do PSOL, tentando organizar a secretaria de negros e outras ta-

refas de partido até que, por uma opção política e uma organização do meu tempo, decidi me dedicar mais integralmente ao movimento popular. Foi aí que eu soube que havia já a UNEafro e procurei participar de algumas atividades. Antes, eu já UNEafro participando de várias atividades que a Educafro organizava. Uma vez a gente ocupou a Praça da Bandeira, outra vez participei do Grito dos Excluídos, enfim, estávamos juntos em várias atividades de luta anti-racista. Quando eu voltei para o movimento popular, procurei me vincular como professor voluntário e fiz a opção pela UNEafro porque entendia que ela tinha muita similaridade na sua política com que eu pensava, com que eu defendia. Hoje eu fico contente de participar da UNEafro, de estar junto com outros companheiros e companheiras construindo a UNEafro.

Comecei a dar aula na UNEafro na Brasilândia, no núcleo que a gente tinha lá, em que o Thiago Sorriso era um dos coordenadores. Ficamos lá até 2016, mais ou menos, quando o núcleo deixou de existir por problemas de espaço. Em seguida, comecei a dar aula do núcleo da Bela Vista, de segunda, quarta e sexta, durante a noite, e participando de todas as atividades que a UNEafro organizava, dos aulões, das atividades políticas de rua, enfim, fui conhecendo a UNEafro e me aproximando, fortalecendo o vínculo político. Ano passado, em 2018, a gente colocou uma proposta de organizar um núcleo do cursinho aqui na região central, aos sábados, e deu certo. Fizemos contato com o Movimento Sem Teto do Centro, por indicação do Ariel, que é um advogado do campo da esquerda, que tem ajudado na discussão de direitos humanos e na luta anti-racista, e concretizamos essa parceria com o MSTC através da Carmem, que é a coordenadora. A gente está no segundo ano de cursinho lá e é um cursinho que recebe majoritariamente jovens da periferia de São Paulo, não só da região central. A gente tem feito uma luta consequente. Os militantes, os ativistas e voluntários são pessoas engajadas, que tem o seu trampo, mas têm uma dedicação voluntária e política à educação popular. Nós nadamos contra a maré. Um sistema que impede que jovens, pobres, pretos e periféricos ingressem em uma universidade pública é um sistema perverso. Ele lança essa juventude no desespero e depois estimula o estado a assassiná-la. A educação popular, além de ser

conteudista, porque nós queremos os nossos jovens e as nossas jovens ingressem nas universidades públicas, é política porque queremos que esses jovens ingressem com consciência política, que ingressem assimilando esse conhecimento e socializando com a sua comunidade.

O perfil dos alunos do cursinho é de alunos pobres, pretos e periféricos. Esse ano aqui no cursinho da ocupação temos um público majoritariamente feminino. De uma sala de 40 alunos, temos só três alunos meninos. A gente está vendo que o trabalho deu certo, vamos insistir, continuar divulgando o cursinho. Existem dificuldades, principalmente com alunos pobres, alguns têm dificuldade com o valor da passagem de ida e volta, então, às vezes, é necessário fazer uma cotização, a gente até tira do bolso para garantir que aquele aluno ele consiga vir para o cursinho. Temos feito apelos, pedimos contribuições aos alunos, aos militantes, mas sem constrangimento. Falamos aos companheiros e companheiras que puderem contribuir com qualquer quantia, que isso acaba ajudando no valor de uma passagem por mês, no cafezinho, na bolacha, no transporte de algum companheiro companheiro que tenha dificuldade. Já os professores que participam em sua grande maioria são ativistas do movimento sindical, dos movimentos populares. São professores que dedicam parte do seu tempo livre porque entendem que é importante que as universidades tenham gente filho de trabalhador e trabalhadora, que elas tenham jovens pobres, pretos e periféricos e, por isso, se dedicam a essa tarefa.

O cursinho é uma conquista política. A UNEafro é reconhecida no Brasil e em alguns países como uma organização de base que organiza a luta, que enfrenta com responsabilidade e com firmeza as adversidades que o sistema impõe. Nossa resposta, além da sala de aula, é com manifestações de rua, com artigos políticos, com abaixo-assinados, com atos e, fundamentalmente, com unidade com outras organizações e coletivos do movimento negro e da esquerda democrática e socialista. Nós construímos a possibilidade de desmascarar esse sistema que está aí, mostrando que um sistema que é incapaz de garantir educação de boa qualidade para os seus jovens não é um sistema que deva ser preservado. Cotidianamente a gente vê pelos jornais, pela mídia, pela fala de governantes, expressões precon-

ceituosas de racismo. Quando o ministro da educação fala que a universidade é para uma elite, esse cara não merece o nosso respeito. Um país se constrói a partir do conhecimento adquirido por toda a população. O que ele fala e o que ele defende é que esse conhecimento se mantenha em um grupinho, no grupo dele, numa casta. Conhecimento esse que foi roubado da nossa ancestralidade. É importante destacar que os africanos, quando foram sequestrados e vieram aqui para o Brasil, vieram com conhecimentos tecnológicos e culturais, vieram com conhecimentos que foram apropriados. Muito antes da Europa se constituir como sociedade, os vários povos africanos tinham conhecimentos tecnológicos e culturais muito avançados. Foi isso que estimulou a sua invasão pelos brancos europeus, para se apropriar desse conhecimento. Nós estamos, na verdade, nos reapropriando do conhecimento que existe hoje. Além disso, essas instituições do saber são construídas com recurso oriundo dos impostos que majoritariamente os pobres pagam, então, nada mais justo que nós possamos usufruir dele.

A educação pública cotidianamente está sendo destruída. Eu dou aula desde 1986 e de lá para cá vejo que ela vem piorando. Os governos do PSDB aqui em São Paulo, que estão no governo já há décadas, vêm destruindo a educação e ela só não está pior por conta da luta dos professores, dos alunos, das entidades vinculadas à educação, tanto estadualmente, quanto nacionalmente. Hoje tem professores na rede pública que dão 20 aulas em 3 escolas. Na escola que eu dou aula tem uma professora que, segunda dá aula numa escola, na terça em outra, na quarta em outra e na quinta em outra. Isso por conta da redução das disciplinas, essa mudança de cima para baixo que o governo fez no currículo escolar e pela sucessivas reformas que os governos têm feito, fechando salas de aula e aumentando o número de alunos por sala de aula. A escola pública só não está pior por conta da luta daqueles que estão envolvidos diretamente com ela. O cursinho popular não entra como um remendo, para consertar a escola. Não. O cursinho popular entra como uma alternativa de luta para melhorar a escola pública. Nós temos como objetivo dar uma formação conteudista e política para que os nossos jovens entrem na universidade mas, em paralelo a isso, estamos juntos com outros movimentos e sindicatos, lutando

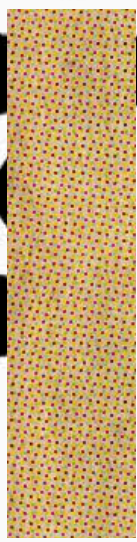
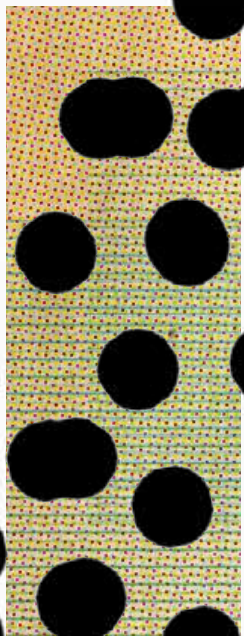
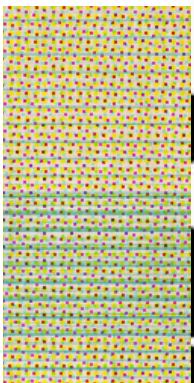
por uma educação pública e de qualidade, pelo fim do vestibular, pela permanência para os estudantes pobres nas universidades, por mais investimento nas universidades públicas. Que a educação, desde o primeiro ano, até o pós-doc, seja pública e gratuita porque só dessa forma a nação vai poder usufruir dos conhecimentos que sejam produzidos nessas universidades. É uma luta só, os cursinhos populares e ao mesmo tempo, a luta por educação pública de qualidade.

Nós sabemos pelos dados estatísticos que a violência do Estado, particularmente a violência policial, faz vítimas diariamente. E essas vítimas são jovens pretos, pobres e periféricos. O encarceramento, se nós fizermos uma análise da população carcerária, é majoritariamente de jovens negros. Uma grande parcela desses jovens tem apenas ensino fundamental. De 0,8 a 1% dos encarcerados tem formação Universitária, o restante tem nível fundamental ou nível médio completo e incompleto. Há, então, uma ligação, há um vínculo da formação escolar com o encarceramento. O Estado dificulta que o jovem ingresse em uma universidade pública e antes em uma escola pública de boa qualidade. As salas são superlotadas, os professores estão cansados e abatidos, é uma escola que não acolhe, é uma escola que expulsa, criando mais dificuldades para esse jovem ter acesso ao conhecimento, ao emprego e à possibilidade de sustentar sua família. Deliberadamente o estado não quer o jovem pobre, preto periférico na universidade com acesso ao saber, se organizando politicamente nas escolas, em grêmios, em coletivos, etc. O cursinho mostra que é possível atrair esse jovem e convencê-lo de que o estudo, o acesso ao saber permitirá a ela ocupar uma posição nessa sociedade. Não para oprimir os outros, mas para libertar. É um conhecimento que, trabalhado politicamente, pode libertar, pode ser utilizado politicamente para organizar aqueles que são iguais a ele.

A gente ri com os alunos, os alunos contam histórias, contam dificuldades e nós tentamos nos utilizarmos como exemplo, mostrar que a saída é coletiva. Eu chegava em casa depois da meia-noite porque estava no centro estudando e morava na periferia. Minha mãe, acordada ainda, pegava meu prato de comida e esquentava no forno enquanto eu tomava banho. Às vezes ela acordava um pouco mais cedo e passava minha roupa para eu

ter uns 15 ou 20 minutos a mais de sono, porque trabalhava e estudava. É dessa forma que a gente vai vencer, com a família ajudando, com o companheiro, com a companheira, com o filho, com a filha. Porque muitas vezes você é o primeiro a cursar universidade na família, e isso é motivo de orgulho para os pais. A saída é sempre coletiva.

Ano passado foi o primeiro ano do cursinho na ocupação. Esse ano estamos tentando errar menos. Fizemos reuniões com os professores, ouvindo as sugestões e as avaliações. Demos uma reorganizada no cursinho, então, esperamos que os frutos venham. Ano passado a gente conseguiu que duas alunas ingressassem em universidade pública. A Grazielle ingressou na UNIFESP em Química Industrial e a Marina, que ficou com a gente o trimestre de 2018, ingressou na Universidade Federal de São Carlos em Biblioteconomia. A Grazielle, compreendendo a necessidade de ajudar o cursinho, se dispõe a participar aos sábados das tarefas de coordenação de organização do núcleo aqui com a gente. Seguimos na luta.





Rosângelo
UNEA

Rosângela Martins

NÚCLEO TEREZA DE BENGUELA, ITAQUERA, SÃO PAULO/SP

“UNEafro e a vida comunitária no cursinho dão força pra vencer, passar na OAB, ter um diploma, ter dignidade”.

Eu soube dos primeiros cursinhos no final da década de 90. Ainda não existiam programas de bolsas ou cotas. Nem internet. As informações corriam nas reuniões das pastorais, grupos de jovens das igrejas, comunidades eclesiais de base que eu participava. E sabíamos das vagas para estudar ou dar aula como voluntárias “de boca em boca”, por quem participava... era muito diferente de hoje.

Sou do primeiro grupo que fundou a UNEafro, que foi dissidência na Educafro. Gostava de acompanhar o progresso, as mudanças de visão, de entendimento.... Ajudei a abrir muitos cursinhos novos. Gostava da mobilização em torno do cursinho e do bairro, falar nas igrejas, sindicatos, panfletar na rua, ir nas escolas públicas.

Era uma geração de jovens muito politizada, sonhadora. Queríamos mudar o mundo. Os três núcleos que colaborei no início ficam na Zona Leste, na Penha, Vila Rica e depois no interior em Bragança Paulista. Fomos estudar lá e decidimos abrir um novo cursinho de mulheres, todas bolsistas. Era todos os finais de semana.

Sem contar que tínhamos a faculdade pra tocar, no meu caso era o Curso de Direito com muito conteúdo, provas, estágio... Sem contar a cobrança da família, namorado, manutenção da bolsa e o racismo sempre presente. Você sabe, negros e negras são cobrados em dobro em tudo.

Os finais de semanas eram todos dedicados aos cursinhos. E durante a semana planejar aula, horário dos professores, formação política, protesto, reunião de coordenação, explicação para novos alunos.

O mais difícil é fazer os mais jovens acreditarem na gente. E também provar que somos capazes, num mundo machista e

com a violência contra o negro insistindo em nos desqualificar. A UNEafro e a vida comunitária no cursinho dão força pra vencer, passar na OAB, ter um diploma, ter dignidade.

Durante aquele período, a UNEafro ganhava força e destaque. Embora se apresentasse com uma liderança predominantemente masculina, os núcleos se estruturavam e ganhavam força, em muito por conta da organização das mulheres. Como a estrutura inicial se dinamizava pelos grupos de trabalhos (GTs), foi criado o GT de Gênero, que buscava fomentar a participação das mulheres nas discussões de pautas tais como o “8 de Março”, descriminalização do aborto, violência de gênero, solidão da mulher negra, opressão e invisibilidade na militância, etc. A participação das mulheres da UNEafro na construção do movimento era muito importante, mas não só em questões operacionais, ou como costumávamos ouvir “a discussão do sexo dos anjos”. É importante ressaltar isso porque nem os companheiros se davam conta do quanto essa maneira de falar nos colocava em um espaço inferior e de silenciamento. Isso nos deu força para nos organizarmos e buscarmos formações específicas de mulheres negras.

Nunca foi fácil, mas sempre marcávamos presença em grandes atos e passamos a entender que fazer parte dos processos de construção dava legitimidade para a nossa militância. O feminismo negro passou a ter maior visibilidade nesta época, inclusive dentro do movimento feminista branco, com o surgimento da geração “tombamento” e “lacrção”. Acompanhamos e participamos o processo da I Marcha das Mulheres Negras, em 2015 em âmbito nacional, e foi um divisor de águas no reconhecimento da UNEafro como um movimento não só antirracista e anticapitalista, mas principalmente não-machista, uma vez que não dá pra dissociar as pautas de lutas. Ainda há muito por fazer, e cada guerreira que passa, deixa a sua marca registrada e leva um pouco da UNEafro consigo também.

Também é importante ressaltar que durante esses anos, chegou a maternidade/paternidade e passamos a pensar em espaços para crianças, porque para os companheiros era muito confortável continuar participando do movimento, já as mulheres se afastavam... Então a ideia de creche e co-cuidado também surgiu a partir da necessidade de garantir a permanência

das mães na militância. A exemplo do Núcleo Impulsor da Marcha das Mulheres Negras em que, durante a marcha, as crianças ficam em uma creche sob cuidado de outras companheiras. Isso trouxe à discussão a paternidade responsável, masculinidade, enfim, a revisão dos papéis estabelecidos. Nem sempre de forma tranquila!



Quase 30 mil já foram aprovados por cotas em concursos de Estados

Projeto que reserva vagas para negros na administração federal será avaliado pelo Senado

Em análise no plano federal, a adoção de cotas para negros e pardos em concursos públicos federais para candidatos que se inscrevem em postos e cargos foi aprovada pelo Conselho Nacional de Administração em 2010. O projeto de lei que reserva vagas para negros e pardos em concursos públicos já gerou a nomeação de mais de 28 mil servidores aos Estados.

O projeto de lei que reserva vagas para negros e pardos em concursos públicos federais para candidatos que se inscrevem em postos e cargos foi aprovada pelo Conselho Nacional de Administração em 2010. O projeto de lei que reserva vagas para negros e pardos em concursos públicos já gerou a nomeação de mais de 28 mil servidores aos Estados.

Essa tipo de política é aplicada em quatro Estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, o Paraná) e o primeiro a adotar ações para reservar vagas para negros e pardos em concursos públicos federais para candidatos que se inscrevem em postos e cargos foi aprovada pelo Conselho Nacional de Administração em 2010. O projeto de lei que reserva vagas para negros e pardos em concursos públicos já gerou a nomeação de mais de 28 mil servidores aos Estados.



Advogada Dina de Amparo Alves quer usar cotas



assim que as cotas foram implementadas, as se inscrever em processos seletivos. Inicialmente, ela queria trabalhar como promotora. "Fui estagiária do Ministério Público e pensei em fazer uma prova, mas não me senti preparada. Eu teria que parar de estudar e só estudar. Até conhece, mas tinha que pagar o curso para se inscrever por dois, três anos. Ela sabe que, no projeto, não são previstas reservas de vagas em concursos da Justiça. O plano de Alves é estudar para lugares federais que exigem que o candidato seja formado em direito. "Há vagas abertas em que advogados trabalham no se-

tor público e claro que vou tentar. Teres que ocupar o espaço público para trabalhar", afirma. O projeto de lei foi redigido para evitar que a reserva de vagas vire o limite máximo de vagas aprovadas. Se um candidato se declarasse preto ou pardo e conseguir uma nota que o coloque entre os mais bem colocados em geral, ele não será incluído entre os cotistas. Ainda, as vagas se limitam não só para os que não conseguiram entrar sem as cotas no concurso. Douglas Belchior, do conselho da ONG Unafro, diz considerar que o projeto de lei é um marco importante,

mas também diz que o texto que vai ao Senado é "uma proposta sensada". Para ele, deveriam ser 30%, e não 20%, as reservas de vagas, a deveria haver prioridade para que índios fossem contemplados. Otimista das cotas nos concursos públicos, diz a ministra Luiza Brito (Justiça Racial), não é o modo de pensar de quem não quer cotas. Segundo ela, com a inclusão de servidores negros, a burocracia do Estado passaria a "observar onde estão as dificuldades para que os políticos atinjam quem mais precisa, que são geralmente os grupos discriminados", julga Gutierrez.

PREPARAÇÃO
A possibilidade de que o governo federal adote as cotas em concursos públicos já movimentou planos de carreira de candidatos. A advogada Dina de Amparo Alves, 39, afirma que,

Cá cotidiano

MOVIMENTO CONTRA A COPA 2014
Quem quer não ir participantes



Grupo de 'Black Bloc' discute protesto na capital paulista

Paralisação
Manifestação dos direitos de moradores de favelas e áreas de risco em São Paulo

Havia Projeto de Lei
Para se tornar lei, o projeto de lei de criação de uma comissão de verdade sobre o acidente de Mariana precisa ser aprovado

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Movimento contra a Copa agora planeja 'rolezinhos'

Shopping e aeroporto viram alvo de ação 'relâmpago' antes de grandes protestos

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Seu bilhete
Manifestação de protesto em São Paulo

Metrópole

Segurança. Exceto mercado durante a semana por 10 mil pessoas, pelas redes sociais, caixas tomam a forma física no Shopping Hortolândia. Clientes e policiais relatam furtos. Confusão só não foi maior porque a PM, que monitora a internet, já estava no local

A 3 dias do Natal, 'rolezinho' fecha lojas de shopping

Segurança. Exceto mercado durante a semana por 10 mil pessoas, pelas redes sociais, caixas tomam a forma física no Shopping Hortolândia. Clientes e policiais relatam furtos. Confusão só não foi maior porque a PM, que monitora a internet, já estava no local

Segurança. Exceto mercado durante a semana por 10 mil pessoas, pelas redes sociais, caixas tomam a forma física no Shopping Hortolândia. Clientes e policiais relatam furtos. Confusão só não foi maior porque a PM, que monitora a internet, já estava no local

Segurança. Exceto mercado durante a semana por 10 mil pessoas, pelas redes sociais, caixas tomam a forma física no Shopping Hortolândia. Clientes e policiais relatam furtos. Confusão só não foi maior porque a PM, que monitora a internet, já estava no local

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

Sim Não

Deve existir controle dessas manifestações?

FOLHA DE S.PAULO

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

COM PROTESTOS

JUNTOS!

AULA PÚBLICA
com o Professor Dennis Oliveira, da USP.
Tema: "Abolição Inacabada: A história que você não sabe"



Grupo faz manifestação em frente ao shopping JK Iguatemi, na zona oeste de São Paulo

cotidiano em cima da hora

Shopping JK Iguatemi fecha mais cedo depois de 'rolezinho-protesto'

No Center Norte, cerca de 30 jovens se juntaram em estacionamento

DE SÃO PAULO

O shopping JK Iguatemi antecipou o seu fechamento ontem à tarde após enfrentar manifestação de cerca de cem pessoas em frente ao prédio, na zona oeste de São Paulo.

O protesto começou por volta das 13h45, após o shopping fechar as portas com a chegada de participantes de um "rolezinho" organizado por estudantes da c. grupo militante antirracismo em frente ao espaço público.

Parte dos clientes continuou no shopping. As 16h45, após três horas de manifestação, o shopping decidiu só reabrir hoje. O horário normal é das 10h às 23h.

A professora de direito internacional Patricia Kegel, 50, que estava dentro do shopping, criticou os "rolezinhos". "É uma tonada de um espaço público por um grupo que impõe sua própria vontade a todos", disse.

Ela passeava com o marido, Mohamed Amal, 50, que se mostrou menos preocupado. "Até acho que eles são simpáticos, a baderna não é necessariamente ruim, mas os ricos também têm direito ao espaço público", disse.

O "rolezinho" foi organizado como um protesto para criticar as limitações concedidas pela Justiça que proíbem os eventos em shoppings.

"A cidade não existe para o bem-estar, mas para o consumo. O nosso ato é político, contra os vários tipos de preconceito", disse Douglas Belchior, professor de história e conselheiro da UNEApro.

No Center Norte, cerca de 30 jovens se reuniram no estacionamento, próximo a uma entrada do shopping. Um deles recebeu uma citação de uma oficial de Justiça.

Segundo o documento, o rapaz pode sofrer multa de R\$ 20 mil caso participe de outro "rolezinho". (EDUARDO GARAQUE E RAFAEL ANDREY)

Lela mais em
folha.com/na1299646

Ato do 13 de maio

Dia de luta do povo negro



13 de maio (Quarta - feira) - 18h
em frente a Estação Anhangabá
saída Xavier de Toledo
(ao lado da Ladeira da Memória - Antigo Mercado de escravos)

AULA PÚBLICA

com o Professor Dennis Oliveira, da USP

Tema: "Abolição Inacabada. A história que você não sabe"

Informações:

7364-7556 Nadia / 7471-6766 Luciene

Realização:

União - Circulo Palmareno - Associação Popular Multirracial por um novo Brasil - Conselho Popular - MST - Contraponto - Rede Anhangabá - Siqueira Coletivo - Grupo de Hip Hop E.L.P. - Grupo de Hip Hop Akoto Verde - União dos Estudantes de Rio Grande da Serra - União Municipal dos Estudantes do Poá - Conlutas - Intercomunal - C.A. do Distrito da Universidade São Francisco - MAD

FUBA DE SP/UD

ENTREVISTA

Negros vão se organizar, diz frei David

de moab

Diante da associação Associação Brasileira de Esvaziados, o frei David Santos, diz que acredita que ainda há tempo de intervenção para mudar os direitos dos negros no Brasil.

de moab

FALTA FERRER PARA NEGROS

Entrevista de propostas concretas, como a criação de cotas nas universidades federais, o debate da Iguatemi e a criação de uma rede de apoio social, política e jurídica, para negros e mulheres do movimento negro, entre outros, foram as ideias mais bem avaliadas pelos participantes. (veja a página 10)

de moab

Quali precisa incorporar

A qualidade da educação pública é um desafio que ainda não está sendo enfrentado de maneira adequada, diz o ministro da Educação, Fernando Haddad. (veja a página 10)

13 de Maio - dia de luta do povo negro

Por que Abolição Inacabada?

A escravidão negra, movimento social, militância e organização cultural se levantam e chamam toda sociedade a se mobilizar em busca de alternativas que nos levem à construção de uma sociedade. Nos reuniões em forma de protestos, no Vale do Anhangabá, em frente à estação de Metrô e ao lado da Ladeira Laboreira de Moreira, que durante décadas foi um mercado de venda de escravos.

Neste aniversário de 171 anos da abolição formal da escravidão de negros/os africanos/os e seus descendentes, paralisamos o quanto está possível: permanecemos voltados em suas direções e ativamos para impulsionar ações. O BSE confirma que negros/os, jovens e mulheres são mais prejudicados com as desigualdades, falta de infraestrutura municipal, trabalho e/ou negros/os ganham menos, saem mais para entre os seus setores ocupados e são a maioria em serviços domésticos, agricultura e comércio rural. Incluem-se mais cedo no mercado de trabalho e quem mais tem. Crianças negras são as maiores vítimas de trabalho infantil. Mulheres negras são as que mais sofrem com a violência doméstica e sexual e a parentalidade negra continua sendo mais prejudicada do que a parentalidade branca.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

13 de Maio - dia de luta do povo negro

Por que Abolição Inacabada?

A escravidão negra, movimento social, militância e organização cultural se levantam e chamam toda sociedade a se mobilizar em busca de alternativas que nos levem à construção de uma sociedade. Nos reuniões em forma de protestos, no Vale do Anhangabá, em frente à estação de Metrô e ao lado da Ladeira Laboreira de Moreira, que durante décadas foi um mercado de venda de escravos.

Neste aniversário de 171 anos da abolição formal da escravidão de negros/os africanos/os e seus descendentes, paralisamos o quanto está possível: permanecemos voltados em suas direções e ativamos para impulsionar ações. O BSE confirma que negros/os, jovens e mulheres são mais prejudicados com as desigualdades, falta de infraestrutura municipal, trabalho e/ou negros/os ganham menos, saem mais para entre os seus setores ocupados e são a maioria em serviços domésticos, agricultura e comércio rural. Incluem-se mais cedo no mercado de trabalho e quem mais tem. Crianças negras são as maiores vítimas de trabalho infantil. Mulheres negras são as que mais sofrem com a violência doméstica e sexual e a parentalidade negra continua sendo mais prejudicada do que a parentalidade branca.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Se a maioria negra persiste em uma resistência cada vez maior das lutas comunitárias e militantes em ocupar espaços de direitos.

Ibirapuera tem 'rolezinho' tradicional

DE SÃO PAULO

Sem o risco de serem aboedados por seguradoras ou policiais em shoppings, pelo menos 30 adolescentes fizeram o seu "rolezinho" no parque Ibirapuera (zona sul de São Paulo).

Amigas Leticia, 16, e Beatriz, 15, participaram de seu primeiro "role". Vestidas como gêmeas (sandália gladiadora, short jeans-curto, blusinha branca, batom rosa e aparelho de cor azul na boca), elas queriam tirar fotos com jovens famosos no Facebook. "Eles não são os 'Face' e quer tirar foto para postar", diz a jovem.

Um dos mais requisitados foi Filinto, 17, conhecido como Alemão e um dos organizadores do evento. Morador do Capão Redondo, ele afirma ter mais de 5.000 seguidores na sua página no Facebook.

"No shopping tem muita baderna, gente que vai para roubar, bater. Aqui não tem como acontecer", diz Alemão, que diz ficar feliz com os pedidos das meninas para tirar foto.

de moab

ISOLADOS

Batendo palmas e gritando "Uh, uh, rolezinho", eles chamaram a atenção, mas não mobilizaram novos participantes. Mais tarde, por volta das 17h30, cerca de 30 jovens ignoraram a proibição de fazer eventos e realizaram um pequeno e comportado "rolezinho" no local, sem ser incomodado. (veja a página 10)

de moab

Quali precisa incorporar

A qualidade da educação pública é um desafio que ainda não está sendo enfrentado de maneira adequada, diz o ministro da Educação, Fernando Haddad. (veja a página 10)

de moab

Quali precisa incorporar

A qualidade da educação pública é um desafio que ainda não está sendo enfrentado de maneira adequada, diz o ministro da Educação, Fernando Haddad. (veja a página 10)



Polícia aborda jovens em frente ao shopping Center Norte



Jovens se encontram em "rolezinho" no parque Ibirapuera

Associação defende limitares contra eventos em shoppings

DE SÃO PAULO

A Aishop, associação que reúne os shoppings de São Paulo, divulgou nota dizendo ser favorável às limitações concedidas pela Justiça para impedir os "rolezinhos" dentro dos centros comerciais.

A associação afirma que os "rolezinhos" "assustam clientes e, consequentemente, prejudicam as vendas". Segundo a Aishop, "o setor gera mais de 1,5 milhão de empregos diretos no Brasil e as manifestações, que estão ocorrendo desde o final de um passado, estão prejudicando comunidades, funcionários e lojas".



Nilza Ferreira

NÚCLEO NEGRA ANASTÁCIA, PENHA, BRAGANÇA PAULISTA/SP

“Ser militante e coordenadora de núcleo da UNEafro Brasil foi uma das melhores coisas da minha vida. Ter feito parte da vida universitária de tantas pessoas, adolescentes, adultos e até da 3º idade foi muito gratificante. Ver uma pessoa se formar aos 64 anos não tem preço”.

Particpei da criação da UNEafro em 2009, quando fui coordenadora de um dos primeiros núcleos a migrar de outra ONG para a UNEafro. Fui coordenadora do núcleo Negra Anastácia, que foi criado em 2008 e ficava dentro da Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista, situada na cidade de Bragança Paulista/SP. Nossos alunos eram de baixa renda e afro-descendentes. Na mesma cidade foram criados três núcleos de cursinho popular, dois migraram para a UNEafro e um continuou na outra ONG. Nosso núcleo tinha a coordenação formada por alunos universitários bolsistas e a grade de professores tinha universitários bolsistas e pessoas da comunidade que aderiram a luta dos cursinhos pré vestibulares da UNEafro. Éramos todos voluntários.

As maiores dificuldades dos núcleos eram ter parceiros e colaboradores para fornecimento de alimento e levar os alunos para atividades fora do núcleo, por exemplo, para atividades em São Paulo, onde ficava a sede da UNEafro. Mesmo com dificuldades, nossos alunos sempre participaram das assembléias da UNEafro, para que todos tivesse um pouco mais de cidadania e conhecimento político. Esses encontros eram importantes para que os alunos tivessem contato com outros núcleos de outras cidades. Era muito bom! Lembro especialmente de um evento no Sindicato dos Químicos em São Paulo no mês das mulheres. Tivemos várias companheiras que lutam pelos negros e pobres do nosso país e que fizeram uma homenagem para as mulheres.

A dificuldade dos alunos era sempre ter a passagem do ônibus para ir até o núcleo, mas de um jeito ou de outro, ela sempre

acabava sendo resolvida. Um dos nossos maiores desafios foi ter um aluno deficiente visual. Ao mesmo tempo, ficamos muito felizes em poder lidar com ele. Tivemos também um aluno usuário de drogas cuja história merece ser contada. Esse aluno nos deu muito trabalho, foi uma grande luta mantê-lo no núcleo. Ele participava durante um tempo e depois parava de ir por conta da droga. Um dia fui atrás, conversei com ele e ele me prometeu que não iria usar mais droga. Foi um momento muito tenso, escrevi ele para concorrer a uma bolsa de 100% de desconto na Unifaat em Atibaia, dando a ele a oportunidade de cursar o ensino superior gratuitamente caso ele parasse com o vício. Quando uma pessoa da coordenação viu, ela simplesmente surtou, achava que poderíamos perder a bolsa e deixar de fora do processo quem realmente merecia. Pois dei minha cara a tapa e apostei. Acabou que ele fez a faculdade e quando terminou me procurou e me agradeceu pela oportunidade. Hoje ele está na Alemanha.

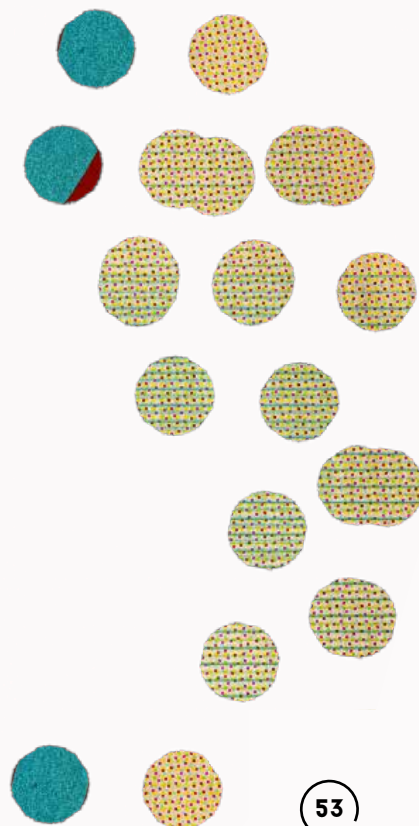
A importância dos cursinhos para o nosso povo pobre da periferia é fundamental, pois temos muitos alunos que saem da escola pública sem aprender nem os seus direitos fundamentais. Os cursinhos pré-vestibulares como os da UNEafro têm grande importância também nas comunidades onde os adolescentes, por falta de uma oportunidade, acabam ingressando em organizações criminosas que acabam levando-os para a morte. No cursinho, além de ter uma oportunidade de estudo para ingressar em uma universidade, ele também tem um acompanhamento da coordenação e diversas outras atividades e auxílios para não abandonar os estudos e entrar para o crime. E quando é um aluno que tem problemas com drogas ou hiperatividade, um aluno que é tratado como delinquente em outros espaços, aí é que entra o cursinho popular, espaço onde esse aluno é acolhido e preparado para lutar pelos seus direitos.

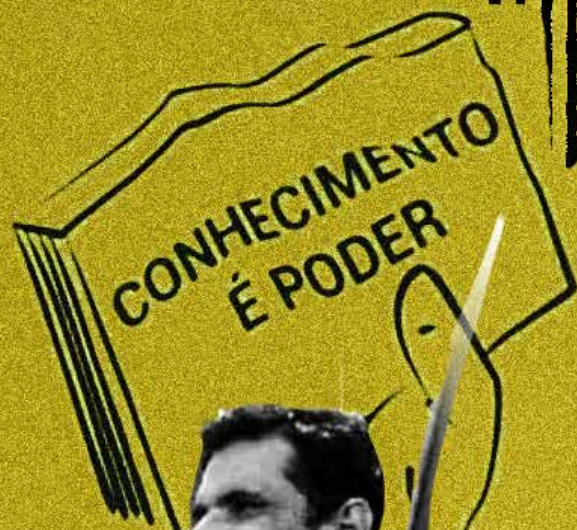
Quando eu conheci o cursinho popular, nossa estratégia era conseguir bolsas de estudos para o povo periférico em faculdades particulares. Hoje temos o Sisu que permite a entrada com mais facilidade nas universidades federais e em algumas estaduais por todo o Brasil. Tem também o Prouni com bolsa de até 100% nas universidades particulares. Mas como estamos falando de negro e pobre a coisa não é tão simples assim. Por isso, ainda temos que recorrer às cotas e aos cursinhos para

preparar os alunos para o ENEM que os leva até uma universidade pública.

Infelizmente, as escolas públicas são muito deficitárias no ensino, deixando os nossos alunos com uma nota baixa na prova do Enem. Enquanto isso, o filho do rico, que estudou em escola particular e ainda faz cursinho pré-vestibular de renome, faz a mesma prova do ENEM e tira as melhores notas e as melhores vagas dos cursos oferecidos. Daí a importância fundamental dos cursinhos pré-vestibular como os da UNEafro, sobretudo para que o nosso povo pobre e preto possa estar em uma Universidade.

Ser militante e coordenadora de núcleo da UNEafro Brasil foi uma das melhores coisas da minha vida. Ter feito parte da vida universitária de tantas pessoas, adolescentes, adultos e até da 3ª idade foi muito gratificante. Ver uma pessoa se formar aos 64 anos não tem preço.





UNIAO
Brasil
UNIAO



Flavio Moreira de Paula

NÚCLEO "ANTÔNIO CANDEIA FILHO", BELA VISTA, SÃO PAULO/SP

“Na Periferia é gritante a diferença que fazem os núcleos. Quantos e quantos jovens não foram tirados ou impedidos de entrar no mundo do crime pela educação? Quando o núcleo se insere na realidade dessa juventude, a sua perspectiva de mundo muda. O olhar para o futuro tem outra dimensão e tudo ganha proporções diferentes”.

Conheci a UNEafro Brasil em seu embrião. Aliás, fiz parte desse embrião quando, por divergências políticas e de métodos, resolvemos deixar a Educafro e encarar o desafio de construir um outro instrumento racial, combativo e de luta. Agradeço muito a Educafro, todos nós devemos muito, pois o acúmulo que obtivemos nessa organização nos possibilitou darmos continuidade no trabalho de base nas periferias.

Lembro-me de ter participado da escolha do nome da UNEafro. Teria que ser um nome forte, resgatando nossas origens africanas e que honrasse esse legado. Também era importante fazer esse recorte de classe, pois o negro além de ser trabalhador, ser da classe trabalhadora, é negro, e no mundo capitalista e racista, isso faz diferença. Ajudei a criar a primeira palavra de ordem na escadaria do Metrô Consolação no nosso primeiro ato público, a ocupação da Faculdade de Medicina da USP, nossas primeiras camisas, enfim, o primeiro fôlego para as primeiras empreitadas.

Montamos o primeiro núcleo na cidade de São Paulo, o Antonio Candeia Filho, no Sindicato dos Advogados, e os demais foram proliferando pelas periferias e as cidades do interior que tinham vindo conosco. Nossos professores tinham o perfil de militantes, pessoas engajadas com a luta social. Claro que um ou outro fugia um pouco disso, mas todos/as tinham a mesma sensibilidade quanto ao trabalho desenvolvido e a importância desses cursinhos. Os nossos educandos tinham aquele perfil de

periferia, negros pobres, brancos pobres, que comungavam do mesmo sonho, entrar numa universidade, pessoas humildes, trabalhadoras, venciam o cansaço diário para ir às aulas, à noite, mostrando muita determinação.

Juntos superávamos as dificuldades, pois não é fácil manter um núcleo. É preciso ter comprometimento, amar a causa e, acima de tudo, ter o discernimento ideológico de que estamos derrubando um tijolo a cada dia desse tão grande muro da desigualdade. Muitas vezes não tínhamos dinheiro para as passagens dos professores e eles acabavam bancando do próprio bolso. Enfim, eram inúmeras as dificuldades. Mas tudo isso fazia com que nos fortalecêssemos e fôssemos para rua, lutar e ocupar.

Lembro-me que nosso primeiro ato foi na Faculdade de Medicina da USP, denunciando a segregação racial que existe naquele espaço. Depois ocupamos a UNESP, por cotas e uma política de permanência que contemplasse a realidade do povo negro. Ocupamos também a Secretaria de Justiça, denunciando a morte da juventude negra na periferia, assim como muitas outras ações: 20 de novembro, 13 de maio, 7 de setembro e tantas outras datas de luta. Aulas públicas na Praça da Sé, na Praça da República, no Terminal Dom Pedro, no Vale do Anhangabaú. Todos os meses fazíamos uma aula em um local estratégico para dialogar e propagar a luta contra o racismo para a população. E tudo isso trouxe vitórias e conquistas para o nosso povo. Dentre essas conquistas podemos pontuar nossos educandos que adentraram nas universidades. Foram muitos! Lembro-me do Anderson, que fazia o cursinho conosco, colaborava também com os núcleos, e passou na Universidade Federal de Alagoas no curso de Pedagogia. Uma outra irmã muito querida que entrou na USP Leste, uma grande conquista para ela e para nós. Todas esses ingressos, além das bolsas nas universidades parceiras, eram vitória.

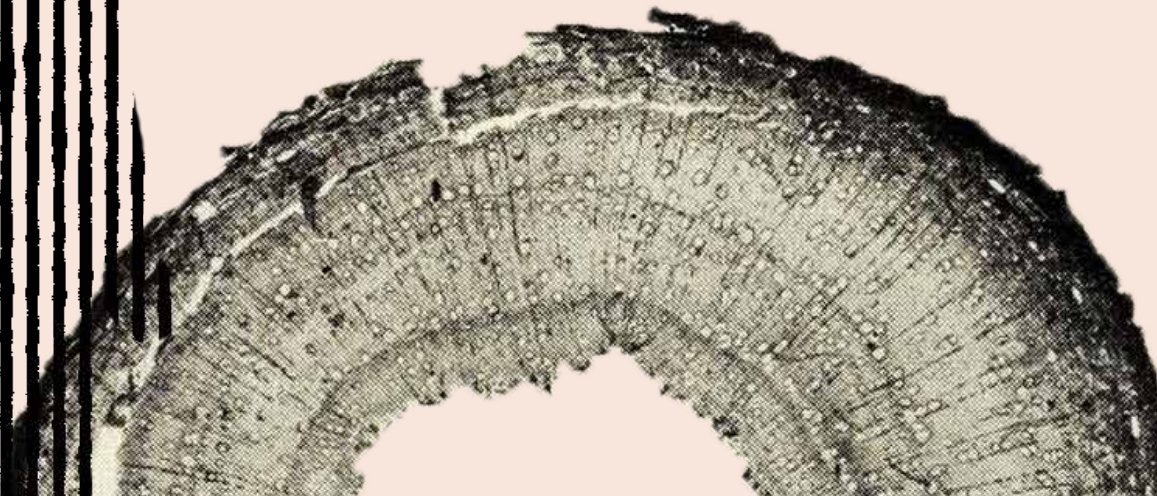
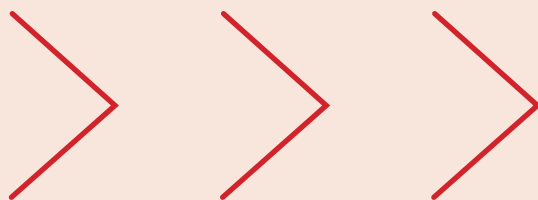
Analisando a precariedade da nossa educação, vemos que a culpa não é de professores ou atores que nelas atuam, mas da política pensada para ela que nunca foi a de uma educação libertadora, mas alienadora, domesticadora e a serviço do grande sistema. Por isso, para nós fazia uma grande diferença ver nosso povo entrando nas universidades, com a nossa cara, com nosso olhar.

Na Periferia é gritante a diferença que fazem os núcleos fazerem. Quantos e quantos jovens não foram tirados ou impedidos de entrar no mundo do crime pela educação. Quando o núcleo se insere na realidade dessa juventude, a sua perspectiva de mundo muda. O olhar para o futuro tem outra dimensão, e tudo ganha proporções diferentes. As periferias pensadas pela burguesia para nós nada mais são do que um depósito indesejado para eles. O que eles querem é nos manter distantes e ganhar muito com a violência que se instala ali, usando sua força repressiva para nos controlar e nos dizer diariamente qual é o nosso lugar. Nos cabe, enquanto agentes sociais, e é isso que o núcleos fazem, repensar essa periferia, ir na contramão da lógica e provar que somos mais, que a nossa juventude negra é mais que o que eles querem que nós sejamos.

São várias histórias e dentre elas, também, muitas hilárias. Como uma vez que quase apanhei de um educando que não conseguiu bolsa e colocou a culpa em mim. Foi um escândalo só, hoje a gente ri e acha graça, mas na hora foi muito tenso. Ele entrou gritando na sala de aula, na secretaria e todo mundo saiu correndo assustado. Graças a Deus hoje ele está terminando Direito, tudo foi resolvido e não apanhei!



**L I N H A
D O T E M P O**



Primeiro aula da UNEafro

.....

Simulado preparatório para o ENEM na USP

.....

Aula pública em Bragança Paulista

.....

Participação da UNEafro no Fórum Social das Américas, no Paraguai

.....

Fundação conjunta com outras entidades do movimento negro do Comitê Contra o Genocídio da População Negra

2009

2011

Ato de fundação da UNEafro na Faculdade de Medicina da USP

.....

**I Assembleia Geral da UNEafro
Participação na Marcha do MST - Movimento dos Sem Terra**

.....

Aula pública na Igreja dos Pretos do Largo do Paissandu, em São Paulo

.....

Ocupação da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo

2010

Participação de atos de rua

.....

Prosseguimento no Comitê Contra o Genocídio da População Negra

.....

Participação na audiência pública por cotas raciais na USP na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP)

Construção e mobilização da Frente de Lutas por Cotas Raciais, em São Paulo
.....

Fundação de novos núcleos
.....

Construção e mobilização de atos contra a violência racista em shoppings e ocupação da Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo
.....

Prosseguimento no Comitê Contra o Genocídio da População Negra

Denúncia na Organização dos Estados Americanos (OEA) de violação de direitos humanos no Brasil
.....

Curso de formação para jovens promotores de direitos humanos na periferia
.....

Participação em ato contra a Copa do Mundo em frente ao estádio do Itaquerão, em São Paulo

2013

2012

Participação nos movimentos de rua de 2013
.....

Continuidade na Frente de Cotas e no Comitê contra o Genocídio
.....

Encontros de formação para professores e militantes

2014

**Participação em atos
antirracistas nas ruas**

.....
Fundação de novos núcleos

.....
**Intervenções na mídia
alternativa**

2015

2017

**Fundação do primeiro
núcleo no Rio de Janeiro**

.....
**Formação para mulheres
negras em São Paulo**

.....
**Participação na Marcha
de Mulheres Negras, em
Brasília**

2016

**Mobilização de protestos
nas ruas contra o
Golpe Parlamentar e as
reformas racistas**

.....
**Atos nas ruas contra o
corte da bolsa-cursinho**



**Curso de jovens
promotores de direitos
humanos**

2019

20 anos do Núcleo XV de Agosto
.....

**Entrega de cestas básicas
e itens de higiene durante a
pandemia de COVID-19**
.....

**Fundação do Núcleo Virtual
para aulas à distância**
.....

**Eleição da chapa coletiva
Quilombo Periférico, com três
membras da UNEafro Brasil,
para vereador em São Paulo**

2018

**Aula pública em defesa de
10% do PIB para a educação**
.....

**Criação do grupo de
formação de mulheres
negras Circuladô de Oya**
.....

Criação da TV UNEafro
.....

**Articulações para criação da
Coalizão Negra por Direitos**
.....

**I Encontro Internacional da
Coalizão Negra por Direitos**

2020







Camila Paula de Souza

NÚCLEO TEREZA DE BENGUELA, ITAQUERA, SÃO PAULO/SP

“Isso tudo vai de encontro com uma das bases teóricas propostas por Paulo Freire, em consonância com a Educação Popular, quando afirma que: ‘Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

“Sou porque somos!” Esse provérbio africano sem dúvidas emana um significado similar ao trabalho coletivo de grande reconhecimento que a UNEafro realiza por meio de Núcleos de cursinhos pré-vestibulares em comunidades periféricas na cidade de São Paulo. É um movimento que cresce proporcionalmente à realização dos sonhos e conquistas de cada pessoa que passa pela UNEafro e entra em uma Universidade. Minha vivência na UNEafro se inicia em 2011 como educadora popular no Núcleo de Itaquera-José Bonifácio “Tereza de Benguela”, localizado na Zona Leste de São Paulo. Atuava neste Núcleo pela proximidade com a minha antiga residência. Meu contato inicial com a UNEafro se deu através de um companheiro que mesmo não estando mais presente nesse plano físico resplandece sua memória em cada conquista da UNEafro, o nosso camarada: Jhapa. Ele foi uma das pessoas responsáveis por me despertar pra luta e pela minha permanência nela... uma pessoa com um coração enorme e carisma inconfundível.

Posteriormente, conheci outro camarada: o Cleyton Borges, que com muita maestria coordenava o Núcleo “Tereza de Benguela”. Na época estávamos em processo de iniciação deste Núcleo nessa localidade, logo, tivemos longas jornadas de organização e trabalho coletivo para o funcionamento da unidade. As professoras e professores que compunham o Núcleo de alguma forma eram envolvidas/os ou tinham alguma proximidade com lutas sociais, movimentos sociais e coletivos, e creio que

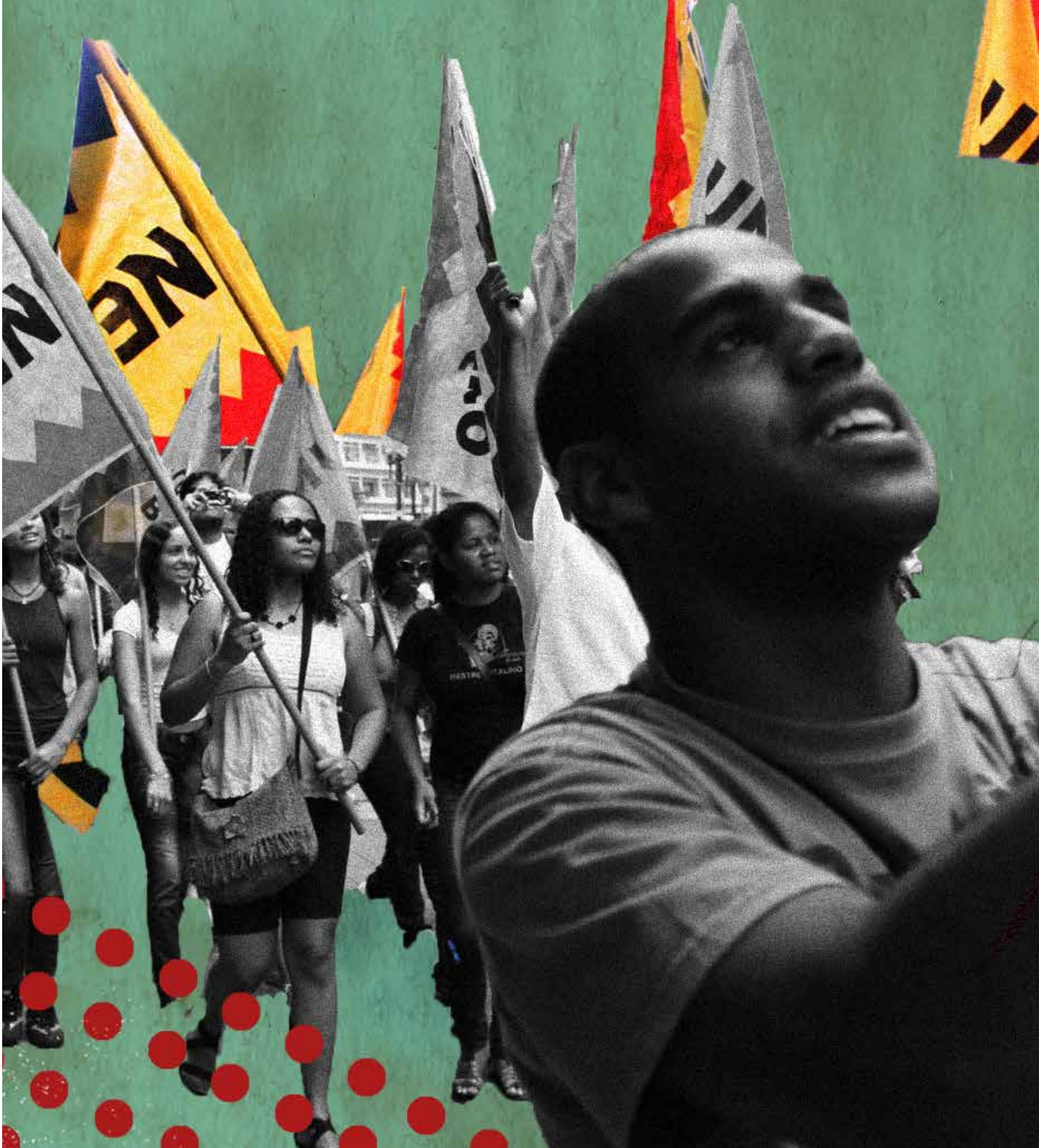
essa particularidade foi de grande contribuição para as/os alunas/os, pois, além do desenvolvimento dos conteúdos próprios dos currículos escolares voltados para o vestibular, realizavam-se encontros denominados de “formação política” em que eram discutidas temáticas de grande relevância social, como por exemplo: o racismo, a luta das mulheres, a homofobia, a conjuntura política, entre outras pautas. Isso tudo vai de encontro com uma das bases teóricas propostas por Paulo Freire, em consonância com a Educação Popular, quando afirma que: “Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Essas formações realizadas pelas/os professoras/es são de grande relevância no sentido de que muitas/os alunas/os sentiam-se contempladas/os pelo modo com que ocorria a interação coletiva, e também por considerar que é necessário, para uma formação mais humana e menos desigual, a compreensão crítica das diversas opressões presentes em uma sociedade capitalista a que todas/os nós cotidianamente estamos sujeitas/os. Vale ressaltar que essas formações ocorriam juntamente com o desenvolvimento dos conteúdos disciplinares dos vestibulares, de maneira que esses conteúdos eram contemplados na realidade local das/os alunas/os.

As alunas e os alunos majoritariamente residiam nas imediações do bairro de Itaquera, Zona Leste da Cidade de São Paulo, pertenciam a perfis diferenciados, havia alunos/as de 17/18 anos, concluindo o Ensino Médio, e outros/as na faixa dos 40/50 anos, trabalhadoras/es que desejavam reiniciar os estudos para pleitear uma vaga em alguma Universidade. Considerando os perfis diversos dessas pessoas, as aulas ocorriam aos sábados na parte da manhã e da tarde, com intervalos e almoços coletivos. Atuei como educadora na UNEafro por um ano, mas não pude continuar devido a minha mudança para outro Estado com a finalidade de realizar meus estudos.

Hoje sou licenciada e mestre em Geografia, e acredito que a minha experiência na UNEafro foi de suma importância para continuar acreditando na transformação social pela Educação. É por isso que continuo na Docência, porém, mais do que isso a presença das/os professoras/es e as/os parceiras/os da UNEafro são um grande elo de força no intuito de incentivar as pessoas,

especialmente oriundas de comunidades periféricas, a entrarem em uma Universidade, em meio a tantas desigualdades sociais que pairam sobre a Periferia. Penso que a UNEafro realiza uma das ações mais transformadoras: dar perspectivas aos jovens e trabalhadoras/es a sonhar com a realização do ingresso em uma Universidade. Nesse sentido, creio que o trabalho da UNEafro é de vital importância para que essas pessoas atravessem novos horizontes, que sonhem e que caminhem para um sentido contrário ao que a elas é forçado dentro de sistemas de opressões.

Vida longa as/os parceiras/os que correm pelo certo e somam nessa linda caminhada que a UNEafro vem realizando. Muito me orgulha poder fazer parte dessa jornada, que a mim só contribuiu. Máximo respeito, manas/os!



Thiago Rubens da Silva

NÚCLEO BRASILÂNDIA, BRASILÂNDIA, SÃO PAULO/SP

“A luta pelo direito de acesso à universidade pública foi bastante significativa para mim que nem sabia como era uma universidade, só ouvia falar de uma forma muito longe da realidade onde estava inserido, um contexto social muito complicado.”

Em 2010, procurando na internet um curso pré-vestibular para ingressar em uma faculdade ou universidade, que era um grande desejo meu na época, foi que conheci a Cátia e Heber Fagundes, ambos da UNEafro Brasil. Assim que realizei a inscrição no mês de abril, já dei início ao cursinho em uma turma de no máximo 30 pessoas da região da Zona Norte que atendia em localidade próxima a mim. No início não sabia bem o que era a UNEafro, apesar de ter havido uma apresentação em sala de aula no primeiro dia sobre como ela funcionava e suas atividades. De início, confesso que fiquei desconfiado, já que os movimentos sociais sempre foram alvo de falatório negativo. Eu via isso com muito cuidado, mas, ao mesmo tempo em que as notícias iam se passando, passei a desconfiar também das informações que a TV aberta passava. Eu via aquilo de forma estranha, quando falavam de forma negativa e repetida sobre algum movimento social. Claro que ainda hoje isso é muito presente, mas quando comecei a entender as propostas do cursinho, foi a melhor coisa que ocorreu na minha vida.

A luta pelo direito de acesso à universidade pública foi bastante significativa para mim que nem sabia como era uma universidade, só ouvia falar de uma forma muito longe da realidade onde estava inserido, um contexto social muito complicado. Para mim, foi um momento de várias descobertas pessoais e sobre a realidade em que eu vivia. Lá, naquele lugar onde não podia chover, porque gerava dificuldade de ir ao cursinho aos sábados no CÉU Paz. Era muito fora de mão e uma distância longa para percorrer até chegar ao cursinho para ter aulas. Enfim,

não é muito diferente nos dias de hoje em que ainda tem cursinho com muita dificuldade de acesso.

Mas quando teve início, em 2010, sabia que tinha que fazer o cursinho, sabia que aquilo teria algum significado na minha vida, como tem até hoje. Foi uma transformação de entendimento da realidade, de entender por que existem barracos de madeira e favelas com falta de estrutura mínima. Sempre questionei algumas coisas antes de entrar, só que não tinha com quem falar. Pensava: “Será que tem alguma coisa errado comigo e não sei como expressar isso?”

Mesmo com as dificuldades, passei de aluno em 2010 a coordenador em 2012 na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. A estrutura era realmente bastante precária, tínhamos muitos alunos com dificuldade de frequentar o cursinho ao longo do ano, período que durava o cursinho. Vi que o trabalho em manter o cursinho era bem difícil, temos que lidar com diversas realidades diferentes dos alunos(as) que, às vezes, só comiam no cursinho. Era muito complicado não poder ir além, mas tem limites que não podem ser ultrapassados por questões de respeito ao aluno, que não queria expor suas dificuldades pessoais e possíveis problemas familiares. No cursinho era sempre presente esse tipo de situação.

Para pelos menos ajudar de forma indireta, sem entrar na vida pessoal dos alunos, nós coordenadores realizávamos algumas atividades de arrecadação de alimentos para o cursinho e rifas sociais para a compra de materiais diversos que mantivessem o cursinho em condições de estrutura mínimas. Todos participavam, alunos, professores e coordenadores. Do CÉU PAZ nos transferimos para um lugar de mais fácil acesso em 2013, a Associação de Moradores Sítio dos Francos, no conjunto Habitacional do CDHU que conta com 19 prédios e 2 creches. O lugar é na Brasilândia e tem mais fácil acesso para quem vinha para o cursinho. Fiquei de 2012 a 2015.

Nesse período em que estou na UNEafro foram diversas ações e manifestações: da luta por ações afirmativas nas Universidades Paulistas, USP, UNESP e UNICAMP em 2012, Junho de 2013 e, em 2014, para reeleger a Presidente Dilma. Em 2011 a 2014, a UNEafro participou diversas vezes de atos de rua, foi um período de mudanças muito significativas para o país, que estão

presentes até hoje. As três estaduais paulistas não tinha nenhuma política de ação afirmativas, tinham só alguns programas de baixa impacto para acesso de jovens negros(as). Chegar ao ensino superior nessas instituições não foi fácil. Mas em 2012 as ações afirmativas foram consideradas constitucionais pelo STF e isso deu um ânimo muito forte para continuar a luta por direitos. As Universidades Federais e Estaduais começaram a aderir às ações afirmativas, o debate começou a ganhar as ruas com muita força e um conjunto de movimentos negros viu a possibilidade de seguir em frente com essa conquista.

Tínhamos vários alunos com dificuldade de aprendizado, muitos com dificuldade com as matérias de exatas. Mas com todas as dificuldades, tivemos conquistas significativas, alunos aprovados em curso técnico e ensino superior, licenciatura e bacharelado. No cursinho da Zona Norte, sempre tivemos alunos aprovados em todos os anos em que o cursinho funcionou. Um aluno chamou atenção, o Lucas, que cursou química na UNINOVE. Ele estava sem perspectiva para cursar o ensino superior, mas com muito diálogo conseguimos convencer ele de que a universidade era um lugar onde ele tinha que estar. Falo do Lucas por que ele estava em um caminho muito complicado, conseguimos tirar ele desse caminho em que um jovem de periferia tem poucas chances de sobreviver.

A Educação no Brasil, pelo seu tamanho, demanda um projeto mais ambicioso. Ficamos à deriva no que diz respeito à educação pública de qualidade, e, neste caso, combater sempre foi uma perspectiva da UNEafro. Mas forças contrárias à inclusão de pessoas oriundas da periferias, em sua maiorias jovens negros(os), foi um projeto de longa duração. A não inclusão de jovens da periferia e da classe trabalhadora nas universidades é uma condição histórica. Nessa possibilidade de mudança na vida de jovens, está presente, sem dúvida, a UNEafro, que tem desempenhado uma luta de vanguarda na Educação popular para jovens negros(os) na periferia de São Paulo e em outros Estados.

Os cursinhos da UNEafro têm diversas atuações no território, não apenas como cursinho, mas também através de aulas públicas e atividades culturais voltadas para a realidade do estudante e sua comunidade. Ambos se beneficiam com a transformação social da sua realidade e, de alguma forma, trazem esse

retorno em forma de estudo e participação nas diversas atividades de formação.

Assim, é importante a presença do cursinho comunitário, é nossa ferramenta de propor que os alunos entrem nessa luta também. Não é só através das aulas, mas das atividades de forma geral que compreendam seus direitos. O cursinho no território periférico é fundamental para combater qualquer tipo de violência. Me lembro que nessa caminhada no cursinho infelizmente perdemos muitos jovens negros para violência do Estado, seja com flagrantes forjados, sejam com sua morte pela mão da Polícia Militar e Civil de São Paulo.



CONTRA
GENOCIDIO
DA
JUVENTUDE
PRETA





Franciana Lacerda

NÚCLEO DIADEMA, ELDORADO, DIADEMA/SP

“Eu me dedicava muito mesmo na coordenação, me sentia um pouco sozinha, sabe, porque as coisas aconteciam mais para São Paulo e aqui em Diadema eu estava me sentindo isolada. Mas se aparecesse um pessoal que topasse fortalecer aqui, acho que dava para sentar e conversar. Eu agradeço, foi muito gratificante para mim também, como pessoa, participar da UNEafro e espero que Diadema volte a ter um núcleo”.

A primeira vez que eu ouvi falar da UNEafro foi em 2012, quando fui fazer estágio na UFABC de Santo André. Lá ia ter um evento em que o Douglas Belchior da UNEafro e algumas outras pessoas estavam participando. Eu fui assistir, gostei, fiz contato e passei a ter interesse em montar um núcleo. Fui atrás de pessoas para montar o núcleo em Diadema, foi bem difícil, até que eu decidi encarar sozinha. Em 2013 inaugurou o núcleo aqui em Diadema, depois foram chegando pessoas, eu consegui uma parceria para tocar a coordenação e foi assim até 2016. Nesse ano eu não consegui mais tocar, estava gestante, a pessoa que estava na coordenação comigo também foi fazer pós-graduação, e acabou fechando o núcleo, e até o momento ainda está fechado por conta disso.

A grande maioria dos professores eram alunos da UFABC e algumas outras pessoas do contato com escolas que a gente estabeleceu através da divulgação do núcleo através do Facebook e que quiseram participar. Os alunos eram em sua maioria da periferia, pobres, a maioria não era de negros, infelizmente, mas tinham alguns.

A maior dificuldade de manter o núcleo é conseguir o pessoal que possa colaborar na organização. Não é fácil, tem que estar todo tempo em busca de professores voluntários, organizando a grade de aula, remanejando e tentando buscar algum tipo de

parceria. Porque a gente tinha alguns gastos com material. Acho que a maior dificuldade aqui em Diadema é conseguir o pessoal para me ajudar na coordenação porque eu estava sozinha mesmo assim. Muitas vezes tinha que sair gente da coordenação e eu ficava sozinha, era difícil para manter uma parceria fixa e foi assim capengando até eu ver que não dava mais para eu tocar. Estava gestante, depois tive neném e não deu para continuar.

A gente procurava estar junto com os movimentos de moradia daqui da região e aí eles tinham algumas atividades, saraus e a gente juntava forças. Para manifestações, a gente ia mais para São Paulo do que aqui. Tínhamos alunos com dificuldades financeiras, que não tinham acesso à internet, em situação bem precária, mas que, depois, conseguiram acessar a universidade. Mas universidades privadas, em públicas, aqui em Diadema, eu não conheço alunos que tenham entrado.

A educação pública no Brasil já era defasada, já tinha uma questão de se manter as coisas da maneira que estava para manipular a população e agora, com a mudança de governo, a gente retrocedeu mil anos-luz, está bem difícil. Temo que as coisas piores. O cursinho já era importante e agora se faz muito mais porque além de preparar as pessoas para o ENEM ele prepara para vida. Porque ele traz reflexões sobre o cotidiano, sobre o racismo, sobre a redução da maioria penal, questões que estão sendo postas e que necessitam de reflexão. É um debate que muitas vezes na escola não acontece. O cursinho traz essa questão da crítica e a gente tinha debates muito construtivos que agregavam muito à visão dos alunos. Eles chegam muito com uma visão conservadora, que a família coloca na gente, e ali era o momento de desconstruir. Isso não ocorre na escola e no cursinho ocorria, ali ele meio que tinha uma luz. “Nossa, nunca vi por esse por esse ângulo, né”. Era bem bacana, alguns levaram isso adiante, a gente acompanha pelas redes sociais e outros retrocederam, se mantiveram naquela visão conservadora. Mas o cursinho é muito importante porque é para a vida, traz reflexões importantes que infelizmente não são realizadas.

A gente vê todo dia a questão da violência urbana, especificamente falando da população negra. A população negra está sendo exterminada e a gente debatia isso no cursinho. A população negra é morta pela polícia diariamente, a população negra compõe o sistema prisional, a Fundação Casa, a Peniten-

ciária Feminina ou Masculina, os abrigos, enfim, a população negra está lá, não está na universidade. Ou então está morta. É importante, então, fazer essa reflexão, é importante ver a história do Brasil, como ele foi construído, como as coisas foram se organizando e o quanto é importante o debate da questão racial para que a gente vá desconstruindo e entenda que isso está na estrutura da nossa sociedade e que essa estrutura precisa ser revista, para que haja uma equidade, daí a importância, por exemplo, das cotas. O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravatura e nunca deixou de ser racista, preconceituoso. A gente precisa, sim, debater e pontuar que a população negra é a mais prejudicada em todos os sentidos, tem que se colocar e refletir, sim, e levantar essa bandeira. As pessoas precisam entender que isso está na estrutura da sociedade e a gente precisa mexer nessas estruturas.

O sentimento que eu carrego do cursinho é a parceria, era o engajamento de fazer com que as coisas acontecessem. Tanto dos professores, quanto dos alunos, a união que tinha lá para conseguir o dinheiro, para fazer os lanches, o sentimento de União. É o sentimento que eu me lembro mais forte. Todo mundo queria que a coisa acontecesse, colaborar um com outro.

É importante a questão da dificuldade com o material didático. A gente trabalhava com algumas apostilas de cursinhos privados para tentar ter uma base ou os professores mesmo buscavam lá e montavam um cronograma para as aulas baseado em vestibulares anteriores. A gente se virava nos trinta, como dava. A gente espera que logo a UNEafro consiga ter apostilas.

Eu agradeço, infelizmente estou em uma realidade em que eu sou mãe negra, sou separada, tenho duas filhas e eu queria muito conseguir conciliar com o cursinho. É uma questão que infelizmente me pega, eu tenho que dar conta de inúmeras coisas e no momento não consigo tocar cursinho aqui em Diadema. Eu me dedicava muito mesmo na coordenação, me sentia um pouco sozinha, sabe, porque as coisas aconteciam mais para São Paulo e aqui em Diadema eu estava me sentindo isolada. Mas se aparecesse um pessoal que topasse fortalecer aqui, acho que dava para sentar e conversar. Eu agradeço, foi muito gratificante para mim também, como pessoa, participar da UNEafro e espero que Diadema volte a ter um núcleo.

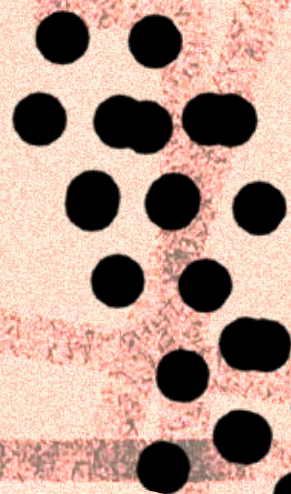


10/12/2012



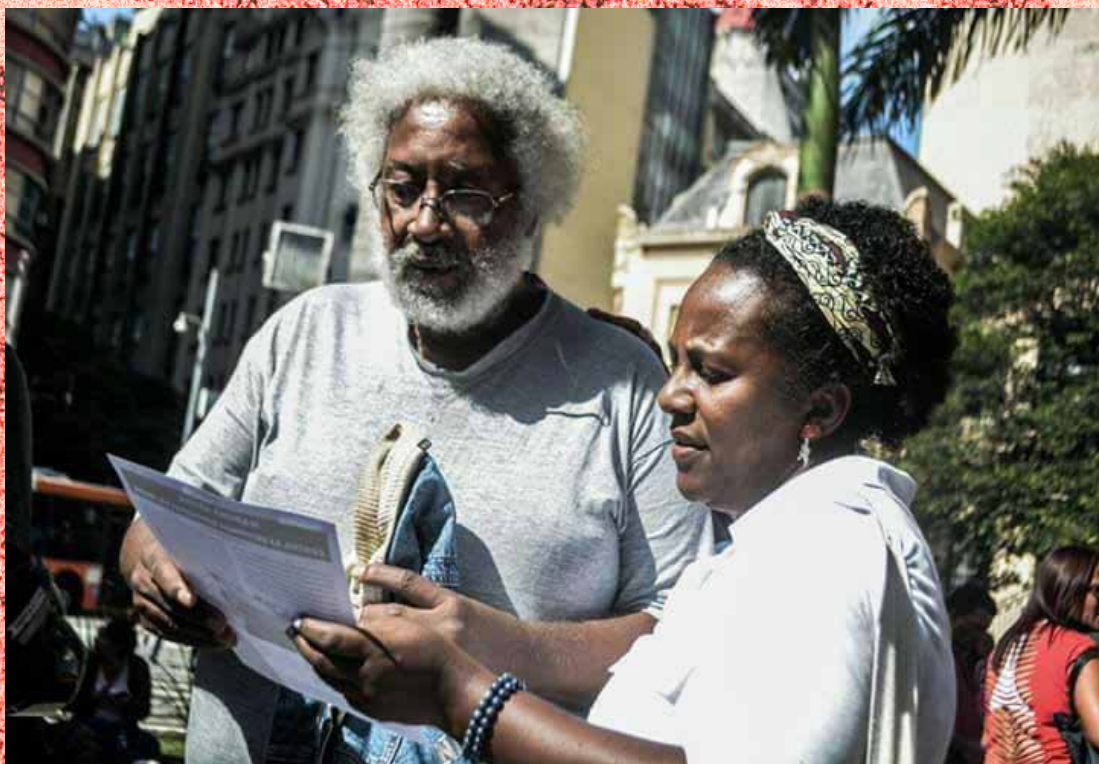
Ocupação da
Alesp no Dia
Internacional
de Direitos
Humanos.
2012

Rolê contra
o racismo
no shopping
JK Iguatemi.
2014





**Marcha das
Mulheres Negras
em Brasília. 2015**



Miltão e Zezé



Wlisses Daniel Silva Cabral

NÚCLEO CLEMENTINA DE JESUS, JD. NOVA COIMBRA, COTIA/SP

“Acredito que a transformação da sociedade, em termos da superação de desigualdades sociais históricas, tem seu pontapé inicial através da educação. Justamente por isso acredito que a luta antirracista precisa obter espaço dentro da educação, para poder modificar minimamente as injustiças que recaem sobre a população negra, especialmente a partir de estereótipos que negativam a condição de ser negro ou negra em nosso país”.

Comecei a militar na UNEafro já graduado, entretanto, tive contato com cursinho populares ainda no início dos anos 2000, quando terminei o ensino médio e fui aluno do núcleo da Educafro da Vila Dalva, na região do Butantã.

Por motivos financeiros precisei adiar meus planos com a graduação e fui trabalhar. Tempos depois, já graduado em História, passei a me dedicar à carreira de professor na rede pública estadual de ensino. Dentro da sala de aula percebi a necessidade fundamental de algo a mais para os/as alunos/as, tendo em vista uma educação inclusiva e diversa. Como sempre fui próximo ao Movimento Negro, mesmo sem participar oficialmente de nenhuma entidade, tive contato com muitas pessoas próximas da UNEafro. A partir daí vislumbrei a possibilidade de criar, junto com outros/as companheiros/as, um cursinho aqui na cidade de Cotia.

Acredito que a transformação da sociedade, em termos da superação de desigualdades sociais históricas, tem seu pontapé inicial através da educação. Justamente por isso acredito que a luta antirracista precisa obter espaço dentro da educação, para poder modificar minimamente as injustiças que recaem sobre a população negra, especialmente a partir de estereótipos que negativam a condição de ser negro ou negra em nosso país.

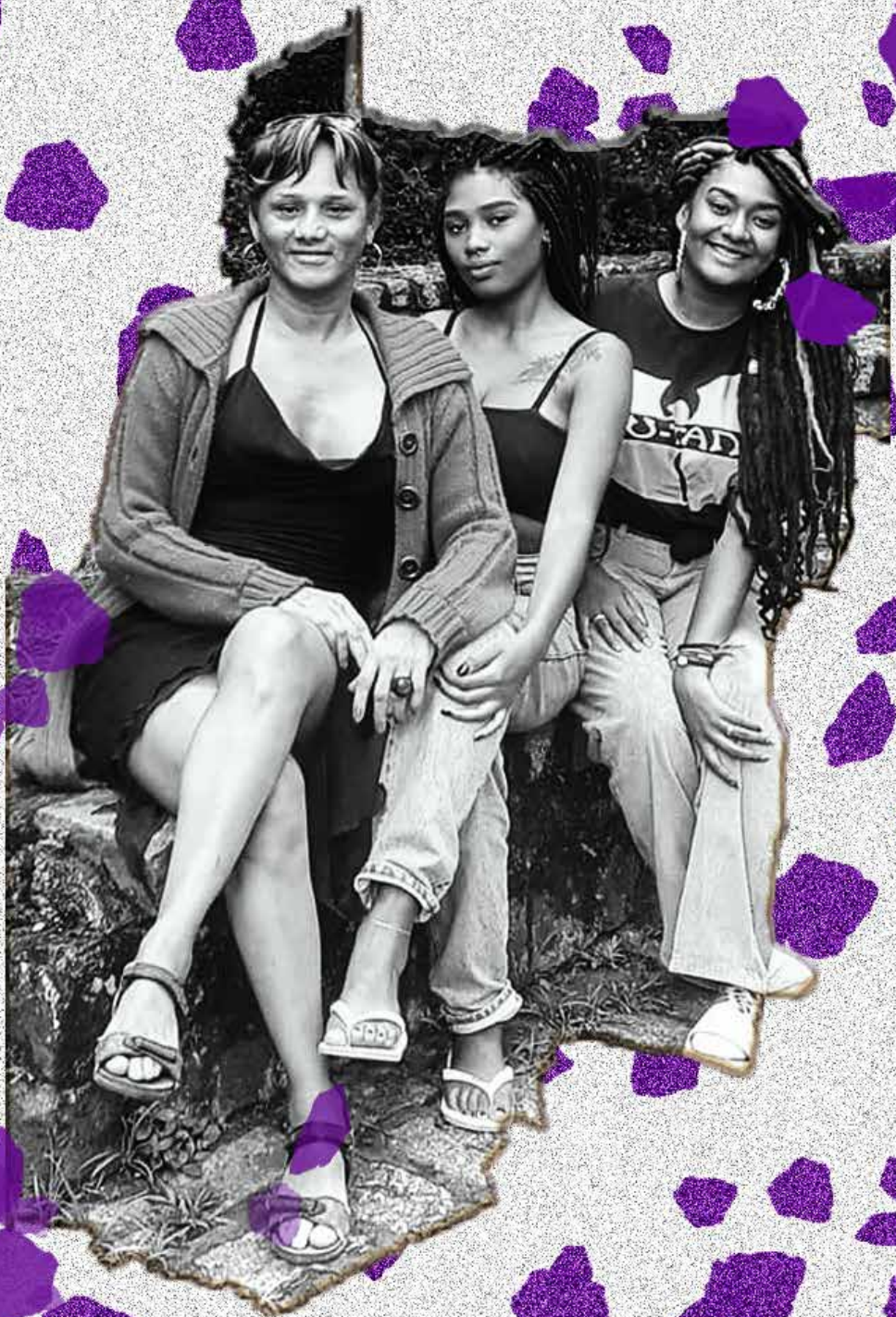
A UNEafro e as outras entidades negras que estão na luta por uma educação antirracista precisam existir e resistir, pois a

sala de aula é um espaço plural que devemos disputar e conquistar, para que possamos introduzir nas universidades estudantes com pensamento crítico e dispostos/as a construir mudanças reais em nossa sociedade.

Nosso grupo - Clementina de Jesus, núcleo de Cotia - ainda é bastante recente, iniciamos nossas atividades em 2015, como Núcleo de Formação Clementina de Jesus. Apenas em 2017 lançamos o cursinho e abrimos inscrições para a primeira turma de pré-vestibular. Nossas maiores dificuldades tem a ver com a evasão de alunos/os, principalmente porque muitos/as trabalham e tem responsabilidade com suas famílias. Além disso, ainda não conseguimos organizar um grupo consistente de professores/as voluntários/as que colaborem com nossas atividades.

Por conta do nosso pouco tempo de atuação como cursinho, neste ano de 2019 estamos com a nossa terceira turma, nosso histórico de ex-estudantes ainda está em construção, por isso não temos experiências acumuladas com as turmas. Embora estejamos extremamente orgulhosos/ as com as aprovações que nossos/as alunos/as obtiveram nos últimos anos. Esperamos mais bons resultados futuramente.





Dêmily Nóbrega

NÚCLEO LAURA VERMONT, LUZ, SÃO PAULO/SP

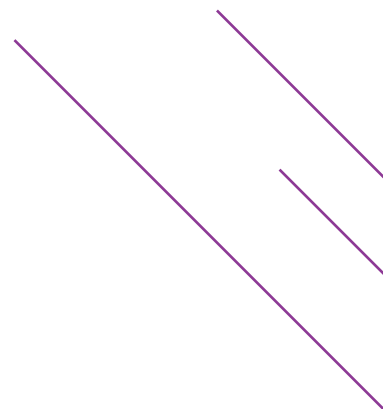
“Ambas as nossas lutas, a racial e a sexual, são lutas que, por mais diversas que sejam em relação à diversidade e as subjetividades têm muito em comum. Estamos juntos no que se refere ao tratamento das dores e dos desafios para superar todas as formas de discriminação”.

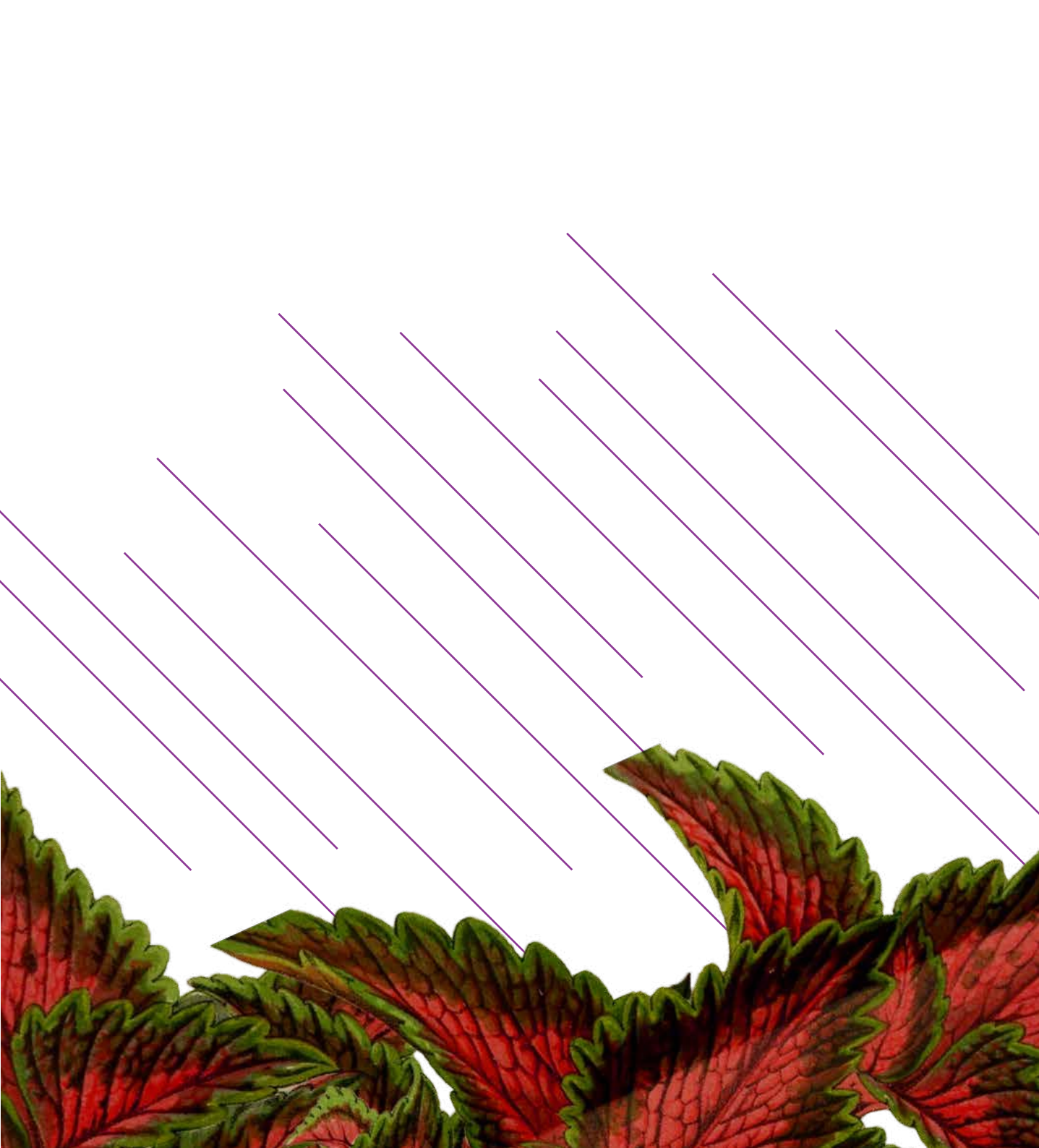
Conheci a UNEafro através da Mayra Ribeiro, Carlos Pinheiro, João Pedro e Ivo de Medeiros em um programa chamado Transcidadania em que eles deram aulas e, depois de nosso contato, eles me convidaram para fazer parte da coordenação. Fui chamada para compor a coordenação justamente para poder contribuir com minha história enquanto pessoa trans que lida desde a infância com a discriminação e o preconceito de identidade e sexualidade. Nesse cursinho, que era focado para a população LGBTQIA+, nossos alunos eram majoritariamente mulheres e homens trans e travestis. Nós felizmente tivemos alunos aprovados em faculdades, assim como eu mesma que consegui entrar no curso de Direito. Depois transferi para Pedagogia, que estou cursando hoje na Faculdade Zumbi dos Palmares.

Os cursinhos populares são de muita importância, em conteúdo, para a preparação para algum vestibular ou concurso, mas também além de conteúdos pedagógicos. O cursinho abre os nossos horizontes, nos dando uma oportunidade de ampliarmos nossos conceitos e desconstruir nossos próprios preconceitos. Os encontros da UNEafro são de imensa contribuição para a conscientização sobre o contexto de violência contra o povo negro e pessoas LGBTQIA+. Conscientização de quem somos, de qual nosso lugar e de onde podemos chegar.

Ao meu ver, o que fundamenta toda a discriminação contemporânea é a narrativa eugenista que, desde o século XIV, construída entre outros por Francis Calvo, foi perpetrada pelas elites que até hoje tentam justificar as barbaridades cometidas

contra todas as pessoas que não estão dentro dos padrões estabelecidos pela classe dominante. Ambas as nossas lutas, a racial e a sexual, são lutas que, por mais diversas que sejam em relação à diversidade e as subjetividades têm muito em comum. Estamos juntos no que se refere ao tratamento das dores e dos desafios para superar todas as formas de discriminação.





Manifesto de construção da União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora - UNEAFRO

São Paulo, das dependências da Faculdade de Medicina da USP, 05 de Março de 2009

“ Você não sente não vê / Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem / Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer (Belchior)

Nós, negras/os, não-negras/os pobres, jovens, mulheres, pne's, idosos/as, estudantes de escolas públicas, universitárias/os, professores/as, educadores/as populares e militantes de diversos movimentos sociais, que usamos acreditar num país justo, igualitário, livre da exploração promovida pelo sistema capitalista e, sobretudo, sem racismo, manifestamo-nos neste dia 05 de Março de 2009, pelo início da construção da UNEAFRO – União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora.

Surgimos a partir de uma dissidência da Educafro. Ajudamos a construir o que já foi uma importante ferramenta da luta do povo negro, da juventude e da educação brasileira. Enquanto membros daquela organização pautamos os poderes públicos, universidades, empresas privadas e o setor educacional. Ações Afirmativas e Cotas para negros, indígenas e pobres tomaram corpo de política pública, transformaram-se em leis ou regras autônomas em universidades. Temos convicção de que nossa atuação contribuiu para transformação da vida de milhares de pessoas que buscaram, com dignidade, ocupar espaços historicamente negados à população empobrecida, em especial aos descendentes africanos.

Nos últimos três anos, enquanto ajudamos a conduzir os rumos da Educafro, democratizamos as relações internas, efetivamos a construção coletiva da linha de atuação política e, em especial, priorizamos a formação crítica de viés anti-capitalista e anti-racista. Neste período levamos com intensidade a luta do negro para todas as dimensões da luta popular, obedecendo a compreensão de que a luta contra o racismo e por Cotas/Ações Afirmativas precisa estar aliada à luta social mais ampla, contra as super-estruturas que geram as desigualdades.

Através de dezenas de encontros de formação e em dois encontros deliberativos (Retiros/Congressos de Sumaré e Guara-

rema), a Educafro reivindicou-se como um movimento social do povo negro, democrático, combativo e de luta. Infelizmente, tal condição foi sumariamente negada pela recém reempossada direção. A inviabilidade da continuação do projeto popular, democrático e de luta no seio daquela entidade nos levou a aceitar o desafio da construção deste novo movimento.

Neste momento novo, de superação da experiência da Educafro, propomos a retomada do caminho de luta, calcada nas bases da organização comunitária; da provocação à autonomia dos núcleos; da formação crítica de atores sociais que buscam o rompimento com o sistema político-econômico que só privilegia o mercado e com todos os tipos de preconceito, em especial com o racismo; da busca de uma educação popular e libertadora e da prática da democracia na construção das ações.

A UNEAFRO agrega militantes da causa negra, da luta anti-racista, da causa das mulheres, da diversidade sexual e do combate a todos os tipos de discriminação e preconceito; da causa da Educação Popular e Libertária, da disseminação do protagonismo comunitário e da luta contra a exploração econômica e a dominação política. Nossa vivência nos leva a defesa da tese de responsabilização e da cobrança do Estado pelas mazelas do povo brasileiro, em especial negras/os e pela implementação de Ações Afirmativas dirigidas aos grupos historicamente injustiçados. Reivindicamos nossa vocação para o trabalho educacional de base e de formação política direcionado às comunidades periféricas urbanas; nossa atuação política no interior das Faculdades e Universidades e ações de mobilização estudantil.

A partir da vivência destes 11 anos de organização e articulação de centenas de núcleos de cursinhos comunitários, bem como da atuação e construção política na defesa da educação e da luta contra o racismo, são elementos fundantes da UNEAFRO:

1 - Luta incessante contra

o racismo estrutural brasileiro em todas as suas vertentes e dimensões e da defesa dos direitos humanos e constitucionais; responsabilização do Estado brasileiro pelas mazelas sofridas por negras/os e não negras/os pobres e defesa intransigente de políticas públicas de ação afirmativa, entre elas o sistema de cotas para negras/os nos diversos espaços sociais;

2 – Fortalecimento da aliança entre o movimento anti-racista e movimentos anti-capitalistas e classistas, bem como uma maior integração da questão da/o negra/o nas diversas frentes como a luta por igualdade de gênero, acesso ao judiciário, condições de trabalho e moradia nas cidades, reforma agrária, contra a exploração das multinacionais e pela soberania nacional;

3 – Exercício permanente da organização comunitária, tanto através dos já tradicionais cursinhos pré-vestibulares comunitários ao valorizar regionalmente sua atuação, quanto da organização cultural, esportiva ou de grupos e intervenção política local. Nossos núcleos serão mais que espaços de necessário estudo acadêmico. Sobre tudo deverão constituir-se em opções para formação teórica e construção de lutas sociais concretas.

4 – Defesa intransigente da educação pública, popular, gratuita e de qualidade, casada à defesa das Ações Afirmativas e Cotas para a população negra em universidades; Exigência de aumentos substanciais nos investimentos para a Educação, desde o ensino fundamental, até a ampliação das vagas em universidades públicas, além do permanente questionamento ao modelo de acesso via vestibular; Defesa da valorização do profissional da Educação e por uma política pedagógica voltada para a realidade das comunidades. Nossos núcleos em sua prática pedagógica combaterão o automatismo da educação preparatória para o vestibular, desprovida de criticidade ou leitura de mundo onde está inserido o educando.

5 – Incentivo à criação e disseminação de veículos de comunicação alternativos, uma vez que um dos maiores desafios para aqueles que se dedicam à educação popular é justamente fiar o enorme bloqueio midiático que banaliza a organização popular e infunde na opinião pública uma aversão a todos os grupos que questionam as estruturas de poder, cumprindo, assim, tarefas históricas para a elite deste país.

6 – Compromisso com a horizontalidade nas relações núcleos/movimento. Uma vez que esta organização se configura como uma união dos núcleos de base, faz-se princípio em nosso cotidiano e relação interna o mesmo que cobramos da sociedade como um todo: o exercício permanente da construção e deliberação coletiva da linha de atuação política, institucional e dos rumos desta organização.

Por fim, não há como deixar de lado a imensa contribuição dada por outros tantos companheiras/os que, individualmente, foram voz discordante e dissidente e que buscaram outros caminhos para sua atuação política. Este Manifesto surge como um chamado aos diversos grupos urbanos organizados ligados a cultura, ao esporte, a grupos de estudo e de educação alternativa, autônomos, independentes, bem como universitários pagantes, inadimplentes, bolsistas, cotistas e proucionistas. Este é o momento.

A UNEAFRO é um movimento aberto ao diálogo, que propõe e não impõe idéias, mas não abre mão de endurecer para se fazer ouvido toda vez que esse direito for negado.

Que o exemplo revolucionário de Dandara, Zumbi dos Palmares, Anastácia, Antonio Conselheiro, Luiza Mahin, Che Guevara, Malcon X e tantos outras/os inspire nossa luta!

Surge uma nova trincheira!

Para aderir ao manifesto, encaminhe seu nome completo, formação e área/instituição em que atua para o endereço uneafro@gmail.com

FOCO

Manifestações marcam o Dia da Consciência Negra

Grupos também homenagearam artistas e líderes negros, como Zumbi dos Palmares

RAFAEL SAMPAIO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
GABRIELA YAMADA
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,
DE RIBEIRÃO PRETO

Nelson Cavaquinho, Zumbi dos Palmares e Dandara. Esses foram os homenageados em protestos ocorridos em São Paulo, ontem, pelo Dia da Consciência Negra.

Na capital, a passeata saiu às 13h da avenida Paulista, na altura do Masp, e seguiu pela rua da Consolação em direção ao centro da cidade.

O ato teve a participação de mil pessoas, segundo a organização do evento. A PM contou 600 manifestantes.

Duas faixas da Consolação foram fechadas pelo ato de ontem, diz a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego).

“Nossas pautas incluem cotas, maior acesso ao ensino superior e combate ao racismo”, afirma Heber Fernandes, 34. Ele é conselheiro da Uneafro, uma das entidades que organizou o protesto.

ACORRENTADOS

Dois manifestantes ligados à Educafro se acorrentaram diante do prédio da reitoria da Unesp, no centro de SP.

Eles exigem que a instituição adote cotas para negros. Ainda no feriado, shows foram organizados pela Secretaria de Estado da Cultura em homenagem ao Dia da Consciência Negra.

Mais de 20 artistas se apresentaram na praça da Luz, segundo a secretaria.

Sacerdotes de grupos religiosos da cultura negra fizeram ontem um ato em Ribeirão Preto. Eles são contra o projeto de lei que proíbe o sacrifício de animais em rituais.

Cerca de 200 sacerdotes participaram do protesto, segundo a organização. O projeto de lei tramita na Assembleia Legislativa.



Mulheres comemoram o Dia da Consciência Negra em Ribeirão Preto

Racismo, Capitalismo e Injustiça Social Social

Página 3

Aula pública marca o dia de combate ao racismo

No Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, a Uneafro realizou sua reunião e todos as formas de discriminação e denunciou o conservadorismo de grupos que tentam se manter no poder das universidades públicas fechadas para negros e classes trabalhadoras. Em 21 de março de 2009, centenas de milhares vindos da Capital, Grande São Paulo e outras parcerias de universidades públicas, reuniram-se no dia 19 de março no Largo do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Papaião, no centro de São Paulo. Os debates que habitam os laboratórios de estudos mobilizam apoio e sempre se aliaram. Debates de grupo, cantada em grupo e versos pelos pontos de apoio e de entrada, todos e todas participaram ativamente aos movimentos de professor universitário, advogado e ex-reitor da Comissão de Ensino Jurídico da OAB Brasileira Luta de Alameda. “O Manifesto de Shaperville se repete diariamente nos portais do Brasil. A mobilização popular em defesa da educação é urgente para enfrentar os perigos que existem a paratotalitarismo”, afirmou ele.



Uma pessoa com uma bandeira com o logotipo da UNEAFRO.



Uma pessoa com uma bandeira com o logotipo da UNEAFRO.

1º Encontro de militantes da UNEAFRO

No âmbito do dia 21 de março, celebramos os movimentos, organizações, setores e indivíduos, manifestações de ações de direitos e ações de base se reuniram para manifestar apoio e sugerir propostas para os debates da UNEAFRO. No sábado, os militantes que participaram das primeiras reuniões pela criação do novo movimento - após o lançamento com a UNEAFRO - apresentaram os debates politológicos e presentes em Maricó, a a estratégia organizacional, pautada nos protagonistas comunitários. “Exatamente nesse contexto a todos os indivíduos que queriam somar na construção de um Movimento Negro popular, democrático e de luta”, disse Douglas Heblon.

Manifesto de Shaperville

A Organização das Nações Unidas instituiu o dia 21 de março como o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial em memória ao Manifesto de Shaperville. Em 21 de março de 1960, na cidade de Johannesburg, na África do Sul, 29 mil negros protestaram contra as discriminações da apartheid. Mesmo diante de uma manifestação pacífica, o exército abriu fogo sobre a multidão e o saldo foi de 29 mortos e 180 feridos. O apartheid, política de segregação racial, foi oficializado em 1948, quando o Partido Nacional - Rio de Janeiro em 1990 - venceu e pôde ser abolido somente em 1990.

8 de março: Mulheres livres! Povos soberanos!

A UNEAFRO participou da manifestação do 8 de março de 2009 em São Paulo com o tema “Nós não vamos parar por sua conta! Mulheres Livres, Povos Soberanos!”, juntamente com um coletivo de mais de 50 movimentos feministas e entidades atuantes na luta de gênero e de diversidade sexual. O documento principal, elaborado pelas organizações, trouxe reflexões sobre as crises (econômica, econômica, ambiental e alimentar que afetam o planeta). Segundo o manifesto, trata-se de uma crise global, gerada por esse modelo de desenvolvimento, baseado na superexploração do trabalho e na exploração da natureza.

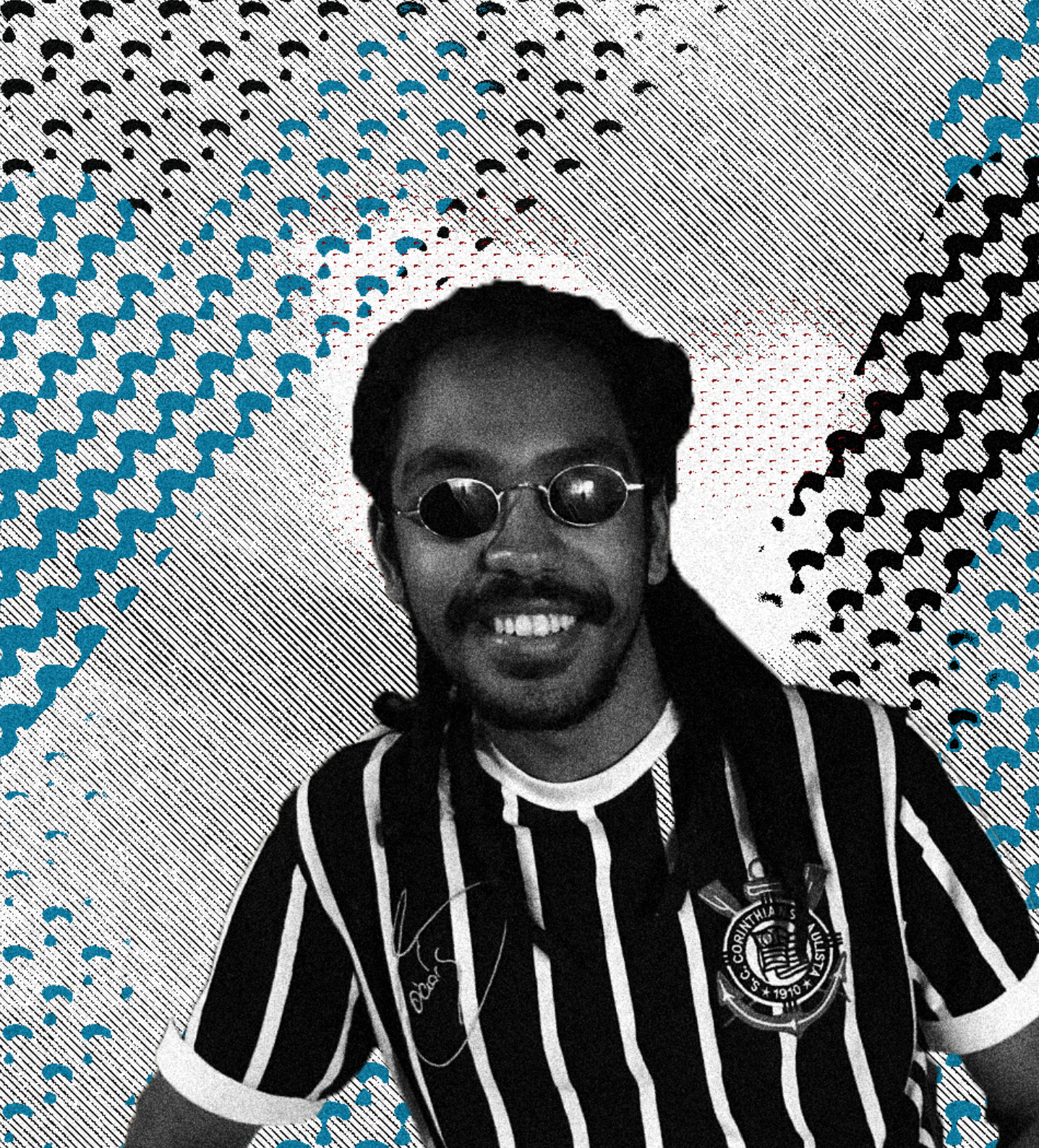


Manifesto comunitário elaborado por vários movimentos sociais.

de e aproximadamente 100 mil pessoas, todos e todas. Por isso, aproveitamos o momento em todos os níveis manifestando e a realização da manifestação da mulher realizada na cidade”.

Trocamos em ato, mulheres e homens participantes do boicote da UNEAFRO manifestaram pela rua de São Paulo em defesa da causa das mulheres negras - “É importante integrar a luta do gênero com a questão étnica, uma vez que a mulher negra está mais exposta a violências estruturais, de baixo status social, baixa representatividade no plano de administração e controle sobre 90% a 80% para as mulheres brancas, cerca 30% a 20% para as negras, empobrecimento”, disse Juliana Queiroz, do GT de Gênero e Diversidade Sexual. A manifestação também foi feita na rua da solidariedade e da soberania popular.

Aula pública marca o dia de combate ao racismo



Levi Castro

NÚCLEO SÃO MATEUS EM MOVIMENTO, SÃO MATEUS, SÃO PAULO/SP

“Algo que marcava logo de cara era estar em um lugar onde as representações eram semelhantes a mim, desde os grafites na parede até xs professorxs. Essa sensação de pertencimento fez com que eu quisesse contribuir de alguma forma, então, logo participei das assembleias de organização e quando me dei conta estava colaborando não mais só como aluno, mas como parte atuante do núcleo”.

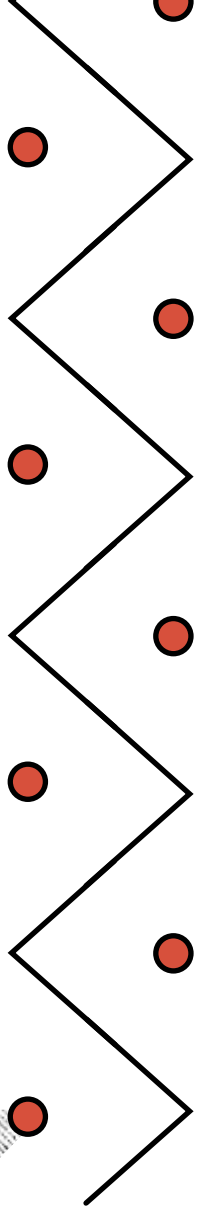
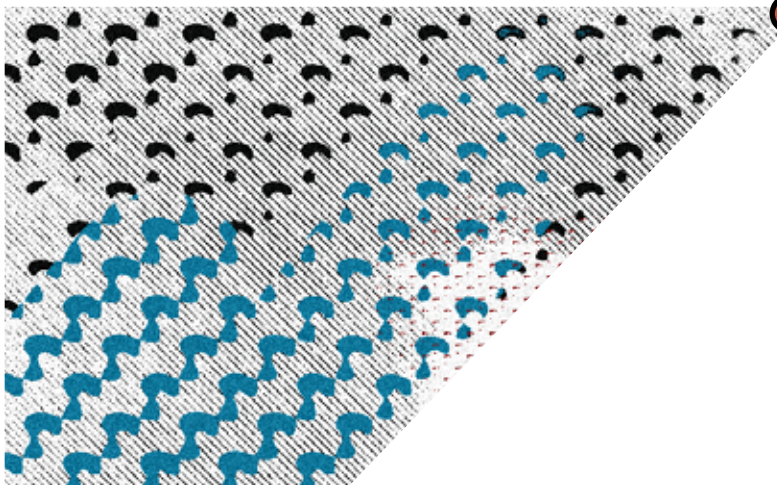
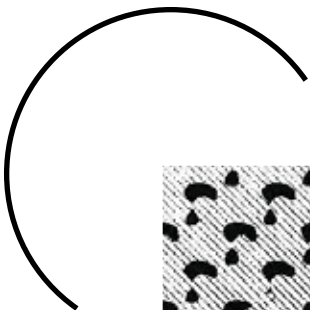
Salve, sou Levi Castro, tenho 21 anos, sou nascido e criado em São Mateus, Zona Leste de São Paulo. Estudo Geociências da USP e colaboro com um núcleo de cursinho popular aqui na quebrada. Em 2015, época em que estava no ensino médio na rede pública estadual, eu e minha companheira buscávamos alternativas para suprir o déficit que a escola tem em relação aos cursinhos particulares para o vestibular. Foi então que encontramos o núcleo da UNEafro em parceria com o ponto de Cultura São Mateus em Movimento. Algo que marcava logo de cara era estar em um lugar onde as representações eram semelhantes a mim, desde os grafites na parede até xs professorxs. Essa sensação de pertencimento fez com que eu quisesse contribuir de alguma forma, então, logo participei das assembleias de organização e quando me dei conta estava colaborando não mais só como aluno, mas como parte atuante do núcleo.

Essa foi a hora em que você olha ao redor e enxerga como a educação pública é sucateada e como a demanda por educação popular busca suprir as faltas do poder público. A gente se organizava para discutir métodos pedagógicos (como deixar a matemática mais atraente) e lanches (ninguém aprende de barriga vazia) e sempre as dificuldades que apareciam eram decorrentes de diversas violações aos direitos dessas pessoas humanas que frequentavam o núcleo. Com o aumento da procura pelo

núcleo em 2017, batendo um número de mais de 100 pessoas inscritas, nos mudamos para uma escola da rede pública estadual para poder atender essa galera que queria estudar. Mas essa mudança de endereço não veio de graça, foi feito uma ação direta em decorrência de várias tentativas frustradas de nos reunir com aqueles agentes que o estado coloca como “responsáveis” por abrir a escola para comunidade aos fins de semana. Após a ação que foi feita, realizamos as aulas do núcleo dentro de uma escola que fica no território.

Durante esses anos tivemos estudantes ingressando no ensino superior em diversas áreas. Porém, a procura maior por um cursinho entre jovens na periferia tem um recorte de gênero que, em qualquer aula que você vier acompanhar conosco, o número de meninas em sala de aula vai ser muito maior do que comparado a meninos. Existe uma demanda por “trabalho” que tira esses meninos da sala de aula e fazem o choque da realidade logo cedo. Quando eu falo sobre trabalho, essa palavra tem a ver com prover e não necessariamente sobre vender a sua força de trabalho. E nesse contexto tivemos estudantes ao decorrer desse tempo que só conseguiram frequentar as aulas pela existência de políticas de permanência estudantil como foi o “Bolsa Cursinho”. Só que essa Política Pública só durou um curto período e mais uma vez corremos atrás de suprir outra demanda do estado que é a permanência estudantil através de parcerias com instituições do terceiro setor. Trouxemos lanches e minimamente pagamos a tarifa para alguns dos nossos.

Qualquer fita, cola com noiz!! www.facebook.com/CursinhoPopularSM





Wagner Nascimento

NÚCLEO RESISTÊNCIA, PQ. AMÉRICA, RIO GRANDE DA SERRA/SP

“O que é cursinho oferece é uma oportunidade de realizar o sonho de aprender e ingressar em uma universidade, além de se tornar um autor da sua própria história, valorizar sua raça e suas origens”.

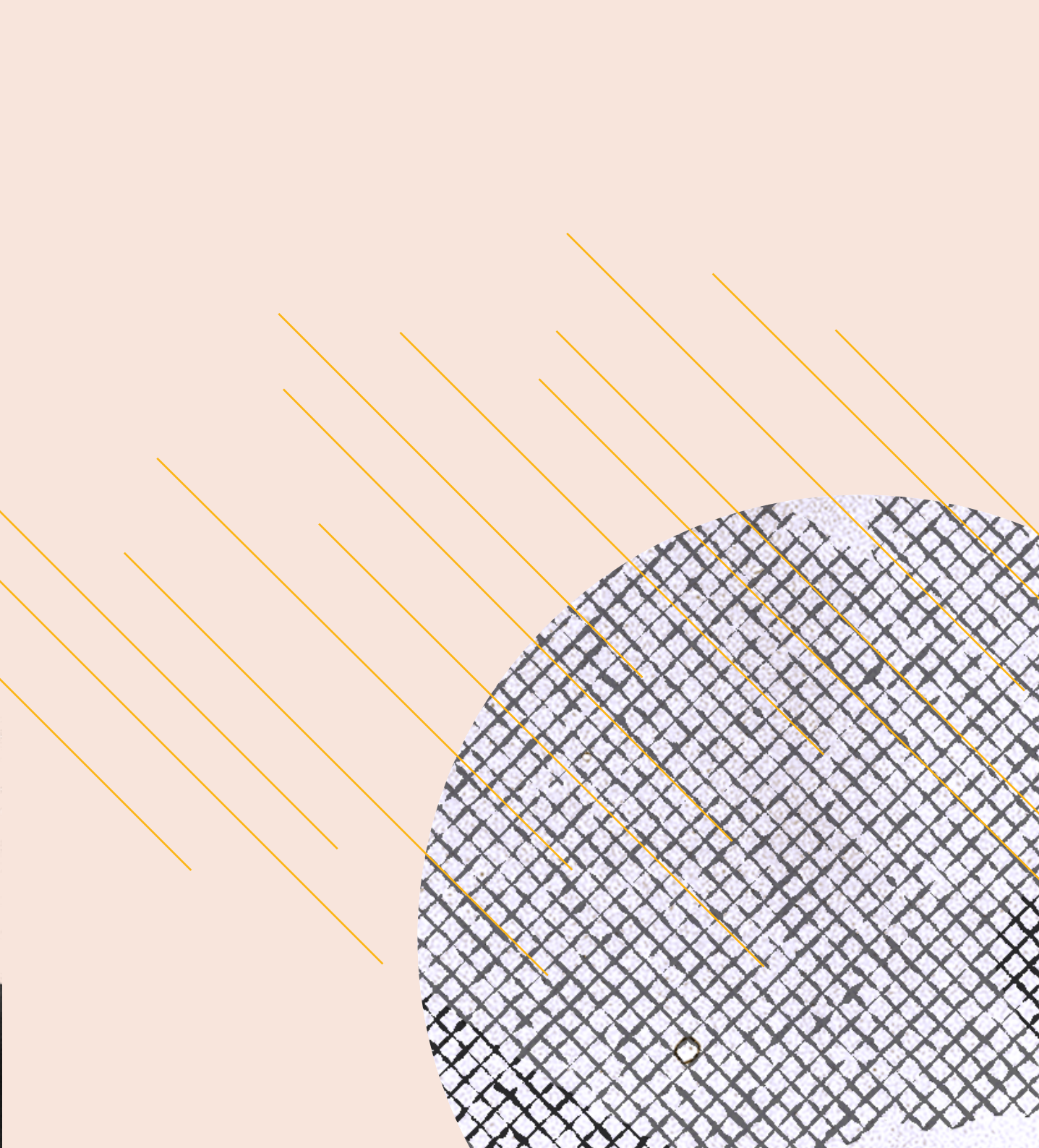
Eu iniciei na Educafro no Núcleo Ecaué, coordenado pela Geni, onde iniciamos nossos trabalhos até o rompimento com a Educafro e a criação da UNEafro. Fizemos parte da Direção da UNEafro, formamos nosso Núcleo “Resistência” em Rio Grande da Serra, com um tipo de trabalho diferenciado na área de esporte, cultura e lazer.

Nossos professores sempre tiveram um perfil de militantes, e nossos alunos de um histórico de submissão social. Sempre encontramos dificuldades financeiras e com o espaço mesmo para o cursinho. Tivemos que buscar parcerias com outros movimentos e associações. Nossas atividades eram sempre culturais e esportivas. Nosso Sarau da Resistência era uma forma de dialogar com a comunidade local e trazer para o debate pautas como racismo, homofobia, machismo entre outros. Participamos de várias manifestações com a UNEafro como a ocupação do Aeroporto de Guarulhos, a ocupação da USP, da Faculdade de Medicina no primeiro ato oficial da UNEafro, e assim conquistamos espaços em universidades, em entidades políticas e sindicais. Além, é claro de ver nossos alunos entrar na universidade. Me lembro, por exemplo, do Josué que, com muita dificuldade, lutou junto com nosso Núcleo e hoje está na Universidade Federal do ABC. Me lembro de um outro, que fez nosso cursinho, prestou e passou na prova da faculdade FIRP, mas só aí descobrimos que ele não tinha concluído ainda o ensino médio!

A educação pública hoje está totalmente engessada e acaba não contribuindo com o desenvolvimento do aluno. Acaba, na verdade, tirando seu interesse de aprendizado. É aí que entram os cursinhos. Eles têm um papel fundamental em contribuir para

o conhecimento e fortalecer a autoestima do aluno. O que é cursinho oferece é uma oportunidade de realizar o sonho de aprender e ingressar em uma universidade, além de se tornar um autor da sua própria história, valorizar sua raça e suas origens.







Maria Morita

NÚCLEO DANDARA, JD. ÂNGELA, SÃO PAULO/SP

“A ‘professora japa’ aprendeu com as turmas em luta por moradia que ser amarela é se beneficiar da estrutura de poder da branquitude sem ser representante da supremacia branca e, ao mesmo tempo, sob identidade forjada para justificar a meritocracia e aprofundar o racismo contra a população negra”.

A experiência coletiva em Núcleo Dandara, um núcleo cuja ação dispersou, é a experiência que conto de um ponto de vista muito localizado: o meu próprio. Em um território ocupado por um movimento de luta por moradia na Zona Sul de São Paulo, Núcleo Dandara foi um núcleo nômade entre o município de Taboão da Serra e o bairro da Zona Sul da capital, Capão Redondo. Conheci a ação política de ocupar e lutar pelo direito à moradia digna e a ação de educação popular da UNEafro no mesmo ano, ao mesmo tempo, pois o Núcleo Dandara teve por objetivo a organização de um cursinho para jovens de ocupações por moradia popular.

Nosso contexto territorial, além de ter estado em áreas periféricas, nas quebradas da Zona Sul, se pôs contra a lógica da especulação imobiliária e da gentrificação da cidade. Acesso à cidade, transporte, saneamento, educação de qualidade, acesso aos aparelhos de saúde, lazer... Tantos direitos esses os que temos e, principalmente nos bairros que ficam depois das pontes das marginais, sequer teto para viver com autonomia e segurança para correr atrás “do resto”. O aluguel pago que tira a saca de feijão da comida do prato. A compra de supermercado do alimento básico que tira do montante para pagar o aluguel. As outras contas. O desemprego somando como agravante das situações de despejo das famílias de suas casas alugadas. Nas ocupações em que Núcleo Dandara esteve, educadorxs experientes que vivenciam o índice de evasão da rede pública, viveram encontrar-se com o índice de evadixs. Em território de luta por moradia, ingressantes e concluintes do ensino médio

são raridade. Nossa ação, inicialmente voltada para estudantes de ensino médio e potenciais ingressantes no ensino superior, também se viu na desafiante tarefa de impulsionar a juventude, adultos e crianças da luta por moradia a se alfabetizar e concluir o ensino básico - tentando dar conta de frentes de educadores para o Ensino Fundamental I, o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, sem deixar de lado a atenção voltada para as provas vestibulares de ingresso no ensino superior público ou através de bolsas no ensino superior privado.

As unidades escolares da rede pública são espaços em que há, todos os dias, uma enorme quantidade de jovens que se encontram todos os dias. Poucos são os lugares que reúnem a potência de transformação da geração adolescente com a frequência que a obrigatoriedade escolar mobiliza enquanto aparelho institucional. Que lugar desagradável, o aparelho institucional escola. Seu funcionamento serve à manutenção do poder vertical e colonizador da branquitude. É o espaço, por excelência, da lógica da meritocracia baseada na fantasia de que o esforço individual nos estudos é o único motivo do sucesso acadêmico ou profissional. Na rede pública, o sucesso individual é incentivado para estudantes brancos, os mais privilegiados da rede pública porque privilegiados na sociedade, simples assim. Nada atípico observar as estatísticas de todas as disciplinas: notas mais altas para estudantes brancos na frente de estudantes negros, notas mais baixas para estudantes negros na frente dos estudantes brancos. Nada atípico escutar em sala de professores que “tal turma é a turma de bandidos, putas, traficantes, assaltantes”. Expulsões, evasões são o resultado com o qual contam diretores, coordenadores, professores, diretores regionais de ensino, secretários da educação. Contam com o índice de evasão para “bater a matemática” da viabilidade material precária e insuficiente das unidades escolares. Projeto de precarização, projeto de crise, projeto de tirar a escola da frente da linha da bala, da frente do subemprego, da frente da violência contra a população negra, pobre e periférica.

Da juventude no contexto da luta pela conquista da casa própria, mais do que a escola, negados estavam direitos de sobrevivência dos mais básicos: morar, ter onde fazer suas refeições, ter para onde voltar e se deitar para descansar à noite sem passar frio, sem tomar chuva e sem passar fome. “Como que vocês oferecem um cursinho para fazer vestibular? Eu não

vou estudar para a faculdade... Nem terminei a quinta série!”, “É curso de quê mesmo isso aí? Vocês ensinam a gente a ler e escrever?” eram frases comuns em resposta aos nossos convites para frequentar as aulas. Chegávamos na ocupação com café da manhã para receber a turma; xs educadorxs que terminavam de dar aula no primeiro período da manhã saíam da aula direto para a cozinha coletiva preparar o almoço doado pelxs próprixs estudantes, suas famílias e demais militantes da própria ocupação; depois das aulas da tarde, preparávamos juntxs um café da tarde com biscoito e café e, quando tínhamos um pouco mais de recursos, um bolo ou pão com manteiga. Dividimos nossas turmas entre estudantes de ensino médio ou concluintes do ensino médio que pretendiam prestar vestibular, reforço de conteúdos para estudantes que lutavam para terminar alguma etapa do ensino básico e alfabetização de jovens e adultxs.

Cada conquista foi coletiva: conclusões de ensino médio por provas de eliminação de matérias foram conquistas arrancadas de cada saca de café, arroz, feijão, pão, uma mortadela ou uma salsicha doados para segurar firme as carcaças que ensinavam e aprendiam juntas durante sábados inteiros. O ingresso de uma jovem negra na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) foi uma das nossas conquistas coletivas arrancadas de cada almoço feito juntxs.

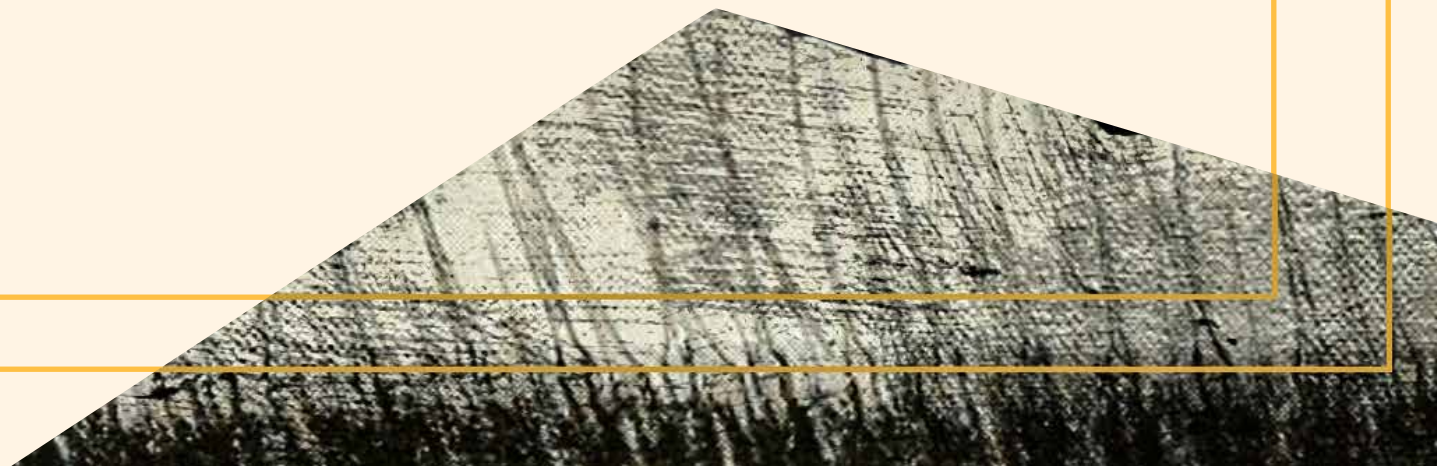
Dandara voou alto e, embora não se constitua mais como Núcleo UNEafro mobilizado, espalhou sementes que ainda germinam. Germinam em outros territórios de ocupação de outras regiões da grande São Paulo e na ação dispersa e espalhada de todxs aquelxs que tiveram a sorte de fazer parte dos dois anos e meio em que teve ações entre Taboão da Serra e Capão Redondo. Nosso papel enquanto educadorxs ativxs durante esses dois anos e meio era o de nos ver no nosso lugar de privilégio, desestabilizar a estrutura de poder da qual nos beneficiamos e puxar mãos de jovens negrxs da periferia para o espaço que sempre lhes pertenceu: o da dignidade de ter a mesma chance que a classe proprietária branca de serem o que quiserem ser; o da liberdade de ser, existir e continuar existindo segundo seus próprios desejos. Desejos próprios são desejos coletivos na medida em que lutamos juntxs para realizá-los.

Do ponto de vista localizado de uma educadora que viveu a experiência de itinerar com Núcleo Dandara por duas regi-

ões periféricas da Zona Sul, a “professora japa” aprendeu com as turmas em luta por moradia que ser amarela é se beneficiar da estrutura de poder da branquitude sem ser representante da supremacia branca e, ao mesmo tempo, sob identidade forjada para justificar a meritocracia e aprofundar o racismo contra a população negra. Muito escutava nas experiências junto do Núcleo Dandara e ainda escuto em outros espaços que sou uma professora “japa inteligente” e filha de imigrantes que se esforçaram para alcançar setores proprietários da sociedade, por supostamente terem se esforçado mais do que a população negra. Se esquecem, cínixs, que minhas e meus ancestrais asiáticxs que sofreram com leis de imigração mais duras do que para europeus, não foram sequestradx e escravizadx e, ao longo da história, tiveram seus descendentes interrompidxs em todxs os direitos garantidos para as classes proprietárias. A começar pelo direito de viver e dispôr sua existência no mundo. Acham, alguns brancxs, que esta educadora amarela que escreve sobre Núcleo Dandara é como elxs. Seja em Núcleo Dandara ou nas ações posteriores à vivência coletiva que se dispersou, quando xs brancxs acham que amarelxs são ou “venceram” como elxs, estxs não entenderam o que pode ser o “perigo amarelo” para as estruturas dominadas pelo colonialismo barato da atual classe dirigente branca. Quando nos vemos como sujeito racial que aprofunda o racismo estrutural de um país genocida e escravocrata como o Brasil, não existe mais condição de não lutar contra o racismo estrutural que nos beneficia pela hierarquização que minha avó ocidental sabia definir muito bem: “meus netos de ‘raça cruel’ são os mais feios, mas pelo menos minha filha não me deu netos com um homem negro”.

Não evitamos, por diversos motivos, a dissolução do Núcleo Dandara. Nossas forças para manter a ação educativa enquanto núcleo UNEafro nesse território de luta pelo direito de morar foi marcado por desestabilizações na estrutura de poder beneficiária da classe dirigente branca nos dois pólos dos campos ideológicos (identificados como ação e discursos da ideologia de direita e de esquerda), porque a estruturação da invenção de uma hierarquia de raças se dá de cima para baixo. Se o sistema econômico capitalista, de exploração do trabalho humano, se co-produz com o racismo em um país colonial, escravocrata e

genocida, pouco se ganha embranquecendo a luta de classes. Nossa experiência em Núcleo Dandara não leva mais o nome de Dandara nas nossas ações coletivas presentes, desde 2018 não nos caracterizamos mais como núcleo UNEafro. Mas Dandara vive em nossa ação cotidiana de segurar as mãos uns/umas dxs outrxs. No nosso lugar de educadorxs não-negrxs (seja porque amarelxs ou brancxs mesmo), não podemos hesitar em abrir mão dos nossos privilégios. E admitir que xs jovens negrxs e periféricxs, justamente por não terem tido as mesmas chances que tivemos nas estruturas que nos beneficiam, são muito melhores do que nós e as transformações do mundo pertencem à ação do protagonismo da existência e resistência das vidas negras. Dandara não é mais um núcleo UNEafro, mas Dandara vive e Dandara viverá em cada momento perigoso para a ponta branca e embranquecedora da estrutura de poder.





Entrega de alimentos durante a pandemia. 2020



**Ato em
solidariedade
ao Black Lives
Matter em São
Paulo. 2014**

**Aula pública
na Igreja dos
Pretos do Largo
do Paissandú
em São Paulo.
2009**



Adriano Sousa

NÚCLEO ANGELA DAVIS, FAZENDA DA JUTA, SÃO PAULO/SP

Somos uma das poucas iniciativas no país que, de fato, aplica a lei 10.639/03 que preconiza o ensino de história e cultura afrobrasileira. Nosso método, que valoriza o diálogo, o cuidado e o acolhimento dos jovens e de suas iniciativas em nossos territórios, leva a uma partilha concreta de conhecimento que a dinâmica do ensino público não possui e que traz para o espaço do cursinho a valorização daquilo que os estudantes realmente são.

Ouvi falar da UNEafro pela primeira vez em 2016, através de uma postagem do Douglas Belchior na página dele no Facebook. Ele estava divulgando a busca por voluntários para atuar no Núcleo Rosa Parks, à época no Céu São Rafael, zona leste de São Paulo. Comecei a participar do Núcleo após a recepção da professora Elaine Correia, de Português. Sentia grande necessidade de atuar politicamente contra o golpe que se avizinhava e tomei essa decisão após perceber que um processo profundo de avanço da direita estava acontecendo com a condução coercitiva do ex-presidente Lula. Nunca me identifiquei com espaços da esquerda clássica e sabia que de alguma forma meu caminho seria fatalmente trilhado na educação popular voltada para negras, negros e população periférica.

Os estudantes que frequentavam o núcleo eram, em sua maioria, negr@s e oriundos das escolas públicas locais. Muitos deles tinham baixo-estima por não serem incentivados pela escola a pensar em fazer Universidade ou lidar com as suas formas de seleção. As professoras e professores do cursinho, por sua vez, são lutadores envolvidos com as pautas antirracistas, feministas e sindicais, quase todos atuantes na rede pública estadual ou estudantes dos últimos anos de faculdade, sendo alguns oriundos da UFABC devido à proximidade geográfica.

Após um ano atuando neste núcleo, junto com a professora Elaine Correia, o professor Cleyton Borges (do Núcleo de Itaquera) e a Cedeca Sapopemba, ajudei a fundar o Núcleo Ângela

Davis, hoje localizado na Avenida Sapopemba, no bairro Fazenda da Juta. Passei a dividir minha rotina por ambos os núcleos e as maiores dificuldades que encontramos estiveram sempre relacionadas a cessão dos espaços para realização do cursinho, obtenção dos mantimentos para o lanche e à presença de professores voluntários de exatas. Contornamos, tanto no Núcleo Rosa Parks, como no Ângela Davis, o problema dos espaços, reivindicando o uso dos espaços escolares na abertura que as escolas fornecem aos finais de semana no âmbito do escola da família. Conseguimos melhorar o número de professores de exatas nos últimos dois anos graças às campanhas coletivas de divulgação da UNEafro em busca de novos voluntários.

Uma aluna que tinha muitas dificuldades para estudar de início, devido mais à insegurança do que a outras questões, é a Debora Dias, hoje fundadora do Núcleo Ilda Martins, trabalhadora da cultura e da assistência social e estudante de ciências sociais na UNIFESP. Ela passou por um processo muito bonito de aprendizado no qual foi desenvolvendo estratégias de organização de estudos e resoluções de provas que redundaram em aprovações na UNESP, FATEC e UFRJ. Outra estudante que muito me orgulha por sua capacidade de organização e consciência é a Stephanie Felício, hoje bibliotecária no Cedeca Ademir dos Santos no Parque Santa Madalena, que fundou o Núcleo Dona Nazinha da UNEafro também neste ano. Ela foi estudante ativa e coordenadora do Núcleo Ângela Davis e se identificou logo de cara com a proposta da UNEafro, unindo-se a nós como uma grande força jovem do movimento.

Vejo a UNEafro com um importante papel em pautar os conteúdos relacionados à formação cidadã, algo que é pouco desenvolvido em nosso ensino básico brasileiro e que corre sério risco de ter suas diretrizes destruídas pelo movimento em torno da lei da mordaza, a “Escola Sem Partido”. Somos uma das poucas iniciativas no país que, de fato, aplica a lei 10.639/03 que preconiza o ensino de história e cultura afrobrasileira. Nosso método, que valoriza o diálogo, o cuidado e o acolhimento dos jovens e de suas iniciativas em nossos territórios, leva a uma partilha concreta de conhecimento que a dinâmica do ensino público não possui e que traz para o espaço do cursinho a valorização daquilo que os estudantes realmente são. Isso os afasta

de buscar sentido na violência, que é o pólo atrativo para a juventude das periferias. A estratégia de fortalecer a autoestima da nossa galera, colocando-os na Universidade com consciência de raça, classe, gênero e território, faz com que reproduzam iniciativas de combate à violência através da cultura e do trabalho comunitário em nossas quebradas. Somos muito felizes com o que fazemos todo final de semana. Vejo o espaço do cursinho como local onde construímos fortes laços afetivos, de amizade e também onde nos renovamos a cada atividade organizada. Meu mestrado em andamento na USP, sobre a história das lutas sociais em São Mateus, só existe graças ao fortalecimento emocional que construí na UNEafro, superando várias barreiras de baixo-estima advindas das várias formas de racismo que sofri ao longo da vida. E também por circular pelo território de São Mateus, construindo laços com muita gente de luta que encontrei nas andanças para organizar os núcleos.





Lilian Damasceno

NÚCLEO CAROLINA MARIA DE JESUS, V. PRÍNCIPE DE GALES, SANTO ANDRÉ/SP

“Para falar do ensino público no Brasil, na nossa leitura, é imprescindível tomar todo cuidado possível para não cair no discurso corrente que maldiz o trabalho de muitos dos nossos colegas, que fazem seu melhor com o pouquíssimo que é oferecido a eles: salas lotadas, nenhuma infraestrutura, pouco tempo de aula... A receita mágica da frustração, tanto do discente, quanto do docente”.

A UNEafro foi o primeiro nome cogitado quando nós, então alunos dos mais diversos cursos de licenciatura do Centro Universitário Fundação Santo André, pensamos em organizar naquele espaço um cursinho popular. Tínhamos vontade de fazer algo que atendesse as comunidades em situação de vulnerabilidade do entorno, mas não sabíamos como dar os primeiros passos. O Douglas Belchior veio de pronto e nos disse quais eram os pontos que acreditava serem potentes e os pontos que precisavam ser analisados de uma maneira mais cuidadosa – como o fato de estarmos em um ambiente universitário, que costuma ser muito fechado para a comunidade geral. Ouvimos o que ele tinha a dizer e pedimos para fazer parte do time. Desde 2016 estamos nessa juntos.

A primeira reunião com Douglas aconteceu em abril daquele ano. Pensávamos que, pela data avançada, o ideal seria abrir turmas no meio do ano, o que ele discordou. Afirmou que era importante começarmos o quanto antes. Abrimos chamadas com inscrições online devido ao pouco tempo que tínhamos entre fazer a chamada e iniciar as aulas. Foi aí que tivemos nosso primeiro choque. Os inscritos eram, em sua maioria, alunos do colégio particular que funciona no espaço da Fundação. Não poderíamos dispensar aqueles alunos, já que compunham mais de 90% da turma, mas sabíamos também que eles não eram nosso foco. A questão foi motivo de dissidência e alguns professores saíram do projeto. Continuamos mesmo assim e aconteceu

o que hoje chamo de seleção natural dos espaços. Conforme foram vendo nosso posicionamento e a bandeira que levantamos, esses alunos foram saindo e outros foram tomando conhecimento - a maioria eram amigos dos próprios alunos que vieram indicados pelos estudantes da Fundação e tinham mais o perfil do nosso público alvo.

O primeiro ano foi difícil, mas nos ensinou muitas coisas. Mudamos a maneira de realizar as inscrições, elas agora são todas presenciais, o que nos permite falar do projeto, explicar como funcionamos e entendemos a Educação e permite também que façamos um trabalho de permanência, onde um grupo de trabalho pensa e cria ações que facilitem a permanência desses estudantes no projeto. Isso porque a Fundação conta com uma ótima estrutura, mas fica localizada em um espaço de difícil acesso.

E as dificuldades de manter o projeto são muitas. A começar pelo espaço. Não é nosso, é uma conquista do Diretório Acadêmico junto à direção do prédio. Dependemos do Diretório para manter o espaço, já que sem eles, não temos condições de permanecer ali. Por não ter um espaço nosso, dependemos também da agenda da instituição - que fecha para eleição, em emendas de feriados, etc. - e todas essas restrições dificultam nossas ações no que tange à alimentação dos estudantes. Todo ano a alimentação é nosso maior tema de discussões.

Ainda com inscrições presenciais, a média de inscritos foi de 200 pessoas nos últimos dois anos. Temos apenas 70 vagas. Para fazer a “seleção” daqueles que vão entrar primeiro, organizamos um esquema de pontuação: priorizamos pessoas negras, com baixa renda per capita, de escolas públicas, fora da estrutura familiar heteronormativa padrão, enfim, optamos por aqueles que são, nos outros espaços, os mais preteridos. Muitos dos nossos alunos vêm de escolas que não têm condições de preparar para o ENEM. O trabalho dos professores é árduo, todos dão o seu melhor, mas são anos de defasagem para pouco tempo de aula - já que só podemos oferecer aulas aos sábados. A rotatividade é sempre muito alta, fazendo com que todos os inscritos sejam chamados no decorrer do ano. Assim, desses 200, 10% entram na universidade e desses 10%, cerca de dois ou três alunos, no máximo, vão para universidades públicas.

Para falar do ensino público no Brasil, na nossa leitura, é im-

prescindível tomar todo cuidado possível para não cair no discurso corrente que maldiz o trabalho de muitos dos nossos colegas, que fazem seu melhor com o pouquíssimo que é oferecido a eles: salas lotadas, nenhuma infraestrutura, pouco tempo de aula... A receita mágica da frustração, tanto do discente, quanto do docente. Desta maneira, os alunos que chegam até nós, em sua grande maioria, são cheios de sonhos e obstáculos no caminho. Muito além de preparar para o ENEM, precisamos manter um diálogo saudável e realista que permita que eles vejam de onde estão partindo e entendam que o caminho que trilha até o ensino superior exige muito em disposição e saúde mental. Nossa educação pública gratuita é tecnicista, busca preparar os alunos para serem mão-de-obra, não pesquisadores ou pensadores. Sobretudo a população pobre, filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras. O trabalho que fazemos é na contra-mão desta corrente. Porque acreditamos que é direito de todos fazer aquilo que quiserem, não aquilo que é previamente determinado de acordo com sua cor de pele ou condição financeira. Os acessos devem ser iguais para toda sociedade: museus, universidades, sambas, bibliotecas, saraus, o que quiserem! No entanto, para acessar alguns espaços, é necessária formação prévia - como para a leitura de alguns quadros ou apreciação de algumas poesias - e são essas barreiras invisíveis que, muitas vezes, restringem os espaços onde os nossos podem caminhar.



Débora Dias

NÚCLEO ILDA MARTINS, FAZENDA DA JUTA, SÃO PAULO/SP

“A gente tem uma educação que está sendo desmontada, que sempre foi precária. Esse momento é o momento de desmonte de todos os setores que afetam principalmente a camada periférica da população. Em momentos como esses, em momentos de precariedade, o papel do cursinho popular é de trazer essa nova perspectiva de educação, de uma educação que é emancipadora, algo com o que a gente tem pouquíssimo contato. É de fato repensar as maneiras de dar aula, a maneira de entender a militância, atuando junto com as questões que caem no vestibular”.

Eu primeiro ouvi falar da UNEafro quando vi um link no Facebook em 2016. Do link mesmo eu não esperava retorno nenhum porque demorou um tempinho até entrarem em contato. Depois começou um grupo, outro grupo do *WhatsApp*, aí de fato começaram a aparecer informações sobre o núcleo e sobre as aulas. Me impressionou o perfil dos professores e dos alunos, uma galera que estava na mesma vibe que eu: na escola pública ou já tinham terminado e estavam estudando. Eu lembro que na minha sala tinha bastante gente da minha faixa etária. A minha grande questão com a UNEafro foi a grande quantidade de professores negros. Eu não tive esse tipo de representação quando eu estava dentro do ensino médio e aí você entra no cursinho e de repente a grande maioria dos professores são negros, poxa. Essa imagética foi muito emblemática para mim.

Não é fácil ter um cursinho. Toda a organização do cursinho é feita pelos alunos e pelos professores, então a gente às vezes tinha aqueles probleminhas institucionais. Por exemplo, de não ter o giz de cera, de não saber qual o lanche que a gente ia comer. Mas eu acho que isso foi de extrema importância para a gente se fortalecer enquanto o grupo. Porque a gente tinha uma dificuldade: se todo mundo não se organizasse e fizesse junto,

não dava. Então eu acho que também para mim foi muito emblemático porque foi de fato entender o que é militância, entender meu lugar e entendendo esse meu lugar me possibilitou querer estar na rua. Foi um momento muito específico da história brasileira, a questão do impeachment da Dilma e a UNEafro estava na rua. E eu tive a felicidade de estar também, e posso pensar hoje que eu estive do lado certo da história. Foi um ano de muita pressão, a gente trabalhou bastante e essa garra, essa coisa de estar mesmo na rua eu aprendi na UNEafro.

A gente tem uma educação que está sendo desmontada, que sempre foi precária. Esse momento é o momento de desmonte de todos os setores que afetam principalmente a camada periférica da população. Em momentos como esses, em momentos de precariedade, o papel do cursinho popular é de trazer essa nova perspectiva de educação, de uma educação que é emancipadora, algo com o que a gente tem pouquíssimo contato. É de fato repensar as maneiras de dar aula, a maneira de entender a militância, atuando junto com as questões que caem no vestibular. A gente já sabe que o vestibular é injusto e tudo mais, mas quando você tem esse ademais, o suporte de entender seu papel no mundo, de entender qual que é o seu lugar de fala, de entender que essas questões permeiam tudo e a todos, e principalmente, demarcadamente, a questão racial, que claro, para mim é muito óbvio, é muito forte, enquanto mulher, da periferia, lésbica e hoje acadêmica – isso te fortalece. A UNEafro foi central para que eu conseguisse me enxergar dessa maneira, de um maneira muito positiva, de saber que não existe nada de errado comigo e de me apresentar essa nova perspectiva de educação, que é a educação emancipadora.

Sobre os alunos com dificuldade, a aluna com dificuldade era eu mesma, que entrou na universidade pública. Esse processo do vestibular me deixou muito ansiosa, o que fez com que eu procurasse por terapia e eu acabei por descobrir que eu tinha dislexia, discalculia e déficit de atenção. E aí foi um grande choque para mim no sentido de que eu passei uma vida inteira dentro da escola achando que eu não era esforçada o suficiente em matemática, apesar de sempre ter gostado muito de estudar. Eu sempre tive muita dificuldade e achava que isso era a preguiça, que isso era uma falta de atenção minha, de falta de cuidado.

Quando, na verdade, isso era uma dificuldade real. E eu fui uma pessoa com dislexia e com déficit de atenção e com questões de aprendizado e que entrei na universidade pública. Isso é muito importante para mim, a sensibilidade que os professores tiveram comigo nesse quesito. Tem até o Anderson Alk, que foi meu professor de redação, e eu mandava várias redações para ele corrigir, às vezes era até bem tarde da noite, e ele tinha uma paciência muito grande, um cuidado muito grande. Eu tenho muita felicidade por essas pessoas que passaram pela minha vida, que foram os meus professores, tanto no núcleo Rosa Parks, quanto no núcleo Luz que é o Laura Vermont.

A UNEafro, especificamente, que tem muito demarcado seu recorte racial, é muito estratégica quando a gente fala da questão do combate à violência. O jovem preto está sempre morrendo. É importante que ele acesse outros espaços e ganhe outras perspectivas, isso o deixa mais forte para que não esteja tão suscetível. No entanto, chega a ser até mítico a gente dizer que estamos inatingíveis pela violência. Mesmo, às vezes, na academia, mesmo tendo muito acessos, a gente ainda tem muito problemas de sobrevivência. Mas o papel do cursinho popular, de um cursinho como a UNEafro no combate à violência e a questão do genocídio da juventude negra é estratégico, fundamental. Quando eu possibilito que um jovem da periferia consiga entender o que é mecanismo do vestibular, consiga pleitear uma vaga na universidade, no curso técnico ou em um concurso, independente de qual seja objetivo dele, eu consigo indicar para ele novas direções, que não sejam a do tráfico, a do crime, a de estar suscetível a vários tipos de violência.



Elaine Correia de Oliveira

NÚCLEO ANGELA DAVIS, FAZENDA DA JUTA, SÃO PAULO/SP

“Participar da UNEafro foi a maneira que eu encontrei na militância para lutar com a arma que eu sei bem manusear: a educação. Através dela e dos cursinhos comunitários, eu vejo socialmente um impacto profundo de transformação do povo preto e periférico. O saber sempre foi uma arma de muito poder no mundo. Nesse sentido, é minha obrigação continuar o nosso legado, ou seja, proporcionar todo o conhecimento a que eu tenho acesso para minhas irmãs e irmãos e, assim, garantir a nossa sobrevivência, permanência no mundo e evolução”.

Sou professora e coordenadora da UNEafro Brasil há 4 anos. Minha trajetória começou com o núcleo Rosa Parks na região de São Mateus e atualmente estou desenvolvendo trabalho no núcleo Angela Davis, na região da Sapopemba/Fazenda da Juta, inaugurado em 2017. Também estou ajudando na construção de mais dois núcleos: Dona Nazinha, no Parque Santa Madalena e o Ilda Martins, localizado na Fazenda da Juta II.

Minha história com a UNEafro começa por consequência da greve dos professores da rede Estadual de São Paulo, em 2015. Durante o processo da greve, de 93 dias de muita luta, conheci dois companheiros, Anderson Vilar e Anderson Alckmin, que na época estavam ajudando a construir os atos e mobilizações. Em uma reunião na subsede de Itaquera do sindicato dos professores do Estado de SP, a APEOESP, fui convidada pelos dois amigos a participar do cursinho. Nesse momento estava muito envolvida com a luta pela educação de qualidade para todos, então não pensei duas vezes e aceitei o convite para participar de uma reunião do núcleo Rosa Parks.

No entanto, o meu envolvimento com o movimento feminista também crescia. Estava fazendo o curso das PLPs (Promotoras, legais e populares) na Câmara Municipal de São Paulo, o

qual fortalecia a minha militância como mulher negra. Nesse espaço, tive a oportunidade de conhecer Rosângela Martins que foi fazer uma palestra sobre o feminismo negro e, para minha surpresa, esta grandiosa mulher foi quem me ajudou profundamente na minha trajetória na UNEafro. Rapidamente a Rosângela me levou para participar do grupo das mulheres do cursinho, onde desenvolvemos trabalhos muito importantes para a vida das estudantes que chegam e precisam ser acolhidas e buscar o seu fortalecimento como mulheres negras em uma sociedade que negligencia suas vidas.

Hoje sou mestranda em Estudos Literários na UNIFESP/Guarulhos onde desenvolvo uma pesquisa sobre as vozes das mulheres negras nos saraus e slams da cidade de São Paulo. Utilizo essa pesquisa para as minhas aulas no cursinho em busca de levar aos estudantes maneiras de se apropriarem das manifestações artísticas e sociais de suas comunidades e entender a literatura como algo ao alcance de todos.

Desde a minha entrada na UNEafro e, até hoje, uma parte significativa da minha vida é voltada para esse trabalho que vai além da necessidade de ajudar. Participar da UNEafro foi a maneira que eu encontrei na militância para lutar com a arma que eu sei bem manusear: a educação. Através dela e dos cursinhos comunitários, eu vejo socialmente um impacto profundo de transformação do povo preto e periférico. O saber sempre foi uma arma de muito poder no mundo. Nesse sentido, é minha obrigação continuar o nosso legado, ou seja, proporcionar todo o conhecimento a que eu tenho acesso para minhas irmãs e irmãos e, assim, garantir a nossa sobrevivência, permanência no mundo e evolução.

Estudar no Brasil ainda é um privilégio, temos que conviver com a ideia de que os ricos desde o seu nascimento têm a sua vaga garantida no ensino superior público, sendo que somos nós, pretos e periféricos, que pagamos com o suor do trabalho dos nossos ancestrais – e hoje com o nosso – para que eles desfrutem desses benefícios. No entanto, isso não significa que aceitamos essas condições, por isso lutamos, nos organizamos e utilizamos nossas tecnologias para mudar a história. Desse modo, o cursinho comunitário vem se tornando cada vez mais importante para essa transformação. Nossos ancestrais há sécu-

los já se organizavam e sabiam a importância de sempre resgatar e viver e o saber. Foi assim que eles sobreviveram e deixaram os seus conhecimentos para que fizéssemos deles uma das maneiras de resistir às tormentas das desigualdades.

Em uma sociedade que precisa lutar diariamente contra o genocídio da população negra, o cursinho comunitário faz com os que jovens tenham a possibilidade de sonhar com o seu futuro e de sua família antes que sua vida seja interrompida pelo sistema genocida. Quando um jovem negro periférico entra numa universidade, ele carrega consigo uma rede de pessoas que o ajudaram nesse processo. Reconhecer isso é saber que a vida em comunidade para o nosso povo é de muita importância. Portanto, a ação da UNEafro é efetiva porque todos os participantes trabalham juntos na construção da entrada, permanência, continuidade profissional e social desses estudantes, pois é necessário que eles reconheçam a importância desse movimento na vida de outros jovens e retornem para suas comunidades para continuar o trabalho.



Kaio Gabriel Gameleira da Silva

NÚCLEO TEREZA DE BENGUELA, ITAQUERA, SÃO PAULO/SP

“Fizemos mobilizações, reuniões e atos e mais atos, fomos atrás dos responsáveis pela decisão que seria extremamente prejudicial para nós, e no fim nós obtivemos a vitória, conseguimos com que o nosso auxílio permanecesse até o final do ano. Foi lindo, foi histórico!”

Iniciei a minha trajetória com a UNEafro Brasil quando tinha 17 anos. Estava terminando o 2º ano do ensino médio, e já pensava como faria para passar no vestibular, tendo que trabalhar ao mesmo tempo. As coisas em casa tinham ficado apertadas. Foi um primo meu quem me enviou um link de inscrição para o cursinho da UNEafro Brasil, no qual me oferecia uma bolsa permanência, pela prefeitura de São Paulo, para que eu pudesse frequentar as aulas. Esse foi um momento de grande alívio, vi uma oportunidade grande ali. Iniciei no cursinho em 2017, no núcleo Tereza de Benguela, em Guaianazes, e ali me encantei, pelo envolvimento dos professores e coordenadores, que se empenhavam ao máximo para que nós alunos tivéssemos toda estrutura possível. Eles nos davam muito amparo. Todos se ajudavam, fazíamos lanches coletivos já que as aulas eram aos sábados e passávamos o dia todo lá. Lembro-me de amigos que sempre quando eu não havia entendido a matéria eles vinham no intervalo ou em outro momento disponível para me ajudar naquilo que eles acabavam tendo maior facilidade. Essa coletividade só foi aumentando no decorrer do ano. Fazíamos tudo no famoso “nóis por nós!”

Nosso sistema educacional ainda hoje é falho, e de certo modo acaba mais se aparentando com o sistema prisional, não apenas por as escolas serem cheias de grades em todos os lugares, mas também por restringir a liberdade. Não há em muitas instituições o desenvolvimento do pensamento crítico, mas há a competição, que é pregada de maneira intensa no ambiente escolar. Observei por experiência própria que na educação po-

pular temos uma abordagem totalmente diferente, no qual há o progresso do estudante. O trabalho coletivo ajuda muito nisso, a ideia de competição, ainda que tenhamos que prestar o vestibular, que é uma disputa em si, no cursinho some. No núcleo a dinâmica era totalmente diferente da escola, além das aulas tínhamos discussões em grupos sobre questões que nos eram pertinentes, como o porquê do vestibular ser tão excludente, do porque a USP ainda não ter aderido ao sistema de cotas. Costumo dizer que é nestes momentos que fazíamos a nossa terapia coletiva, podíamos nos envolver cada vez mais e podíamos expor nossas ideias, fazer uma troca entre nós.

Preciso contar uma história. No meio do ano de 2017, nós recebemos a notícia de que o auxílio permanência seria cortado, isso acabou gerando um abalo para a turma, pois dependíamos desse auxílio para continuar estudando. Trabalhar e estudar era algo muito difícil e iria prejudicar nossos estudos, nosso foco, podendo até ter que largar o cursinho. Além de tudo, era esse dinheiro nos auxiliava na locomoção, na ajuda em casa e entre tantas outras coisas. Então, nós estudantes nos organizamos e se reunimos, para então discutir como iríamos revogar essa decisão: decidimos ir à luta, teria resistência! Fizemos mobilizações, reuniões e atos e mais atos, fomos atrás dos responsáveis pela decisão que seria extremamente prejudicial para nós, e no fim nós obtivemos a vitória, conseguimos com que o nosso auxílio permanecesse até o final do ano. Foi lindo, foi histórico!

No Brasil, quando falamos sobre desigualdade, sabe-se que a população negra é a mais afetada, seja no contexto econômico ou social, a juventude negra é o principal alvo do genocídio brasileiro (71,5%), e quanto menor o índice de escolaridade, maiores são as chances de ser morto, segundo o Atlas da Violência de 2018. A UNEafro novamente surge, considero eu, como uma das alternativas para a mudança dessas estatísticas, pois está transformando a realidade de muitos jovens que poderiam estar nessas estatísticas, mas estão em universidades, buscando sempre realizar mudanças, produzindo conhecimento, descolonizando. Tenho amigos do cursinho (e também acabo me incluindo nisso) que após o ingresso no ensino superior se envolveram com a educação popular, continuam persistindo e levando a frente a ideia de educação popular. Hoje sou coordenador de um

cursinho popular na Zona Leste, estou nele por entender a importância da educação popular, por já ter vivenciado isso e por acreditar, ainda que em tempos turvos, nessa transformação, no impacto que isso causa!

Aula
inaugural.
2017

Aula pública.
Novembro
de 2010.





**Aula inaugural
na Faculdade
de Direito da
USP. 2017**



Renato Abramowicz Santos

NÚCLEO NOVA PALESTINA, JD. ANGELA, SÃO PAULO/SP

“Nessa construção coletiva, aquele espaço surge mais do que uma sala de aula onde o conteúdo é passado, ele se transformou e se tornou ambiente de troca, de aprendizado e de socialização de outras formas possíveis de conviver e aprender. Ali, diferentes realidades e trajetórias se encontram articulando a luta por acesso à educação à luta por moradia”.

Em 2019, estamos iniciando o quinto ano do nosso núcleo “Vila Nova Palestina” da UNEafro, situado na ocupação de mesmo nome ligada ao MTST, localizada no Jardim Ângela, zona sul de São Paulo. De uma parceria entre esses dois movimentos, nasceu nosso núcleo. Construir e desenvolver um cursinho popular dentro de uma das maiores ocupações do país e na relação com um grande movimento social não é tarefa simples. Agregar, conciliar e respeitar as diferentes histórias, tradições e perspectivas são um desafio permanente do qual buscamos retirar a energia para nos manter e continuar.

Nossas aulas acontecem no barracão de madeira da ocupação, um espaço importante para o cotidiano da ocupação onde muitas outras atividades e eventos ocorrem juntando muitas outras pessoas que vivem e passam por ali. Por estarmos nesse território, sempre participaram de nosso cursinho jovens e adultxs pretxs, pobres, periféricxs ligadxs, de alguma forma, ao MTST. Por conta disso, trazem uma bagagem, acúmulo e repertórios muito valiosos, que se fazem presente na mistura e construção cotidiana do cursinho, tornando-o ainda mais diversificado e potente.

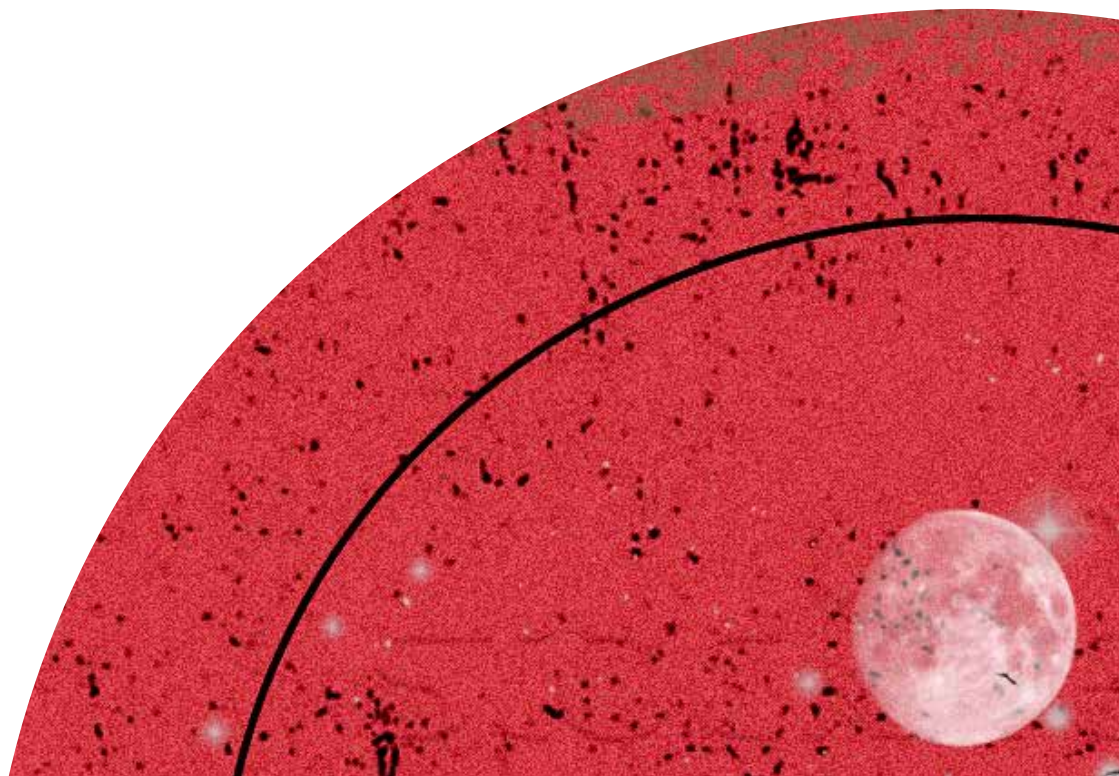
Nessa construção coletiva, aquele espaço surge mais do que uma sala de aula onde o conteúdo é passado, ele se transformou e se tornou ambiente de troca, de aprendizado e de socialização de outras formas possíveis de conviver e aprender. Ali, diferentes realidades e trajetórias se encontram articulando

a luta por acesso à educação à luta por moradia. Nesse sentido, a estratégia de ocupação se torna instrumento político comum: ocupar espaços que foram negados na busca por conhecimento e direitos faz parte da mesma luta de ocupar como forma de conquistar uma casa digna para si e para os seus. E assim, seguimos em frente e estamos juntxs nessas e em outras ocupações da vida e do mundão!

Parabéns à UNEafro! Orgulho e respeito de participarmos dessa história e construção!

Vida longa!

E Marielle presente!





UNEAfro Brasil



Vanessa Nascimento

NÚCLEO UNEAFRO MOGI, JUNDIAPEBA, MOGI DAS CRUZES/SP

“Nessa construção coletiva, aquele espaço surge mais do que uma sala de aula onde o conteúdo é passado, ele se transformou e se tornou ambiente de troca, de aprendizado e de socialização de outras formas possíveis de conviver e aprender. Ali, diferentes realidades e trajetórias se encontram articulando a luta por acesso à educação à luta por moradia”.

Foi no início de 2006 que me cansei de encher o bolso do patrão, pedi demissão, peguei o trem na estação Estudantes, em Mogi das Cruzes, e fui para São Paulo, para a sede da Educafro. Pela primeira vez, saí da bolha. Foi o ano da tomada de consciência racial, de encontros com a herança cultural, religiosa e com a veracidade histórica. Somente aos 24 anos descobri que todo o racismo que foi incutido na nossa sociedade me fez crescer sem entender direito quem era, achando que cotas raciais eram esmolhas, sem conseguir enxergar meu perfil de beleza na mídia. Só aos 24 descobri que eu não era morena, e sim negra.

No final de 2008, saímos da Educafro e, em 5 Março de 2009, fundamos a UNEafro Brasil. Há 11 anos, dedico parte de minha vida à construção de um movimento em que as pessoas unem forças para proporcionar experiências de reconhecimento e reencontro de negros e negras com suas raízes.

Desde 2010 faço parte da coordenação do núcleo de cursinho pré-vestibular em Mogi que, assim como muitos núcleos da UNEafro, tem como seu coordenadores/as ex-alunos/as. Isso é uma das coisas que acho foda no movimento. As pessoas têm suas vidas transformadas e voltam pra ajudar a transformar novas vidas. Isso é lenha para a locomotiva continuar.

Nos primeiros anos da UNEafro, quando éramos jovens, as aulas públicas eram mensais. Levávamos lousa, cadeiras, bandeiras, panfletos, microfones e caixa de som para alguma praça ou calçadão de São Paulo e dávamos a aula. Parte das coisas nas costas, outras iam “socadas” dentro de um Celta, que hoje

infelizmente jaz na ferrugem. Passados alguns meses, passamos a realizar a nossa Aula Pública e também a participar de atos e marchas históricas: em Março, o dia 8 de Luta das Mulheres; em Maio, o dia 1º do/a Trabalhador/a e o dia 13 da Falsa Abolição; em Setembro, o dia 7 do Grito dos Excluídos; em Novembro, o dia 20 da Consciência Negra. Além das ocupações em shoppings e/ou secretarias de segurança. Desde sempre, todas as nossas ações são em combate ao racismo, à violência policial, à violação aos direitos.

Além do núcleo, ajudo a construir a UNEafro a partir do escritório central, coordenando a parte administrativa, burocrática e estrutural. Sempre fiz parte, junto com outros/as companheiros/as, da chamada ‘turma do só se fode’. Em todas as atividades, éramos os primeiros a chegar e os últimos a sair. A gente sua um bocado, mas o sucesso no final de cada atividade sempre é impagável.

Em 2020, em tempos de isolamento social, continuamos suando. Iniciamos ações que até então nunca tínhamos feito: medidas assistenciais. Ou seja, prover o mínimo necessário à sobrevivência das pessoas. Quando a pandemia chegou no Brasil, todas as ações da UNEafro foram suspensas e todos os esforços foram direcionados para ajudar as famílias dos territórios onde atuamos. Organizamos campanha de arrecadação de recursos para comprar e entregar cestas de alimentos e produtos de limpeza e higiene, assim como ajudar financeiramente os militantes, professores/as e alunos/as que perderam totalmente suas fontes de renda. Foram mais de 7200 cestas de alimentos e produtos de higiene entregues, além de doações de fraldas, roupas e livros.

Ao mesmo tempo em que é desesperador não conseguir atender a todos os pedidos de ajuda, mensagens como essa: “Tem gente que fica abrindo o armário toda hora sem acreditar que é verdade aquilo do armário cheio”, nos dão fôlego pra continuar.

Nesse contexto, começaram a chegar os casos de Covid-19, pessoas que não se sentiam bem e procuravam os atendimentos de saúde nos hospitais, mas ou não eram atendidas ou eram encaminhadas de volta para casa sem orientações. Com as orientações de profissionais da área da saúde, a UNEafro colocou na rua o projeto dos Agentes Populares de Saúde para atender a

população que não encontrava apoio no Sistema Único de Saúde (SUS). A ideia do projeto não é substituir o sistema de saúde, mas agir de forma complementar para que cidadãos das comunidades saibam como atuar diante da doença ou ainda se prevenir contra ela.

O projeto acontece em 5 territórios: Jardim Mirim, Fazenda da Juta, zona sul e leste de São Paulo, respectivamente; Parque Jurema, em Guarulhos; Montanhão, em São Bernardo do Campo; e Cidade Kemel, em Poá. Além das ações de comunicação para a prevenção da Covid, com cartazes e carros de som nos territórios, há o monitoramento de pessoas com sintomas de Covid-19 e atendimento psicológico.

Assim como todo mundo, tivemos que nos adequar também ao modo virtual e nossas aulas estão acontecendo online, graças à dedicação de militantes e professores/as voluntários/as. Estudantes de qualquer lugar do país podem assistir às aulas. Através de campanhas, conseguimos enviar um kit com apostilas e itens de higiene na casa dos alunos, assim como oferece pacotes de dados de planos de celular para os mais necessitados. Isso sem deixar de “resgatar” as pretas e os pretos que estão ficando pra trás por não terem condições mínimas de dar continuidade aos estudos em casa.

A UNEafro cresceu muito e é respeitada por todos/as por ser construída por pessoas maravilhosas, de todas as cores, gêneros e sabores. Meu respeito e gratidão aos que passaram e aos que permanecem na história da UNEafro Brasil.

Se não a gente, quem?

Se não agora, quando?



Douglas Belchior

NÚCLEO XI DE AGOSTO, CIDADE KEMEL, POÁ/SP

“Sim, reivindicamos esta linda história de resistências e vitórias. Somos continuidade da luta histórica do povo negro por liberdade, por dignidade e pela vida. E continuaremos, até a vitória, aprendendo a ler, para ensinar nossos camaradas.”

Era tarde de quinta-feira, 5 de Março de 2009. Um grupo de cerca de 100 jovens, mulheres e negros, estudantes e ativistas, ocuparam, num ato político e simbólico, a Faculdade de Medicina da USP, uma das mais elitizadas de uma das Universidades Públicas mais desiguais do mundo. Em marcha, os manifestantes fecharam a pistas da Av. Dr. Arnaldo e caminharam para a Av. Paulista, onde, no MASP, encerram o feito histórico: a fundação da União de Núcleos de Educação Popular para Negr@s e Classe Trabalhadora, a UNEafro Brasil.

A UNEafro se construiu nestes 10 anos como um movimento que concilia ação comunitária de educação popular e luta política institucional. São 10 anos de luta coletiva a partir de onde se escreveram histórias de superação na vida de milhares jovens, negras, negros e periféricos.

Nosso primeiro escritório era na Rua da Abolição, um lugar muito simbólico para nós. Primeiro, por ser um bairro historicamente negro, que tem essa história de identidade forte, o povo negro do Bixiga, com a presença da escola de samba e aquela coisa toda. Nós temos ali perto também as escadarias do Teatro Municipal, um espaço de muita energia porque é ali que os negros na década de 1950 se encontravam no domingo à tarde pra combinar os bailes. Já na década de 1970, esse espaço de resistência, de presença negra, também foi o espaço escolhido para a refundação do movimento negro, o ressurgimento do Movimento Negro Brasileiro, em plena ditadura militar em 1978, também lá na escadaria. A UNEafro é a continuidade de uma luta histórica do povo negro no Brasil, da diáspora africana. É uma organização, entre tantas outras, que reinvidica a ancestralida-

de africana e a cultura africana. Os cursinhos que nós organizamos agora, a Frente Negra Brasileira já fazia no início do século XX, com seu curso de alfabetização para adultos, logo depois do fim da escravidão.

A cidade de São Paulo realmente é um grande pólo econômico e político deste país, mas é preciso lembrar que cada palmo de dessa cidade, cada cada prédio, tem sangue, tem suor, tem lágrimas e tem muita força, tem muita vida do povo negro. É um espaço que nós construímos, nós construímos sua riqueza, sua beleza e sua cultura, mas também é um espaço de muita opressão e muito racismo. É um espaço em que a gente tem muita dificuldade de aprofundar políticas de luta contra o racismo.

Enquanto organização do movimento negro, escolhemos enfrentar o racismo, a violência do estado e da polícia, o genocídio negro, o machismo, a Lgbtfobia e as desigualdades sociais e econômicas através da ação direta na vida das pessoas, no dia a dia das comunidades marcadas pelos conflitos e pela violência, através de um trabalho permanente e comunitário de prática da educação popular. A principal missão da UNEafro é tirar o corpo negro e pobre da linha do tiro, do contingente encarcerado pelo estado, da fila do hospital e dos números das estatísticas da violência. Para isso, desenvolvemos ações que buscam oferecer oportunidades de estudo e trabalho, sempre acompanhadas por uma formação cidadã permanente, justamente para que esses jovens alcancem o entendimento sobre os motivos que geram tanta violência, desigualdade e injustiça.

A partir deste exercício, o passo seguinte é o do estímulo ao enfrentamento dos desafios, a superação das dificuldades através da organização política, do estudo, do trabalho coletivo, sempre em busca de melhorias concretas para a vida de cada um dos que passam pela UNEafro, bem como das comunidades onde os trabalhos se desenvolvem.

Em 10 anos de trabalho, centenas de professores voluntários, o pilar fundamental do projeto, se engajaram. Mais de 15 mil estudantes foram atendidos. Centenas de jovens negras, negros e pobres chegaram em universidades, conseguiram melhores empregos, aumentaram suas rendas e mudaram a trajetória histórica de suas famílias. Um número incontável de comunidades e bairros periféricos foram impactados.

A ação política, tão permanente quanto o trabalho de base, se deu com a mesma radicalidade da luta contra o racismo, o machismo e homofobia e as desigualdades sociais. São lutas por reparação histórica e humanitária para o povo negro e indígena, por políticas públicas para o povo negro e periférico, por cotas raciais em universidades, concursos públicos e por políticas públicas transversais a todas as áreas da sociabilidade, pelo fim da polícia militar, da violência do estado e do genocídio negro.

Temos consciência da contribuição histórica desta movimentação para alcançarmos o estágio em que vivemos hoje. Muito mudou, mas muitos desafios permanecem. Se por um lado vemos as conquistas de oportunidades, o acesso de negros a lugares sociais nunca antes navegados, o resgate da autoestima, o empoderamento e a proliferação do ativismo negro. Por outro, vemos a reação odiosa de que somos vítimas, tanto por parte do estado, ocupado por nazi-faci-racistas, quanto pela violência generalizada que contamina a população e proporciona humilhações públicas, linchamentos e assassinatos de negros nas ruas, supermercados, bancos, estações ferroviárias e afins. “Você não pode enfiar uma faca de nove polegadas nas costas de uma pessoa, puxar seis polegadas para fora e chamar isso de progresso!”. A frase de Malcolm X, expressa o caráter e o ceticismo quanto à ideia de progresso racial que vivenciamos nos últimos anos.

O percentual de negros no nível superior deu um salto e quase dobrou entre 2005 e 2015. Em 2005, um ano após a implementação de ações afirmativas, como as cotas, apenas 5,5% dos jovens pretos ou pardos na classificação do IBGE e em idade universitária frequentavam uma faculdade. Em 2015, 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior, segundo o IBGE. Comparado com os brancos, no entanto, o número equivale a menos da metade dos jovens brancos com a mesma oportunidade, que eram 26,5% em 2015 e 17,8% em 2005. Também se sabe através de pesquisas que os anos de ensino influenciam no salário: quanto maior a escolaridade, maior o rendimento do trabalhador. Também nisso nossa comunidade fica pra trás.

Neste lá e cá de avanços e retrocessos, no entanto, a luta dos cursinhos e do movimento negro tem, sim, muitos resultados expressivos. Depois de mais de 15 anos desde as primeiras expe-

riências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017. Apesar do crescimento, os negros ainda não alcançaram o índice de brancos diplomados. Entre a população branca, a proporção atual é de 22% de graduados, o que representa pouco mais do que o dobro dos brancos diplomados no ano 2000, quando o índice era de 9,3%. Uma revolução silenciosa, apesar das limitações. Ou poderíamos dizer: um movimento de retirada da faca que, no entanto, continua cravada nas cotas do povo negro e que, no governo Bolsonaro, tende a ser empurrado de volta até as profundezas de nossa alma.

O acesso aos espaços de formação e o acesso ao conhecimento, o próprio conteúdo educacional sempre foi objeto da prática cotidiana, do desejo e das lutas do povo negro. A contribuição de africanos e seus descendentes para as diversas ciências e áreas do conhecimento humano sempre foi fundamental e remonta tempos e espaços para muito além do período da escravidão ou da relação espacial África-América. No livro “Gênios da Humanidade”, por exemplo, Carlos Eduardo Dias Machado e Alexandra Baldeh Loras nos ajudam a perceber o quanto contribuímos para o avanço da humanidade em todas as suas dimensões.

A história dos cursinhos comunitários e populares organizados por e para a comunidade negra remonta nossa resistência à escravidão e todo o mais de um século desde a abolição. Se houve, em 1824, a lei que proibiu acesso de negros nas escolas públicas que surgiam, é porque existia a demanda por esse direito. No pós-abolição, para além dos fundos de quintal onde as rodas de educação popular se formavam para passar, dos mais velhos aos mais jovens, os conhecimentos ancestrais das religiões africanas, da capoeira e, em seguida, do samba (que logo evoluem para “escolas de samba”), logo se formou o mais ambicioso projeto político negro brasileiro, a Frente Negra Brasileira que, sabemos, tinha como um dos pilares de sua atuação, a alfabetização da população negra.

O Teatro Experimental do Negro, com o multifacetado Abdias do Nascimento, as experiências regionais de organização negra em diversos estados brasileiros até a formação do MNU – Movimento Negro Unificado, em 1978, sempre viram na luta pelo direito à educação uma bandeira prioritária de luta. O Geledés

- Instituto da Mulher Negra, é outra organização, fundada em 1988, que tem como ação principal o enfrentamento ao racismo com foco na mulher negra e com especial olhar para a importância da educação como estratégia de mudança da realidade.

Ainda no final dos anos 80 e início dos 90 surgem iniciativas específicas voltadas para a luta por acesso de negras, negros e pobres em universidades. O Núcleo de Consciência Negra na USP (1988), em São Paulo; O Instituto Steve Biko (1992), na Bahia; O PVNC – Pré-Vestibular para Negros e Carentes (1992), no Rio; A Educafro – Educação e Cidadania para Afrodescendentes e Carentes (1998); e, como irmã mais nova, a UNEafro Brasil, fundada em 2009. Cito aqui apenas as que se constituíram em redes e movimentos, mas foram muitas e diversas as experiências de organização política negra e periférica em torno da luta por educação e acesso à universidade. Este foi o movimento social e político que fortaleceu nas ruas, ao lado do movimento negro geral, a defesa por políticas públicas para a comunidade negra, sobretudo a disputa na sociedade por cotas raciais nas universidades, pelo Estatuto da Igualdade Racial e pela Lei 10639 – História da África, dos africanos e sua cultura nas escolas.

Registros das experiências históricas do povo negro organizado em luta por acesso à educação, universidade e melhoria de vida a partir dos cursinhos comunitários e populares podem ser verificados em trabalhos acadêmicos de importantes estudiosos contemporâneos tais como Cloves Alexandre de Castro, Lajara Janaina Lopes Corrêa, Alexandre do Nascimento, Nadir Zago, Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, Marco Antonio Betinne e Livia Santos e Livia Santos, Flavia Mateus Rios.

Sim, reivindicamos esta linda história de resistências e vitórias. Somos continuidade da luta histórica do povo negro por liberdade, por dignidade e pela vida.

E continuaremos, até a vitória, aprendendo a ler, para ensinar nossos camaradas.

Vida longa à UNEafro Brasil!




Encontro do Circuladô de Oyá (grupo de formação mulheres negras). 2019





Aula inaugural na USP.
2017 e 2019





Este livro foi composto com as famílias tipográficas Boisu, Graphik e Stinger. Foi impresso em 2021 pela gráfica Rettec Artes Gráficas e Editora Ltda, com miolo em papel Off-set 120g, capa em Supremo 250g e sobrecapa em Couche Fosco 170g.

E ainda não sabemos quem mandou matar Marielle Franco (1979-2018).

